



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DAS ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA

**Viana de Lima: O Ante-Plano de Urbanização de
Bragança**

Tiago André Gonçalves Fernandes Castanheira Pinto

Orientação: Prof. João Belo Rodeia

Mestrado Integrado em Arquitectura

Dissertação

Évora, 2017

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DAS ARTES

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA

Viana de Lima: O Ante-Plano de Urbanização de Bragança

Tiago André Gonçalves Fernandes Castanheira Pinto

Orientador: Prof. João Belo Rodeia

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

Évora, 2017

RESUMO

O Ante-Plano de Urbanização de Bragança realizado por Viana de Lima (1913-1991), em 1963, surge em Portugal num período em que os princípios da *Cidade Radiosa* e da *Carta de Atenas* são determinantes no desenho da cidade, após serem insistentemente citados no *I Congresso Nacional de Arquitectura* de 1948. Constatase a presença da linguagem arquitetónica de Le Corbusier (1887-1965) em quase toda a obra de Viana de Lima. Este facto, juntamente com a sua experiência de participação nos CIAM, liderando o grupo português que assiste a estes congressos, irão certamente influenciar a sua visão e abordagem urbanística.

Embora numa situação periférica no enquadramento nacional, poderá Bragança ter vindo a corresponder à imagem de cidade moderna dos CIAM? Esta dissertação tem como objetivo confirmar neste ante-plano, a influência dos paradigmas da *Cidade Radiosa* e dos CIAM, assim como, perceber que síntese adaptativa dos seus princípios é feita no contexto desta cidade.

VIANA DE LIMA: THE ANTE-PLAN OF URBANIZATION OF BRAGANÇA

The Ante-Plan of Urbanization of Bragança carried out by Viana de Lima (1913-1991), in 1963, appears in Portugal at a time when the principles of the *Radiant City* and the *Athens Charter* are decisive in the design of the city, after being insistently cited in the I National Congress of Architects of 1948. The presence of the architectural language of Le Corbusier (1887-1965) in almost all the work of Viana de Lima is verified. This fact, along with the experience of participating in the CIAM, leading the Portuguese group attending these congresses, will certainly influence his vision and urban approach.

Although in a peripheral situation within the national framework, could Bragança have come to correspond to the image of the modern city of CIAM? This dissertation aims to confirm in this ante-plan the influence of the paradigms of the *Radiant City* and the CIAM, as well as to realize which adaptive synthesis of its principles is done in the context of this city.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor João Belo Rodeia a orientação, o interesse demonstrado e a disponibilidade para acompanhar este trabalho.

Ao professor João Soares e ao arquiteto Sérgio Fernandez.

Aos meus pais, pela paciência e apoio incondicional.

Às minhas tias Sílvia e Aurora.

A todos os que me acompanharam e apoiaram neste processo, sobretudo a Joana Coutinho, Vanessa Franco, Filipa Vidal, Luís Torradas, Jared Miguel, Ana Bernardino e Carolina Estorninho.

ÍNDICE

Resumo/ Abstract

INTRODUÇÃO

Objeto/ Objetivos	1
Metodologia	1
Estado da Arte	3
Justificação da Escolha do Tema	7

1. PARTE I

1.1. Aproximação à Arquitetura e ao Urbanismo do Movimento Moderno	9
1.2. Aproximação à Arquitetura e ao Urbanismo do Movimento Moderno em Portugal	45

2. PARTE II

2.1. Viana de Lima	69
2.2. Bragança	83

3. PARTE III

Caso de Estudo: O Ante-Plano de Urbanização de Bragança	95
---	----

4. CONCLUSÕES

113

5. ANEXOS

5.1. Anexo 1. Entrevista ao Arquiteto Sérgio Fernandez	115
5.2. Anexo 2. Cronologia	131
5.3. Anexo 3. Desenho: Plano de Urbanização de Januário Godinho	147
5.4. Anexo 4. Desenho: Ante-Plano de Urbanização de Viana de Lima	149
5.5. Anexo 5. Memória Descritiva do Ante-Plano de Urbanização de Bragança de Viana de Lima	151

6. CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES

169

7. BIBLIOGRAFIA

177

INTRODUÇÃO

OBJETO

O objeto desta dissertação é o ante-plano de urbanização de Bragança realizado pelo arquiteto Alfredo Evangelista Viana de Lima em 1963.

Palavras-chave:

Viana de Lima

Ante-Plano de Urbanização de Bragança

Le Corbusier

OBJETIVOS

A presente dissertação tem como principal objetivo o estudo do ante-plano de urbanização de Bragança, procurando demonstrar a influência de Le Corbusier e dos paradigmas da *Cidade Radiosa* e dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna) na sua elaboração, assim como, perceber que síntese adaptativa desses princípios é feita no contexto (económico, social, cultural e geográfico) da cidade.

Esta dissertação pretende ser, também, um contributo para o estudo e reflexão da obra de Viana de Lima, perante a escassez de investigação sobre o seu trabalho e tendo em conta a importância que o arquiteto tem na história e na cultura arquitetónica portuguesa como pioneiro do Movimento Moderno.

Por último, acresce o contributo para o conhecimento do urbanismo do Movimento Moderno em Portugal.

METODOLOGIA

O trabalho divide-se em três partes. A primeira parte corresponde a uma aproximação à arquitetura e ao urbanismo do Movimento Moderno, na Europa e em Portugal. A segunda parte corresponde à apresentação biográfica/monográfica de Viana de Lima e da cidade de Bragança. A terceira parte corresponde ao caso de estudo, o ante-plano de urbanização de Bragança de Viana de Lima.

A primeira parte subdivide-se em dois momentos: o primeiro dedicado à aproximação à arquitetura e ao urbanismo do Movimento Moderno na Europa, onde se destaca o contributo de Le Corbusier, incluindo a *Cidade Radiosa*, a *Carta de Atenas* e os CIAM, sendo que o conhecimento, o estudo e a apresentação destes modelos e os seus princípios foram indispensáveis para a elaboração deste trabalho; no segundo faz-se uma apresentação do contexto em que se desenvolve o Movimento Moderno em Portugal, situando a vida e obra de Viana de Lima e mais concretamente este ante-plano, no enquadramento nacional.

Na segunda parte, a monografia de Viana de Lima, enfoca sobretudo os grandes momentos no seu percurso onde a influência de Le Corbusier é determinante, demonstrando o conhecimento aprofundado que tem do mestre suíço e da facilidade que tem em manusear a sua linguagem. Concentrei-me em quatro momentos específicos: Casa Cortez (1939), CODA (Concurso de Obtenção do Diploma de Arquitecto – 1941), a sua tese *O Problema Português da Habitação* para o I Congresso Nacional de Arquitectura (1948) e as suas manifestações em conjunto com o coletivo ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos, 1947-1952) e com o grupo CIAM-Porto (1952-1956). Esta segunda parte subdivide-se também na monografia de Bragança, onde se faz uma introdução ao seu contexto histórico e à sua situação geográfica, social, cultural, etc.

Assim, parte-se para o caso de estudo, o ante-plano de urbanização de Bragança, correspondente à terceira e última parte do trabalho. Com base na análise da cartografia, memórias-descritivas, correspondência, entre outros elementos, pretende comprovar-se a existência dos modelos e princípios atrás estudados e de que forma Viana de Lima os adapta ao contexto da cidade.

A investigação bibliográfica foi transversal a todos os momentos e partes deste trabalho, para a qual contribuiu a consulta em bibliotecas e instituições, das quais destaco a Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, a Biblioteca da Ordem dos Arquitectos e a Biblioteca do Colégio dos Leões da Universidade de Évora.

A investigação em arquivos documentais revelou-se fundamental para a aquisição de documentos escritos e desenhados relativos ao ante-plano de urbanização de Bragança (memórias descritivas, correspondência, fotografias, cartografia, e outras peças escritas e desenhadas) importantíssimos para o estudo de caso. As instituições consultadas para este efeito foram o Arquivo Municipal de Bragança (processos relativos ao ante-plano de urbanização e de toda a obra de Viana de Lima em Bragança – Escolas Primárias, Hospital Regional, Conjunto Habitacional do Toural, Edifício Multiusos do Montepio, Estádio Municipal, Escola e Lar de Enfermeiras, entre outros) e o Centro de Documentação da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (fundo Viana de Lima e fundo Januário Godinho).

A entrevista ao Arquiteto Sérgio Fernandez (1937), que colaborou com Viana de Lima a partir de 1958 até meados da década de 1960, contribuiu para complementar e comprovar a informação existente.

Por último, as visitas a Bragança e a locais específicos desta intervenção ajudaram também à compreensão do caso de estudo e ao levantamento de informação gráfica e fotográfica.

ESTADO DA ARTE

São escassas as referências ao ante-plano de urbanização de Bragança de Viana de Lima e, não existindo nenhum estudo sobre o mesmo, não é possível realizar o estado da arte. No entanto, há algumas obras que referem parcelarmente o seu trabalho, das quais destaco *Viana de Lima e a Introdução da Arquitectura Moderna em Portugal – Ensaio Sobre a Casa Cortez* de João Campos¹. Esta é a publicação mais detalhada que encontramos sobre a obra de Viana de Lima, embora se dedique maioritariamente à Casa Cortez. *Viana de Lima: arquitecto 1913-1991*², catálogo da exposição que lhe foi dedicada em 1996 pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Árvore – Centro de Actividades Artísticas, C.R.L., é a maior obra monográfica sobre o arquiteto, no entanto, é ainda insuficiente no vasto conjunto da sua produção, não referindo sequer o ante-plano de urbanização de Bragança³.

Para a elaboração deste trabalho foi absolutamente fundamental a análise da *Cidade Radiosa*⁴ de Le Corbusier. Esta obra é uma compilação de várias ideias e projetos que Le Corbusier vai formulando ao longo da década de 1920 e 1930 e que irão constituir a base de muitos dos princípios dos CIAM e da *Carta de Atenas*, determinantes no urbanismo do Movimento Moderno.

*The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*⁵, constituiu uma obra igualmente importante para este trabalho. Eric Mumford faz uma análise detalhada dos CIAM e de todos os encontros preparatórios e eventos relacionados, permitindo perceber de que

¹ João Campos, *Viana de Lima e a Introdução da Arquitectura Moderna em Portugal – Ensaio sobre a Casa Cortez*. Porto: Urbateller – Arquitectura e Construção, 2011. P. 10

² Amândio Fernandes Secca (coordenador geral), *Viana de Lima: arquitecto 1913-1991*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Árvore, 1996

³ Pedro Vieira de Almeida, no seu texto para este catálogo, apenas faz referência a alguns planos de uma forma muito sintetizada, como o ante-plano de urbanização de Vila Verde (1955), o ante-plano de urbanização de Valença (1960) e o plano de urbanização da Pasteleira Norte no Porto (1977/80).

Ver Pedro Vieira de Almeida, "Viana de Lima" in *Viana de Lima: arquitecto 1913-1991*, op. cit., pps. 87-90

⁴ Le Corbusier, *The Radiant City: Elements of a doctrine of urbanism to be used as the basis of our machine-age civilization* [*La Ville Radieuse: Elements d'une doctrine d'urbanisme pour l'équipement de la civilisation machiniste*]. Nova Iorque: The Orion Press, 1967 [1933].

⁵ Eric Mumford, *The Ciam Discourse on Urbanism. 1928-1960*. EUA: MIT, 2000.

forma surgiram e evoluíram estes congressos e que repercussões tiveram na arquitetura do Movimento Moderno.

Parece-me também necessário destacar *A Idade Maior*⁶, de Ana Tostões, que se revelou uma obra essencial para a compreensão da história e da cultura arquitetónica portuguesa do século XX, fornecendo importantes informações sobre a arquitetura e o urbanismo do Movimento Moderno.

JUSTIFICAÇÃO DA ESCOLHA DO TEMA

O principal motivo pelo qual me dediquei a esta investigação foi o facto de não existir qualquer estudo sobre o ante-plano de urbanização de Bragança de Viana de Lima.

Em segundo lugar, pela escassez de investigação e estudos aprofundados sobre a sua obra em geral. Parece-me, também, que Viana de Lima ainda não alcançou a relevância adequada na história e na cultura arquitetónica portuguesa dada a sua importância enquanto pioneiro do Movimento Moderno na arquitetura em Portugal.

⁶ Ana Tostões, *A Idade Maior. Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*. Porto: FAUP, 2015

PARTE I

1.1. APROXIMAÇÃO À ARQUITETURA E AO URBANISMO DO MOVIMENTO MODERNO

Une grande époque vient de commencer.

Il existe un esprit nouveau.

Il existe une foule d'oeuvres d'esprit nouveau; elles se rencontrent surtout dans la production industrielle.

L'architecture étouffe dans les usages.

Les "styles" sont un mensonge.

Le style, c'est une unité de principe qui anime toutes les oeuvres d'une époque et qui résulte d'un esprit caractérisé.

Notre époque fixe chaque jour son style.

Nos yeux, malheureusement, ne savent pas les discerner encore.⁷

A gênese do Movimento Moderno assenta na vontade de transformar uma sociedade profundamente alterada pelo progresso industrial, e da necessidade de substituir as formas tradicionais ultrapassadas, marcando o início de uma nova época.

As novas condições de trabalho e o aumento demográfico das cidades levaram ao sobrelotamento das estruturas tradicionais e, conseqüentemente, à diminuição das condições de habitabilidade e salubridade. As novas dinâmicas decorrentes dos avanços técnicos, o aparecimento do automóvel, o aumento da circulação e do fluxo de pessoas entre as suas habitações e o trabalho e o crescimento da indústria sem qualquer planeamento, causaram a desordem da cidade, que na sua estrutura primitiva, não teria capacidade para acolher todas estas transformações.

A arquitetura do Movimento Moderno motiva-se pela crença de que o arquiteto poderá ter um papel determinante na solução dos problemas sociais e das problemáticas decorrentes do desenvolvimento industrial, apoiando-se nos novos materiais (ferro, aço, vidro e sobretudo o betão armado) e técnicas construtivas, na máquina, na ciência e nas possibilidades que o progresso tecnológico e a industrialização permitem, como a estandardização e a prefabricação.

⁷ Le Corbusier, *Vers Une Architecture*. Paris: Flammarion, 1995. P. 67

Dos novos materiais é de destacar o betão armado pelas suas potencialidades plásticas e construtivas, devido à sua fácil maleabilidade, mas também pela segurança, sendo resistente ao fogo e a pressões extremamente altas. Irá ser o revolucionador da arquitetura e o material protagonista do século XX, adotado amplamente e utilizado como um dos maiores argumentos dos arquitetos do Movimento Moderno, em detrimento das formas associadas ao passado e das tradições locais e regionais:

(...) O betão, a sua estética e a sua vocação de material industrial apátrida, tenderá a ser colocado no crescente debate entre regionalismo e internacionalismo opondo-se aos defensores da construção com materiais e tradições construtivas locais. Levando o argumento ao limite, os defensores do betão armado antecipam na sua visão o desaparecimento de particularidades regionais, arrastadas pelo universalismo do novo material.⁸

A questão da *forma* e da *função* motiva um dos principais debates no despoletar da arquitetura do Movimento Moderno. São dois conceitos que agora se sobrepõem e deixam de estar associados. Numa visão *progressista*, a forma deveria seguir a função e ser decorrente das possibilidades dos novos materiais ou métodos de construção. O funcionalismo e o racionalismo⁹ opõem-se ao formalismo e à ideia de estilo. Resulta na recusa da ornamentação e da utilização de elementos estritamente decorativos.

No âmbito da arquitetura e da cidade, inicia-se uma posição de rutura com a história, recusando a cidade tradicional e as suas formas, como a rua corredor, o quarteirão e a praça. Françoise Choay (1925) divide as concepções de cidade do Movimento Moderno em dois modelos: o modelo *culturalista* e o modelo *progressista*. No modelo *culturalista*, encaixa as concepções da *Cidade Jardim*¹⁰ de Ebenezer Howard (1850-1928) e as propostas de Raymond Unwin (1863-1940), arquiteto urbanista que realizará com Barry

⁸ Ana Tostões, *A Idade Maior. Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*. Porto: FAUP, 2015. P. 69

⁹ Segundo Françoise Choay o conceito de arquitetura racionalista foi “utilizado pelos historiadores da arquitetura (em especial Bruno Zevi) para designar o movimento que se afirma, depois da guerra de 1914, em favor das formas puras (contra o Art Nouveau e sob a influência do Cubismo); ele proscreve qualquer decoração e ornamentação dos edifícios, e preconiza a exploração radical das fontes da técnica e da indústria. Seus principais partidários foram Gropius, Le Corbusier, Mies Van Der Rohe, Oud e Mendelsohn. A arquitetura racionalista chegou numa segunda onda até aos Estados Unidos, pouco antes, mas principalmente depois da II Guerra Mundial. Os arquitetos racionalistas criaram o *estilo internacional*.”

Cf. Françoise Choay, *O Urbanismo [L'Urbanisme: Utopies et Réalités. Une Antologie]*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992 [1965]. P. 19

¹⁰ A *Cidade Jardim [Garden City]* é um conceito de cidade criado por Ebenezer Howard, lançado pela primeira vez na sua obra intitulada *To-Morrow: A Peaceful Path to Real Reform*, em 1898.

“De assentamento possível em terrenos agrícolas onde o solo é economicamente mais acessível, para 32 000 habitantes, com um Palácio de Cristal ao centro e rodeada por uma cintura de terreno agrícola, um *green-belt*. Tratavam-se de pequenas cidades-satélite em torno de uma metrópole, ou em conexão com esta, embora com a vocação de autonomia produtiva. *Garden Cities of To-morrow*, é o mesmo livro, mas com outro título, para uma segunda edição publicada em 1902. Esta proposta contida no livro, é em simultâneo uma proposta de planeamento alternativo ao modelo de cidade dominante e também um veículo de reconstrução progressiva da sociedade capitalista através de uma rede social de cooperação.”

Parker (1867-1947) a primeira *Cidade Jardim* inglesa de Letchworth (1905). O seu ponto de partida crítico não é centrado na situação do indivíduo mas sim na comunidade, no coletivo, no agrupamento humano: “A totalidade (a aglomeração urbana) prevalece sobre as partes (os indivíduos) e o conceito cultural de cidade”.¹¹

Ao modelo *progressista* correspondem as formulações da primeira geração de arquitetos racionalistas, como Le Corbusier, Walter Gropius¹² (1883-1969), Tony Garnier¹³ (1869-1948), entre outros. Este modelo de urbanismo centra-se no indivíduo e rege-se por “um certo racionalismo, a ciência, a técnica [que] devem possibilitar resolver problemas colocados pela relação dos homens com o meio e entre si. Esse pensamento otimista é orientado para o futuro, dominado pela ideia de progresso. (...) O espaço urbano é traçado conforme uma análise das funções humanas. Uma classificação rigorosa instala em locais distintos o habitat, o trabalho, a cultura e o lazer”.¹⁴ O modelo *progressista*, em oposição ao modelo *culturalista*, privilegia o indivíduo-tipo mais que a comunidade-tipo sendo, por isso, normal que as suas pesquisas sejam mais insistentes no domínio do *habitat*.

O tema da habitação marca a arquitetura e o urbanismo do Movimento Moderno, pela procura radical de alternativas às formas de alojamento tradicional, tornando-se o “modo operativo de fazer cidade”¹⁶. A célula habitacional será uma das maiores realizações neste âmbito, funcionando como a unidade base de organização e estruturação da cidade. A partir da sua agregação surgem estruturas como o bloco, a torre, o complexo habitacional e por vezes a moradia unifamiliar. Na cidade tradicional o alojamento era determinado pela forma urbana preexistente (confinava-se à implantação do lote ou do

Este modelo constrói-se a partir de três elementos principais: a moradia unifamiliar, os edifícios públicos (que o campo só por si não possuiria) e o campo (paisagem). Constituiu uma base de ideias para muitas outras conceções de cidade. Cf. Ricardo Carvalho, *Habitat, Habitação Colectiva e Forma Urbana. Construir o Bairro em Portugal, da Cidade-Campo à Cidade Periférica, 1930-1970*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior Técnico, 2013. P. 67

¹¹ Françoise Choay, op. cit. Pp. 11 e 27

¹² Walter Gropius é uma das figuras mais importantes da arquitetura do Movimento Moderno. A sua influência ideológica é comparável à de Le Corbusier, e as suas conceções tiveram pontos em comum durante as décadas de 1920 e 1930, como a racionalização, a pré-fabricação e a standardização. No entanto, a diferença entre os dois mestres está sobretudo na forma como transmitiram as suas ideologias. Le Corbusier divulgava as suas teorias através de manifestos, exposições, revistas e livros, enquanto Gropius se manifestou sobretudo a partir da via académica, como professor, primeiro na Bauhaus (que fundou em 1919) e mais tarde quando se deslocou para os Estados Unidos, na Universidade de Harvard (1937-1952). Cf. Françoise Choay, op. cit., pp. 175-176

¹³ Tony Garnier é responsável pela proposta da *Cidade Industrial* [*Cité Industrielle*] de 1917, lançando ideias que irão ser fundamentais para o urbanismo do Movimento Moderno, como o zonamento da cidade para funções específicas.

“Esta cidade pensada para França procurava reflectir os efeitos da Revolução Industrial e recorreu ao socialismo para estabelecer o seu modo de organização. A *Cidade Industrial* propunha a separação das áreas em *Alojamento, Indústria, Agricultura e Zona Pública* com edifícios do governo, museus, teatros e recintos desportivos. As áreas estavam ligadas entre si com vias pedonais, bem como vias distintas para a circulação automóvel. As áreas habitacionais estavam implantadas de acordo com a orientação do sol e dos ventos.” Cf. Ricardo Carvalho, op. cit. P. 221

¹⁴ Françoise Choay, op. cit. Pp. 8-9

¹⁶ Ricardo Carvalho, *A Cidade Social - Impasse. Desenvolvimento. Fragmento*. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2016. P. 15

quarteirão). Em oposição, na cidade do Movimento Moderno será o alojamento e as tipologias de habitação decorrentes da sua agregação (edifício, bloco, torre) que irão determinar a disposição urbana. O conceito de célula habitacional é não só a reinvenção do conceito de casa, mas também da própria família, face às novas realidades da sociedade. Neste novo sistema habitacional, a separação entre individual e coletivo, e entre público e privado é cada vez mais vincada:

A casa (...) deixa de ser o lugar onde se vive e se trabalha, onde se está em permanência, para se cingir exclusivamente ao lugar da família, o lugar da intimidade, por oposição ao carácter colectivo do espaço exterior que progressivamente se assumia como público. (...) A habitação tornara-se sinónimo do espaço privado, em contraponto ao espaço colectivo – as ruas e praças da cidade, que se tornava maior e mais anónima.¹⁸

A resolução das necessidades das classes trabalhadoras vai ser para os primeiros arquitetos do Movimento Moderno a possibilidade de explorar estes novos temas, como a habitação coletiva, na tentativa de restabelecer o espírito comunitário perdido na cidade industrial. Neste especto, o aparelho de Estado ou a nação, irá funcionar como o principal promotor:

O Estado, na nova vida em sociedade, passa a corporizar a ordem racional absoluta e a grande cidade, a metrópole, parece ser a consubstanciação espacial desse sistema. Esta passagem da estrutura de comunidade à estrutura de sociedade vai permitir que o Estado se ocupe, e por extensão os arquitectos, pela primeira vez de modo sistemático, de temas intrínsecos à arquitectura como a habitação, o espaço público e as infraestruturas de uso colectivo e a paisagem – numa palavra o habitat.¹⁹

As matrizes da *Cidade Jardim* ou da *Unidade de Habitação* inscrita na *Cidade Radiosa* encontram no Estado o principal promotor.

As mais importantes realizações da arquitetura do Movimento Moderno podem ser divididas em dois momentos do século XX²⁰. O primeiro, situado entre as duas grandes guerras, é o período das grandes formulações teóricas e experimentações que se opõem às formas do urbanismo anterior. Deposição de todas as crenças na máquina,

¹⁸ Ricardo Carvalho, *Habitat, Habitação Colectiva e Forma Urbana. Construir o Bairro em Portugal, da Cidade-Campo à Cidade Periférica, 1930-1970*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior Técnico, 2013. P. 53

¹⁹ *Ibidem*, p. 79

²⁰ José M. Ressano Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000 Pp. 297-300

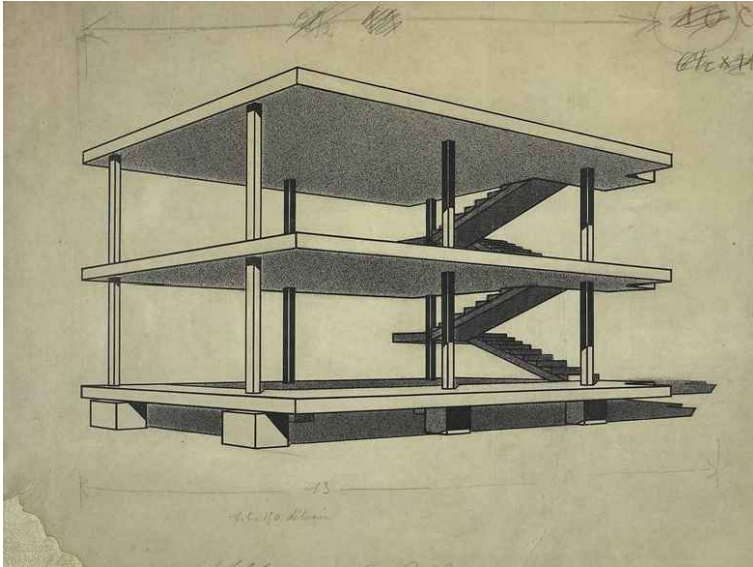


Fig. 1. Le Corbusier, *Maison Dom-ino*, 1914



Fig. 2. Le Corbusier, *Maisons Monol*, 1919

na ciência e na tecnologia e de que o urbanismo formal²¹ e as estruturas urbanas tradicionais não podem ajudar a responder aos problemas do século XX. Realizam-se as primeiras experiências de destruição e abandono do quarteirão, da rua e da praça, numa rutura radical com a cidade tradicional. A cidade deixa de se estruturar pela mistura funcional para passar a ser definida por zonamentos rígidos com funções específicas. Os CIAM (Congressos Internacionais da Arquitectura Moderna) funcionam a partir de 1928 como o principal difusor destes ideais.

O segundo período é equivalente ao intervalo do segundo pós guerra até aos anos sessenta. A reconstrução das cidades e as graves necessidades habitacionais consequentes da destruição da guerra obriga à construção de habitação, bairros, novas cidades e à reconfiguração de centros urbanos a uma velocidade nunca antes conhecidos. O urbanismo formal acaba com o final da II Guerra Mundial. A partir daí os princípios do urbanismo do Movimento Moderno passam a ser amplamente aplicados, por serem modelos mais fáceis, rápidos e de baixo custo para a reconstrução das cidades.

A evolução da cidade do Movimento Moderno passou por várias etapas, debates e hipóteses como a *Cidade-Jardim*, a *Unidade de Vizinhança* ou o urbanismo anglo-saxónico, as experiências holandesas, alemãs e austríacas dos anos vinte-trinta, as propostas de Le Corbusier, o racionalismo e funcionalismo da *Carta de Atenas*, os postulados e conclusões dos CIAM, etc. Todas estas propostas tinham, no entanto, uma particularidade em comum, a recusa da cidade tradicional, das suas formas e da sua configuração e a procura de novos modelos de organização do espaço urbano²².

LE CORBUSIER

Charles Édouard Jeanneret, conhecido pelo seu pseudónimo Le Corbusier, desperta o seu interesse pelo planeamento urbano em meados da década de 1910. Inicia uma série de investigações que irão culminar em obras e manifestos que terão influência preponderante na arquitetura do Movimento Moderno. As suas teorias relacionadas com a racionalização da construção e a habitação a custo reduzido começam a manifestar-se com a criação do sistema estrutural *Dom-Ino*. [Fig.1] Este sistema é baseado numa estrutura em betão armado que permite a supressão das vigas das estruturas tradicionais. É a premissa daquilo que vem a denominar mais tarde como planta livre (*plan libre*) em 1925-26. Com base neste sistema desenvolve um protótipo de casa, a *Maison Dom-*

²¹ No urbanismo formal, ao contrário do urbanismo do Movimento Moderno, ainda há uma vontade de continuação com os espaços da cidade antiga e ainda se recorre a referências dos séculos anteriores.

Cf. José M. Ressano Garcia Lamas, op. cit., loc. cit.

²² José M. Ressano Garcia Lamas, op. cit., loc. cit.

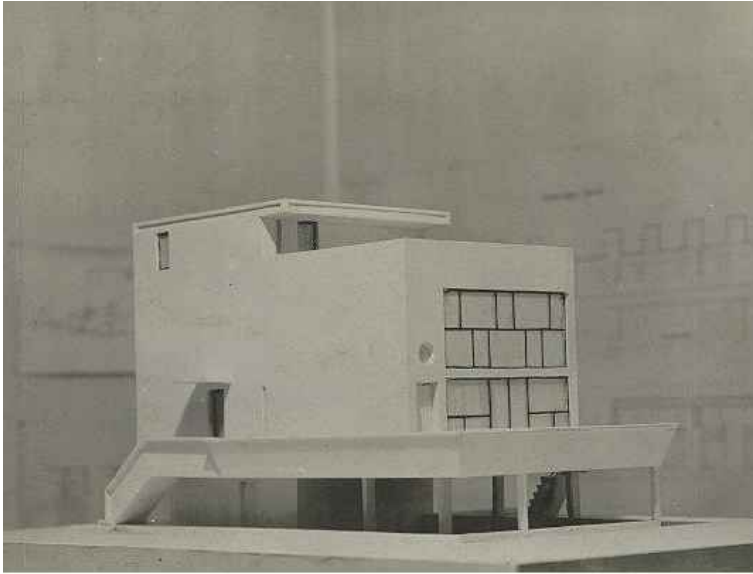


Fig. 3. Le Corbusier, segunda versão da *Maison Citrohan* (elevada sobre *pilotis*), 1922

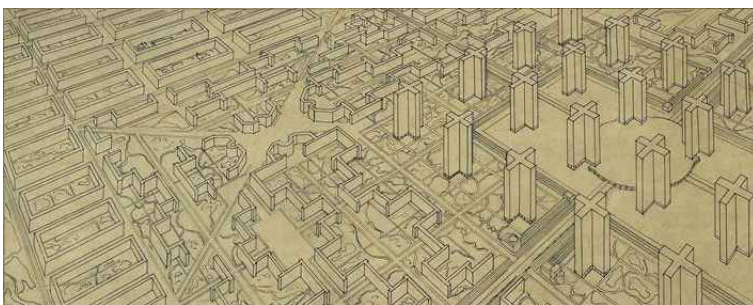


Fig. 4. Le Corbusier, *Une ville contemporaine de 3 millions d'habitants*, 1922

Ino (1914), que irá evoluir para outros modelos como as *Maisons Monol* (1919) [Fig.2] e a *Maison Citrohan* (1920-1922). [Fig.3] Todas elas assentam em ideias como a estandardização, a pré-fabricação e a produção em série. Os seus sistemas estruturais - *ossatura* – compostos a partir de elementos estandardizados, permitem diferentes combinações e conseqüentemente uma diversidade de disposições do interior e de agrupamento entre elas. Estas ideias coincidem, também, com a preocupação em encontrar soluções para realojar a população no período de reconstrução decorrente da I Guerra Mundial.

É na revista *L'Esprit Nouveau*, que funda com Amédée Ozenfant (1886-1966), em 1920, que desenvolve as suas teorias relacionadas com a estética maquinista do Purismo²³, direcionadas a todas as formas de expressão plástica mas que vão fomentar muitos dos seus princípios relativos à arquitetura e ao urbanismo. Após a dissolução da revista, publica *Vers Une Architecture* (1923), que compila grande parte das suas ideias até então formuladas.

As suas teses de urbanismo começam a ganhar forma a partir do estudo *Une Ville Contemporaine de 3 Millions d'Habitants (Plano de cidade contemporânea para três milhões de habitantes)* [Figs.4-5], apresentado em 1922, no *Salon d'Automne (Salão de Outono)* de Paris. Este projeto tinha como princípios fundamentais o “descongestionamento dos centros das cidades, o aumento da densidade, o aumento dos meios de circulação e o aumento das superfícies ajardinadas”.²⁴ A alta densidade permitiria a redução das distâncias e, conseqüentemente, asseguraria a rapidez de comunicação. A cidade possuía no seu centro uma gare de transportes que permitia a aterragem de aviões-táxi e de onde partia uma autoestrada, na direção norte-sul e este-oeste, para trânsito de veículos rápidos. Era composta por uma série de blocos residenciais sobre os quais se destacavam, na zona central, as torres cruciformes de escritórios que poderiam conter entre 10.000 a 50.000 funcionários. Na base destas torres e nas suas imediações abria-se uma grande praça com parques e jardins e onde estariam localizados os equipamentos recreativos como cafés, restaurantes, lojas, teatros, cinemas, etc. A área industrial era servida por um dos braços da grande artéria de trânsito, com docas e estações ferroviárias de mercadorias e armazéns. A cidade encontrava-se envolvida por uma zona livre, bosques e campos e, na periferia, desenvolvia-se uma cintura de cidades-jardim.

²³ O Purismo foi um movimento artístico que se manifestou sobretudo nos campos da pintura e da arquitetura. Iniciou-se em 1918, a partir do manifesto *Après le Cubisme* publicado por Amédée Ozenfant e Le Corbusier. Caracterizava-se pela procura de uma expressão da estética da máquina e do racionalismo. Recusava a ornamentação e os elementos decorativos e defendia a simplificação através da utilização das formas puras clássicas.

²⁴ Le Corbusier, *Le Corbusier et Pierre Jeanneret. Oeuvre Complète 1910-1929*. Basileia: Birkhauser – Éditions d'Architecture, 2006 [1929]. P. 38

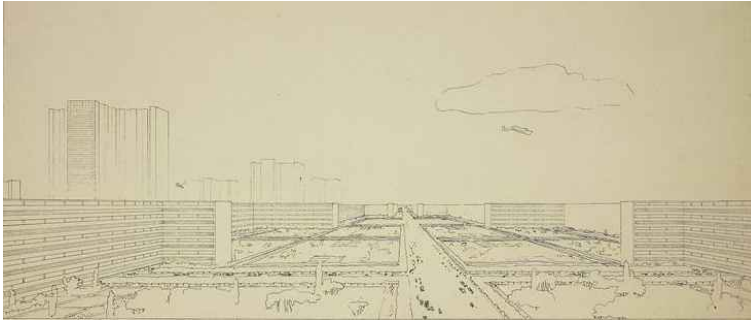


Fig. 5. Le Corbusier, *Une Ville Contemporaine de 3 Millions d'Habitants*, 1922

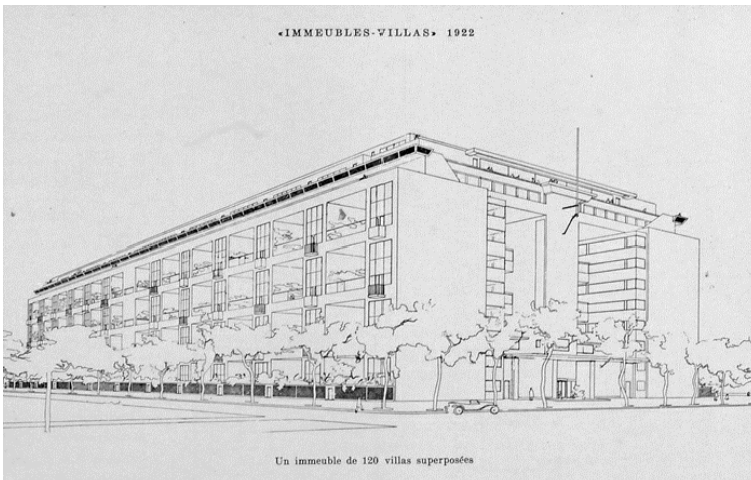


Fig. 6. Le Corbusier, *Immeubles-Villas*, 1922

Com esta proposta surgem conceitos como a célula habitacional e o loteamento racional e começa já a considerar as condições de habitação, de trabalho, de repouso e de circulação, mais tarde desenvolvidas pela tese de urbanismo chamada *Ville Radieuse* (Cidade Radiosa). Os mais importantes e duradouros contributos da *Ville Contemporaine* terão sido os seus *Immeubles-Villas* [Fig.6], uma adaptação da *Maison Citrohan*²⁵ como um modelo geral de habitação para grande altura e densidade, como nos descreve Kenneth Frampton:

*Estas unidades, empilhadas em seis pisos duplos, incluíam terraços-jardim, um para cada duplex, num arranjo que hoje parece ser uma das poucas soluções aceitáveis para a habitação em altura. No perímetro dos blocos "celulares" da cidade contemporânea, os terraços dos duplex abriam no nível do solo para espaços verdes rectangulares limitados, equipados com as facilidades recreativas de uso comum.*²⁶

A unidade habitacional do *Immeuble-Villa* foi finalmente elaborada e exibida como um protótipo, sob a forma do *Pavillon de l'Esprit Nouveau* [Fig.7], construído para a *Exposition des Arts Décoratifs* (Exposição das Artes Decorativas) de Paris em 1925. Aqui, Le Corbusier explica, de acordo com os cânones puristas, quais os benefícios da pré-fabricação e da estandardização para a produção em massa:

*O programa deste esquema foi o seguinte: a rejeição da arte decorativa como tal, acompanhada de uma afirmação de que a esfera da arquitetura abrange todos os detalhes do mobiliário doméstico, tanto a rua como a casa, e um mundo mais amplo além dos dois. A minha intenção era ilustrar como, em virtude do princípio selectivo (estandardização aplicada à produção em massa), a indústria cria formas puras; e para enfatizar o valor intrínseco desta forma pura de arte que é o resultado disso. Em segundo lugar, mostrar as transformações radicais e as liberdades estruturais que o betão armado e o aço permitem prever na habitação urbana - ou seja, que uma habitação pode ser estandardizada para atender às necessidades dos homens cujas vidas são estandardizadas. E, em terceiro lugar, para demonstrar que estas confortáveis e elegantes unidades de habitação, estas máquinas práticas para viver, podiam ser aglomeradas em longos e altos blocos de moradias. O "Pavillon de l'Esprit Nouveau" foi projectado como uma típica célula-unidade do tal bloco de múltiplas moradias-apartamento. Consistia no alojamento mínimo com o seu próprio terraço-cobertura.*²⁷

²⁵ A *Maison Citrohan* também é apresentada no *Salão de Outono de Paris* em 1922, mas numa versão melhorada do protótipo inicial de 1920.

²⁶ Kennet Frampton, *Modern Architecture. A Critical History*. Londres: Thames and Hudson, 1982. Tradução do autor. P. 156

²⁷ Le Corbusier, op. cit., Pp. 98-100



Fig. 7. Le Corbusier, *Pavillon de l'Esprit Nouveau*, Exposição das Artes Decorativas de Paris, 1925



Fig. 8. Le Corbusier, *Plan Voisin*, 1925

Na mesma exposição, apresenta também o *Plan Voisin* [Fig.8], que acaba por ser a aplicação dos ideais do *Plano de cidade para três milhões de habitantes* no centro de Paris. Propunha arrasar o tecido urbano existente, conservando apenas alguns edifícios históricos importantes, que ficariam envolvidos por zonas verdes, e criar um novo centro de negócios no coração da cidade, que se afirmava através de um conjunto de torres cruciformes destinados a habitação e escritórios. Este projeto não tinha como objetivo a sua aplicação direta e imediata, mas apenas suscitar uma discussão crítica e metodológica.²⁸

Em 1926, apresenta *Les cinq points d'une architecture nouvelle (Os cinco pontos da nova arquitetura)* que irá tornar-se num dos cânones da arquitetura moderna:

1. *Pilotis*: sistema de pilares que elevam o edifício do terreno, deixando o solo livre para circulação ou lazer;
2. Terraço-jardim: repõe a área do solo ocupada pelo edifício sob a forma de um jardim no terraço;
3. Planta livre: a separação das colunas portantes das paredes permite a redução das últimas ou mesmo a sua eliminação;
4. *Fenêtre en longueur* ou janela em comprimento: como consequência do ponto anterior é possível desenhar uma janela longitudinal em todo o comprimento da fachada, otimizando a luminosidade no interior e permitindo uma relação desimpedida com a paisagem;
5. Fachada livre: visto que as paredes não cumprem mais a sua função estrutural, é possível projetar a fachada sem impedimentos.

A *Maison Cook* (Boulogne-sur-Seine, 1926) [Fig.10] é a primeira demonstração de aplicação destes princípios (já ensaiados na *Villa Meyer* em Neuilly-sur-Seine, 1926, embora não tenha sido construída) [Fig.9] mas será na *Villa Stein-de-Monzie* (Garches, 1927) [Fig.11] e na *Villa Savoye* (Poissy, 1929) [Fig.12] que os iremos ver de forma mais expressiva.

A CIDADE RADIOSA

A conceção ideológica mais importante de Le Corbusier, não âmbito do urbanismo, pode ter sido a *Cidade Radiosa*, uma vez que se torna num dos mais importantes paradigmas da arquitetura do Movimento Moderno. Além de estar na base de muitos dos

²⁸ José M. Ressano Garcia Lamas, op. cit. P. 352

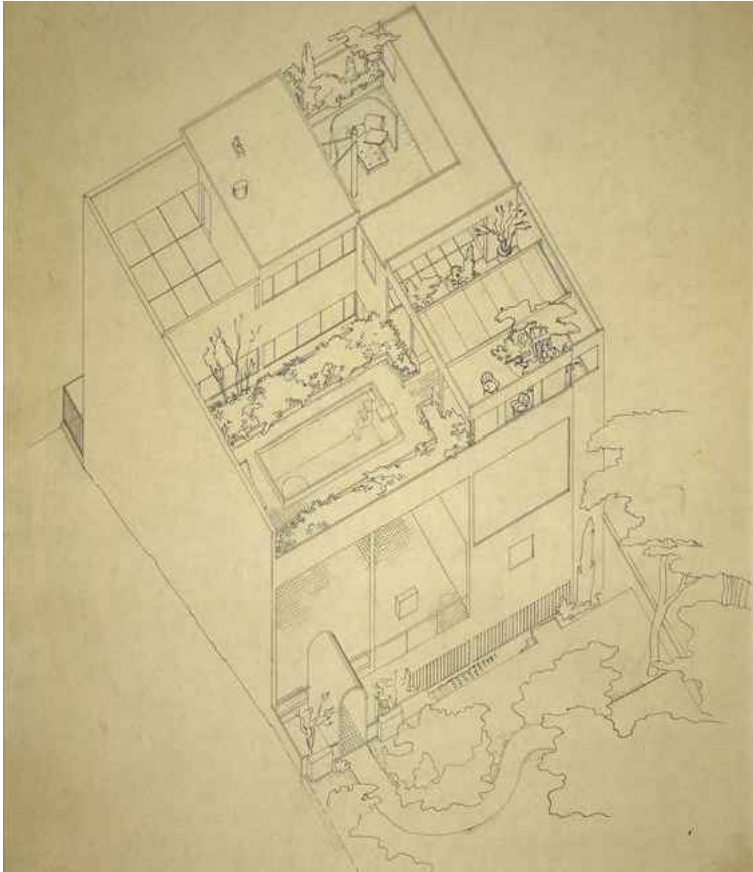


Fig. 9. Le Corbusier, *Villa Meyer*, Neuilly-sur-Seine (não construída), 1926



Fig. 10. Le Corbusier, *Maison Cook*, Boulogne-sur-Seine, 1926

postulados dos CIAM e dos fundamentos da *Carta de Atenas*, os seus princípios exerceram uma influência importante no desenvolvimento urbano, sobretudo no segundo pós-guerra. A *Cidade Radiosa* é a compilação de um conjunto de ideias que Le Corbusier vai formulando durante as décadas de 1920 e 1930, muitas delas resultantes do desenvolvimento das premissas que havia lançado já com o *Plano de cidade para três milhões de habitantes* e o *Plano Voisin*. É apresentada pela primeira vez no CIAM III, em 1930, e aparece no jornal *Plans* e depois no *Prélude*, em 1932, sendo apenas publicada sob a forma de livro em 1933. Os planos que Le Corbusier vai desenhar ao longo da década de 1930 são exemplares (embora não construídos) da aplicação dos seus princípios. Destacam-se os de Paris (1927-1934), Moscovo (1928-1932), Argel (1930-1934), Genebra (1932), Antuérpia (1933), Estocolmo (1933) e Nemours (1935).

Uma das primeiras propostas da *Cidade Radiosa* são os seus blocos habitacionais contínuos à *redents*, idealizados em 1923, e que serão aperfeiçoados ao longo da década. Le Corbusier abandona o modelo das *Immeuble-Villas* para adotar estes blocos que seriam mais adequados numa lógica de produção em massa.²⁹ Estes edifícios eram alternadamente e regularmente recuados ou alinhados com a estrada e possuíam um terraço contínuo na sua cobertura. Pelo critério de economia, o espaço de habitar era otimizado, onde tudo era reduzido ao mínimo (reflexo aqui já da Habitação Mínima – *Existenzminimum* – que será tema do CIAM II) e equipado com as tecnologias da era da máquina. A partir do plano de Argel, começa a propor que os edifícios de escritórios passem a adotar a forma de Y, podendo mais facilmente usufruir da orientação solar, ao contrário do edifício cartesiano cruciforme³⁰. Estes blocos seriam mais tarde substituídos pela *Unidade de Habitação*, quando nos planos de Nemours e Zlín (Checoslováquia, 1935) se deparou com a dificuldade dos blocos à *redents* se adaptarem à topografia. A *Unidade de Habitação* será a solução definitiva que vai construir em vários locais independentemente da sua situação geográfica e topográfica.

A *Cidade Radiosa* entra em total oposição à cidade tradicional. Em primeiro lugar pela rejeição da *rua corredor* e da lógica do quarteirão. Este deverá ser substituído pela unidade de habitação, que representa o elemento-base de organização e composição da cidade. Os edifícios levantados sobre *pilotis* deixam o solo livre para o peão, que

²⁹ “Esta mudança do perímetro do bloco autónomo para o terraço contínuo das habitações e do standard burguês da “villa” para uma norma industrializada, pode muito bem ter sido uma resposta ao desafio tecnológico dos grupos de Esquerda dos CIAM – os arquitetos alemães e checos da Nova Objectividade que Le Corbusier encontrou pela primeira vez no congresso de fundação dos CIAM em 1928”. Cf. Kenneth Frampton, op. cit. P. 179. Tradução do autor.

Este encontro com a Nova Objectividade e as três visitas que faz à Rússia entre 1928 e 1930 terá resultado num contacto íntimo com a Esquerda internacional. A sua *Réponse à Moscou* (1930), uma resposta ao questionário de Moscovo aquando dos seus planos para a cidade, consistiu num documento onde as formulações da *Cidade Radiosa* estavam rigorosamente preparadas, explicando a mudança do modelo da cidade centralizada para um *conceito teoricamente ilimitado*. Cf. Kenneth Frampton, op. cit. P. 180

³⁰ Kenneth Frampton, op. cit. P. 182



Fig. 11. Le Corbusier, *Villa Stein-de-Monzie*, Garches, 1927



Fig. 12. Le Corbusier, *Villa Savoye*, Poissy, 1929

poderá circular por toda a cidade num contínuo parque verde ou nos terraços ajardinados. São dispostos na estrutura urbana segundo a orientação solar. Para Le Corbusier, o *Sol* é um dos elementos mais importantes a ter em conta e segundo o qual tudo se deve reger:

A arquitectura, o planeamento das cidades, a nossa felicidade, o estado da nossa consciência, o equilíbrio das nossas vidas individuais, o ritmo dos nossos deveres colectivos, são todos governados pelo ciclo de 24 horas de sol. O sol está no controlo. De tudo: pensamento, acção, movimento, funções, compromissos, obrigações, tudo isto está contido, inevitavelmente, dentro dos limites exactos estabelecidos por dois ciclos de sono. De manhã, cada vida começa novamente e as nossas energias são renovadas; todas as noites, as nossas pálpebras fecham, e o sono realiza o seu inexplicável milagre. 24 horas! Isso é a medida e o ritmo da vida humana; a unidade segundo a qual tudo se deve conformar. Todos os problemas de distância, dimensão, e distribuição têm de ser resolvidos dentro desses limites precisos: 24 horas.³¹

A construção em altura permite o aumento da densidade populacional no centro das cidades, e conseqüentemente, a eliminação dos subúrbios ou cidades-jardim, diminuindo o tempo e distância de transportes, e permitindo que o verde da natureza penetre na cidade. A cidade antiga, envelhecida, congestionada e insalubre, não pode oferecer mais condições de habitabilidade, devendo por isso ser demolida:

As nossas cidades são demasiado velhas, estão a desmoronar-se, são inabitáveis, estão cheias de doenças escondidas, é impossível movermo-nos mais no seu interior: o trânsito alcançou o seu limite e o reino da velocidade está a levar à imobilidade total.³²

Todas as realizações deverão apoiar-se na utilização dos novos materiais de construção e nas vantagens que a industrialização permite, como a produção em série, no sentido de reduzir o tempo e o custo da construção.

Em *Mort de la Rue (Morte da rua, Abril de 1931)*³³, um dos textos que compõem a *Cidade Radiosa*, constata que a *rua corredor* da cidade tradicional, que servia de acesso aos edifícios e onde circulavam simultaneamente peões e automóveis, não pode mais responder às necessidades da nova civilização:

³¹ Le Corbusier, *The Radiant City: Elements of a doctrine of urbanism to be used as the basis of our machine-age civilization*. [La Ville Radieuse: Elements d'une doctrine d'urbanisme pour l'équipement de la civilisation machiniste]. Nova Iorque: The Orion Press, 1967 [1933]. P. 104. Tradução do autor.

³² Ibidem, p. 94

³³ Ibidem, p. 119

*As nossas ruas não funcionam mais. As ruas são uma noção obsoleta. Não deveria haver tal coisa como as ruas; temos que criar algo que as substitua.*³⁴

Contrapõe criando todo um novo sistema de circulação, onde a totalidade do solo fica reservada para os peões³⁵, já que todas as estruturas se encontram levantadas do solo através dos *pilotis*. Propõe a separação das vias de trânsito automóvel das vias pedonais e novas formas de acesso aos edifícios, facilitadas pelo facto de estes já não se disporem paralelamente à rua. Apela à definição de novas regras de circulação e diferenciação das vias de tráfego mediante a classificação de velocidade dos veículos, a criação de vias de trânsito de sentido único e a eliminação de cruzamentos ao mesmo nível, de maneira que “as velocidades biologicamente normais nunca deverão ser forçadas a entrar em contacto com a alta velocidade dos veículos modernos”.³⁶ As autoestradas são elevadas a cinco metros acima do solo. Já os acessos aos edifícios pelos veículos far-se-iam a partir de estacionamentos (*auto-port*) também elevados, mas separados da faixa de rodagem principal, e sob os quais se encontrariam as garagens para os residentes. A circulação dos peões entre estas estruturas e o solo é feita mediante elevadores. A rua tradicional é assim substituída pela autoestrada elevada, não acessível a pé, e que nunca encontra a *porta* do edifício.

No nível zero, o nível do solo, desenha-se uma rede de percursos que permite ao peão chegar a qualquer parte da cidade caminhando, enquanto os automóveis circulam disfarçadamente nas autoestradas. Este nível é também destinado às atividades recreativas e de lazer, funcionando como um grande parque verde, onde se encontram os equipamentos desportivos (piscinas, campos de ténis e futebol, pistas de corrida, etc.) e as escolas. Complexifica ainda este sistema pela criação de caminhos especiais para camiões e veículos pesados justamente abaixo da autoestrada, para que estes possam distribuir comida e bens de consumo aos departamentos de *catering*, existentes em cada edifício sob os *pilotis*. Já os elétricos circulam nas faixas mais laterais deste nível. Os peões atravessam esta estrutura por caminho subterrâneo, onde se encontram, também as paragens para o eléctrico. Constata por fim, que esta é a solução ideal para restaurar a *alegria de viver*.

Assim, a classificação dos vários veículos foi realizada: peões, carros, camiões e elétricos. A rua não funciona mais ao longo das casas; as casas não são mais penhascos mirando

³⁴ Ibidem. 121

³⁵ “O peão nunca se encontra com um veículo no interior da cidade. A rede de transporte mecânico é um órgão inteiramente novo, uma entidade separada. O nível do solo (a terra) pertence inteiramente ao peão.” Cf. Le Corbusier, op. cit. P. 94. Tradução do autor.

³⁶ Le Corbusier, op. cit. P. 121

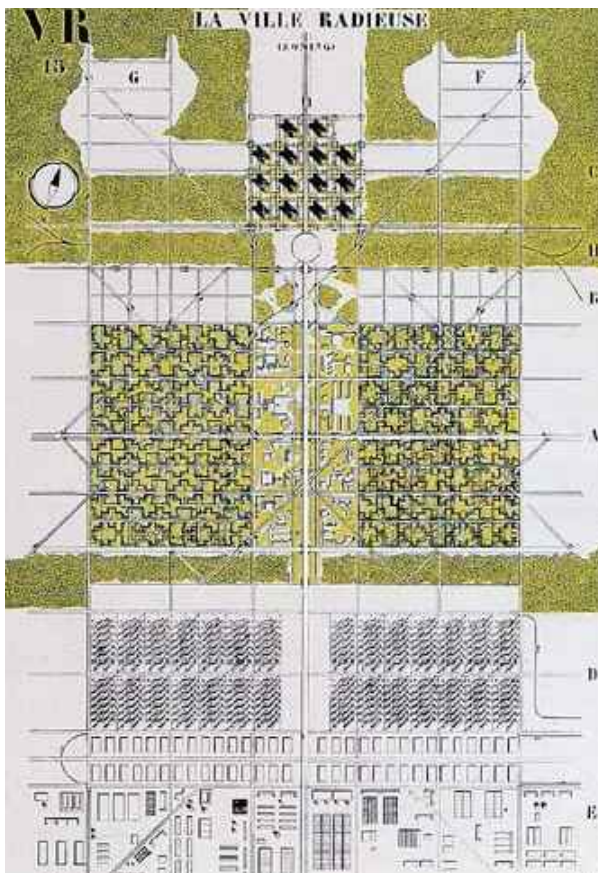


Fig. 13. Le Corbusier, *Ville Radieuse: Une nouvelle ville remplace une ancienne ville*, 1931

a rua. O homem como ele deve ser voltou ao seu normal: vive na terra; quando ele caminha, caminha com os pés no chão. A alegria de viver das árvores, das flores, dos relvados, da visão de um céu totalmente aberto, do canto dos pássaros, o farfalhar das folhas e uma calma agradável, estas são as dádivas que os cálculos cuidadosos e os planos científicos nos podem oferecer.³⁷

O *zoning* (zonamento) da cidade segundo funções específicas é umas das principais contribuições da *Cidade Radiosa* para o urbanismo do Movimento Moderno. Le Corbusier ensaia vários esquemas de cidade estruturada em diferentes zonamentos. Um dos sistemas mais complexos que desenha, em oposição à cidade radioconcêntrica, que *torna o regular e orgânico desenvolvimento impossível*, é o de uma cidade linear, que desenvolve em faixas paralelas com funções específicas (*Une nouvelle ville remplace une ancienne ville*, Outubro de 1931). A essas faixas correspondem [Fig. 13]:

- Cidades satélite, onde se poderiam encontrar, por exemplo, edifícios governamentais ou centros de estudos sociais (F e G);
- Zona comercial ou empresarial: *business center* (C);
- Zona de transportes, como caminho-de-ferro e terminal aéreo (H);
- Zona de hotéis e embaixadas (B);
- Zona residencial, a mais importante do complexo, numa posição central, que deverá ter a possibilidade de se estender lateralmente, em direção ao campo (A);
- Zona verde, que irá separar a zona residencial da zona industrial;
- Zona industrial (D);
- Zonas de armazéns e sistema ferroviário de mercadorias;
- Zona de indústria pesada (E).

Esta divisão da cidade já respeita o zonamento funcional proposto pelos CIAM, que se estrutura segundo quatro funções essenciais (habitação, trabalho, lazer, circulação).

CONGRESSOS INTERNACIONAIS DE ARQUITECTURA MODERNA

Os CIAM funcionam de 1928 até 1959³⁸, como a principal plataforma de discussão e divulgação da arquitetura e do urbanismo do Movimento Moderno. Surgem da intenção

³⁷ Ibidem, p. 126

³⁸ CIAM 1 – 1928, La Sarraz, Suíça

CIAM II – 1929, Frankfurt, Alemanha – *Habitação Mínima (Existenzminimum)*

CIAM III – 1930, Bruxelas, Bélgica – *Desenvolvimento Racional do Lote (Rational Lot Development)*

CIAM IV – 1933, a bordo do navio SS Patris II, de Marselha até Atenas – *A cidade funcional* (do qual resulta a *Carta de Atenas*)

CIAM V – 1937, Paris – *A habitação e o lazer (Logis et Loisirs)*

de criar uma vanguarda internacional para a arquitetura moderna, em oposição ao então dominante academicismo neoclassicista. São fundados por um grupo de arquitetos europeus, dos quais se destacam Le Corbusier e Sigfried Giedion³⁹ (1888-1968), cujas participações ativas nestes congressos foi decisiva. Organizaram-se em torno de onze congressos principais, mas também em diferentes encontros e reuniões preparatórias⁴⁰. Segundo Eric Mumford⁴¹, a atividade dos CIAM, pode ser dividida em quatro períodos diferentes: o primeiro, entre 1928-1930, que corresponde aos anos da sua fundação; o segundo, entre 1931-1939, que corresponde ao seu amadurecimento e às formulações da *Cidade Funcional*, que termina com a Segunda Guerra Mundial; o terceiro, entre 1939-1950, corresponde sobretudo ao segundo pós-guerra; e por fim, o quarto, de 1951 até à sua dissolução em 1959.

O primeiro congresso realizou-se em 1928 em La Sarraz (Suíça). O seu *programa de trabalho* assentava na discussão de temas como a expressão arquitetónica moderna, a standardização, a higiene, o urbanismo, a educação primária e o governo. O esforço de Le Corbusier para direcionar este congresso é bem sucedido, a partir das ideias do *Plano Voisin*. Apela à criação de entidades responsáveis pela definição de leis e pelo controlo do desenvolvimento do urbanismo, que permitam a montagem de grandes parcelas de terreno para construções de uso comum, além de permitirem a distribuição de lucros de desenvolvimento da terra para a comunidade.⁴² Deste congresso resulta a Declaração de La Sarraz, documento que reúne as conclusões do primeiro encontro. Relativamente ao tema do urbanismo concluiu-se que este deve ter uma ordem funcional e não ser condicionado por pretensões de uma estética pré existente. Essa ordem consiste em três funções - habitação, produção e relaxamento - e os seus objetivos essenciais são a subdivisão da terra, regular o trânsito e a criação de legislação para a

CIAM VI – 1947, Bridgewater, Inglaterra

CIAM VII – 1949, Bérgamo, Itália

CIAM VIII – 1951, Hoddesdon, Inglaterra – *O coração da cidade*

CIAM IX – 1953, Aix-en-Provence, França - *A carta do Habitat*

CIAM X – 1956, Dubrovnik, Jugoslávia – *Habitat*

CIAM XI – 1959, Otterlo, Holanda – último encontro

³⁹ Sigfried Giedion, historiador de arte e crítico de arquitetura suíço, será um dos arquitetos mais ativos dentro dos CIAM, sendo seu secretário-geral. Desloca-se para os Estados Unidos da América, na iminência da Segunda Guerra Mundial, onde realiza uma série de conferências na Universidade de Harvard, no ano letivo de 1938-1939, que irão constituir a base da sua obra *Space, Time and Architecture*, publicada em 1941. A sua estadia nos EUA serviu também para fazer propaganda aos CIAM, tendo para isso realizado encontros com figuras notáveis como Walter Gropius, Richard Neutra (1892-1970), Marcel Breuer (1902-1981), Alvar Aalto (1898-1976), entre outros.

⁴⁰ Como as reuniões do CIRPAC (Comité Internacional para a Resolução dos Problemas da Arquitectura Contemporânea), criado no CIAM II, que tinham como objetivo planejar cada congresso e executar as suas decisões, em encontros que aconteciam entre cada CIAM.

⁴¹ Eric Mumford, *The CIAM discourse on urbanism. 1928-1960*. EUA: MIT, 2000

⁴² Eric Mumford, op. cit. P. 15

construção⁴³. A standardização e a racionalização são defendidos como métodos fundamentais no sentido de maximizar a eficiência económica, permitindo a simplificação dos métodos de trabalho e a redução de técnicos envolvidos na construção.

É a partir destes princípios que surge o tema do CIAM II (1929), proposto por Giedion: o *existenzminimum* ou *habitação mínima*. Esta resultaria da racionalização do espaço de habitar, reduzindo a sua área ao mínimo possível que as exigências biológicas possam comportar, sendo uma solução mais económica e eficiente para a resolução dos problemas de habitação nas sociedades industriais, no sentido de proporcionar um acesso mais fácil à habitação da população com salários baixos e solucionar os problemas das rendas altas. Gropius defende a construção em altura (pela primeira vez nos CIAM surge esta discussão, muito provavelmente influenciada por Le Corbusier) como a melhor solução para a habitação coletiva no sentido de obter maior densidade de população na mesma porção de terra, sem que haja redução de luz solar e nas vistas.

No CIAM III (1930) a apresentação da *Cidade Radiosa* foi a grande contribuição de Le Corbusier. A partida de Ernst May⁴⁴ (1886-1970) para a URSS, para planear novas cidades soviéticas retirou alguma da oposição dentro do CIRPAC às preocupações de Gropius e Le Corbusier com o planeamento de áreas urbanas com habitação em altura para classes operárias. Nesta matéria, Gropius e Giedion deixam de parte a questão estritamente económica utilizando o argumento das vantagens sociais e espirituais, defendendo que o planeamento não se deverá reger apenas por questões económicas mas também por “exigências psicológicas e sociais”:

*Gropius argumenta que as melhores tipologias de habitação seriam ou a casa unifamiliar nos subúrbios da cidade, oferecendo “o maior silêncio, isolamento e repouso”, ou os edifícios de apartamentos de 10 ou 12 pisos “em localidades de alta utilização de terra”. Aceitando que habitações coletivas seriam a forma mais desejável e económica de habitação da classe trabalhadora, argumenta a favor desta última. (...) Afirma que os edifícios de média altura, com três ou quatro pisos, seriam inferiores, oferecendo menos sol e área verde; o seu “desaparecimento apenas pode ser chamado progresso”.*⁴⁵

A conclusão geral deste congresso é a de que a cidade industrial foi um fenómeno uniformemente caótico. As estratégias a adotar seriam a maximização de espaços verdes e a eliminação da rua corredor tradicional, devido aos perigos que pressupõe (trân

⁴³ Pressagia o aparecimento da ideia da *Cidade Funcional*. Cf. Eric Mumford, op. cit. P. 25

⁴⁴ Embora May tivesse sido um dos principais defensores da procura da *habitação mínima*, era contra a construção em altura e terá até insistido para que Gropius retirasse o seu texto da publicação do CIAM II. Cf. Eric Mumford, op. cit. p. 39

⁴⁵ Eric Mumford, op. cit. P. 50.

sito automóvel desmesurado, saneamento deficiente, má iluminação diurna e má ventilação das ruas apertadas). Rejeitou-se qualquer forma de urbanização anterior, como por exemplo, Letchworth e outros projetos de Parker e Unwin, e o plano de Radburn (1929) de Clarence Stein (1882-1975) e Henry Wright (1878-1936). Todos os projetos derivados da *Cidade-Jardim* foram criticados. As únicas propostas elogiadas foram as que se focaram na habitação coletiva, construção em altura, orientação solar e alta densidade de edifícios espaçados entre si.

É no Congresso Especial de Berlim, em 1931, que aparece a ideia da *Cidade Funcional*, um dos postulados mais importantes dos CIAM, segundo a qual a cidade deveria ser dividida tendo em conta quatro funções-chave: habitação, trabalho, lazer (“cultivar o corpo e o espírito”) e transporte. Assim, cada uma destas funções terá uma área específica, sem sobreposições, ao contrário da mistura funcional que caracterizava a cidade tradicional. Foi planeado, neste encontro, o estudo de diferentes cidades de países pertencentes aos CIAM, tendo em conta as quatro funções-chave.⁴⁶

O quarto congresso CIAM, que se realiza a bordo de um cruzeiro, entre Marselha e Atenas, em 1933, sob o tema da *Cidade Funcional*, é dedicado à análise e comparação dos mapas resultantes desse estudo. Devido à falta de consenso nas conclusões, são produzidos dois textos diferentes, *Resolutions* (Resoluções) e *Constatations* (Constatações)⁴⁷. No entanto, as principais conclusões são que a habitação deverá ser considerada o elemento primordial da urbanização e de que “o urbanismo deverá organizar a cidade de acordo com as quatro funções e rigorosamente determinar os planos para os diferentes bairros em conformidade com as suas necessidades e as suas limitações orgânicas”⁴⁸. A publicação de *Constatations (Constatações)* tornou-se o texto determinante do urbanismo dos CIAM e constitui a base de *Can Our Cities Survive?* (1942) de Josep Lluís Sert (1902-1983) e da *Carta de Atenas* (completada em 1941 e publicada em Paris em 1943)⁴⁹ de Le Corbusier. Este congresso é também marcado pelo afastamento dos participantes da União Soviética e da Alemanha, que rejeitam a ideologia urbanística dos CIAM e que irão enveredar por experiências opostas.

⁴⁶ A apresentação, a realizar no congresso seguinte, deveria consistir em três mapas ou painéis. O primeiro, dedicado à habitação, ao trabalho e ao lazer, deveria representar os usos do solo, a densidade (habitante por hectare), os tipos e idades das áreas residenciais e os vários usos públicos e industriais; o segundo deveria figurar a rede de transportes; e o terceiro deveria revelar a cidade na sua configuração regional, incluindo as áreas de espaço aberto público e privado e informação adicional para todas as quatro funções.

⁴⁷ *Resolutions* será incluído no jornal parisiense *Gazette des Beaux-Arts*, com base na informação fornecida por Le Corbusier. Esta visão urbanística é idêntica à que irá apresentar de uma forma mais elaborada e ilustrada na sua *Cidade Radiosa*, publicada no mesmo ano. Já *Constatations* será editado por Giedion. Le Corbusier insistiu na questão da mobilização da propriedade privada, o que para Giedion terá sido justamente essa questão a dificultar a resolução das duas edições. Cf. Eric Mumford, op. cit. P. 86-90

⁴⁸ Eric Mumford, op. cit. p. 90

⁴⁹ Nuno Teotónio Pereira (1922-2016) terá traduzido e publicado excertos da *Carta de Atenas*, pela primeira vez em Portugal, em 1944. Cf. Ana Tostões, op. cit. P. 300. Cf. Nota 64

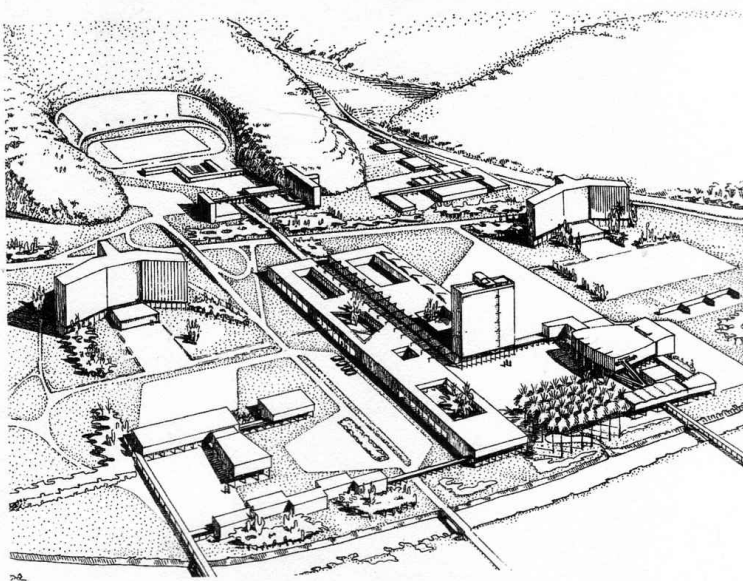


Fig. 14. Josep Lluís Sert, *Cidade dos Motores*, 1944



Fig. 15. Le Corbusier, *Plano de Saint-Dié*, 1945-46

Em meados da década de 1930 inicia-se um agravamento da situação internacional, com a aproximação da Segunda Guerra Mundial. Em França, os Comunistas decidem criar uma coligação com outros partidos da esquerda, sendo eleito o governo da Frente Popular em Junho de 1936. *Prélude*, o jornal sindicalista para o qual Le Corbusier escreveu frequentemente, aclamou a Frente Popular. Meses antes da eleição, Le Corbusier renomeou o *Museu da Estética Contemporânea* que esperava construir para a Exposição de Paris de 1937, de *Pavillon des Temps Nouveaux*. Isto refletiu o seu apoio crescente à Esquerda em Paris⁵⁰.

O CIAM V (1937) pode resumir-se à apresentação de casos de aplicação da *Cidade Funcional*. Terá sido usado por Le Corbusier para avançar a agenda sindicalista do grupo do *Prélude*⁵¹. Esta nova posição dos CIAM ganha forma com o *Pavillon des Temps Nouveaux* inaugurado depois deste congresso. O pavilhão é alusivo aos ideais dos CIAM e de Le Corbusier. Faz-se a apresentação da *Cidade Funcional*, a exposição das ideias da *Cidade Radiosa* e o quadro central intitulado *Charte de l'Urbanisme*, apresentava o que seriam as resoluções do Congresso de Atenas de 1933⁵².

A terceira fase dos CIAM, correspondente ao período iniciado no segundo pós-guerra até 1950, vai concentrar-se sobretudo em procurar soluções para os problemas causados pela destruição da guerra, novas formas de aplicação da *Cidade Funcional*, reconstituir as ligações perdidas e estabelecer novos laços internacionais. À *Cidade Funcional* adiciona-se um novo elemento ou função a ter em conta no zonamento, o centro cívico, no sentido de afirmar o papel político e cultural da cidade, mas funcionando, também como um espaço de reunião. São exemplos dessa aplicação o projeto da *Cidade dos Motores* (1944) de Sert [Fig.14], e também o plano de Saint Dié (1945-46) de Le Corbusier [Fig.15], ambos estruturados segundo os princípios da *Cidade Radiosa* e da *Carta de Atenas*. O predomínio das ideias de Le Corbusier nos congressos desta fase é ainda determinante e a *Carta de Atenas* é imposta como único modelo a seguir. Só no final da década de 1940 é que começarão a ser colocadas questões às ideologias

No entanto esta só aparece publicada integralmente em 1948, na revista *Architecture*.

⁵⁰ Eric Mumford, op. cit. P. 104

⁵¹ Le Corbusier parece ter pensado que conseguia avançar as suas preocupações sindicalistas com a reconfiguração urbana, o regionalismo, e a reforma agrária, usando os CIAM para assegurar o apoio do Governo da Frente Popular Francesa às suas propostas, ignorando a maioria dos membros do CIAM. Cf. Eric Mumford, op. cit. P. 110

⁵² Tanto *Logis et Loisirs* (publicação resultante do CIAM V) como o *Pavillon des Temps Nouveaux* fazem referência à carta resultante do CIAM IV, que ainda não havia aparecido, além da publicação de *Constata-tios*, desde 1933. Le Corbusier apresenta esta *Charte de l'urbanisme* sob o título de *CIAM La Charte d'Athènes*, na sua publicação de *Des canons, des munitions? Merci! Des logis...s.v.p.*, em 1938, sem qualquer indicação de que nunca foram acordadas resoluções finais do CIAM IV. Cf. Eric Mumford, op. cit. P. 116

dos CIAM, com o desenvolvimento do *Novo Empirismo*⁵³ e as críticas de Bruno Zevi (1918-2000)⁵⁴.

A última fase dos CIAM (de 1951, até à sua extinção, em 1959) caracteriza-se sobretudo pela renovação de gerações. Formam-se novos grupos constituídos por jovens arquitetos e estudantes e também novos grupos internacionais, numa tentativa de revitalização dos congressos. No entanto, estes irão motivar um grande conflito de gerações, por maioritariamente se oporem aos ideais da geração mais velha. Começam a colocar-se questões relativas à vida familiar tradicional mas também aos direitos da mulher, que já não cumpre apenas o papel doméstico.

O CIAM VIII, em 1951, com o tema *O Coração da cidade* pretendia abordar uma reflexão sobre as transformações das cidades resultantes da sua hierarquização de funções. Procuravam-se soluções, a partir do desenvolvimento do conceito de núcleo (iniciado com o tema do Centro Cívico) onde a comunidade urbana se pudesse encontrar. Há uma crescente preocupação em humanizar a cidade que evolui nos congressos seguintes.

No CIAM IX, em 1953, aquele que terá sido o maior congresso, Alison (1928-1993) e Peter Smithson (1923-2003), entre outros arquitetos, questionam a validade da *Carta de Atenas* e propõem alternativas apoiando-se na sociologia, antropologia e psicologia social. A dupla de arquitetos apresenta o painel *Urban Re-Identification Grid* onde propõem uma nova organização dos conceitos de habitar, trabalhar, lazer e circulação da *Cidade Funcional*, substituindo-os pela sequência casa, rua, bairro e cidade, numa tentativa de reidentificação do homem com a sua casa, a sua comunidade e a sua cidade. Esta conceção opõe-se ao isolamento das comunidades da *Unidade de Habitação*, defendendo que a casa deve ser um prolongamento para a rua e para o bairro, repondo a vida em comunidade perdida na *Cidade Funcional*. Com base nestas teorias, surge o grupo *Team 10*⁵⁵, que tem um papel importante na organização dos últimos congressos. Segundo Ricardo Carvalho:

⁵³ O *Novo Empirismo* poderá caracterizar-se como um movimento escandinavo que surgiu em oposição às teorias dogmáticas do racionalismo e do funcionalismo. Em vez da monumentalidade moderna e o uso *heroico* dos materiais, fomentava-se o pitoresco e a variação, através do uso de técnicas e materiais tradicionais como o tijolo e a madeira. Ao invés dos blocos de habitação coletiva em altura dispostos paralelamente, na organização urbana, dispunham uma mistura de edifícios altos e baixos, muitas vezes com telhados inclinados e fachadas pintadas de diversas cores. Cf. Eric Mumford, op. cit. P. 166

⁵⁴ Zevi questiona porque é que os CIAM não incluem outras formas de fazer arquitetura moderna que não sejam racionalistas, como por exemplo, movimentos orgânicos e o Novo Empirismo.

⁵⁵ Pertenceram ao núcleo fundador do Team 10 os arquitetos Jaap Bakema (1914-1981), Georges Candilis (1913-1995), Giancarlo De Carlo (1919-2005), Aldo van Eyck (1918-1999), Alison e Peter Smithson e Shadrach Woods (1923-1973). Os seus encontros ocorreram em várias localidades na Europa entre 1960 e 1981.

O Team 10 foi também um momento relevante na reflexão sobre a habitação, em especial na proposta de inclusão da antropologia como ciência social capaz de permitir um ponto de partida mais humanizado para a fixação da forma urbana e espacialidade da casa.⁵⁶

Os últimos congressos encerram, assim, a atividade dos CIAM em torno da reflexão da questão da identidade. A principal crítica que surge à sua ortodoxia, a partir da década de 1950, prende-se pelo facto de a imposição dos seus princípios não deixarem margem para o desenvolvimento de outras teorias e concepções que não obedecessem estritamente à sua ideologia. Bruno Zevi será um dos primeiros arquitetos a fazer esta crítica, refletida na sua obra *Verso un'Architettura Organica* (1945). Cresce também a tensão entre modernidade e tradição, para a qual as reflexões críticas de Ernesto Rogers (1909-1969) terão em muito contribuído.⁵⁷ Apesar de se destacar a crítica *anti-racionalista* contra os CIAM, segundo Nuno Portas não poderemos esquecer os pressupostos cívicos alcançados pelo movimento racionalista:

Crítica que não deve deixar na sombra, pelo menos, duas aquisições, cujo valor redescobrimos nos últimos dez anos e que radicam no compromisso político-social que Gropius e Le Corbusier haviam posto no centro da sua actuação de artistas no mundo em transformação. Refiro-me, em primeiro lugar, à importância arquitectónica do conhecimento ou, se se preferir, do estudo sistemático das necessidades humanas a todos os níveis possíveis de análise e que cada vez menos poderá ser substituído por simples juízos subjectivos ou ocasionais do arquitecto sobre os seus utentes, incapazes de dominar o sentido de sistemas complexos de comportamentos de que o espaço é apenas um dos vectores: refiro-me depois ao conceito de “tipo” ou de “standard” arquitectónico, que no ensino de Gropius e apesar de uma interpretação excessivamente mecanicista, era o elemento-base para formar modelos para uma arquitectura de massa; tipos que procuravam representar o encontro das necessidades dos utentes tomadas no seu mínimo por razões de justiça distributiva – o “existenzminimum” – com as necessidades de uma indústria evoluída da construção⁵⁸.

⁵⁶ Ricardo Carvalho, op. cit. P. 24

⁵⁷ Como nota Ricardo Carvalho: “Também o arquitecto Ernesto Rogers, a partir de Milão, com a sua produção teórica permitiu ao debate da época reiniciar uma relação com a história, reabilitar o conceito de tradição, manter uma continuidade com o projecto moderno, bem como não perder com o projecto de arquitectura o contacto com a realidade – ou seja, não perder contacto com os homens e mulheres que iriam habitar os espaços públicos e privados, com uma certa memória colectiva da cidade que configurou a comunidade”. Ricardo Carvalho, op. cit. Pp. 121-122

⁵⁸ Nuno Portas, Prefácio in Bruno Zevi, *História da Arquitectura Moderna*. Lisboa: Editora Arcádia, 1970. P. 14

1.2. A ARQUITETURA E O URBANISMO DO MOVIMENTO MODERNO EM PORTUGAL

O contexto em que a arquitetura do Movimento Moderno se revela em Portugal é bastante especial. Irá ter uma manifestação tardia comparativamente ao resto da Europa e enveredar por caminhos e variações que a diferenciam da produção moderna internacional⁶⁰. O regime salazarista é, em primeiro lugar, um dos principais responsáveis. Defende-se a criação de um estilo arquitetónico nacionalista, onde ainda se imprimem valores passadistas, não deixando contudo de existir uma vontade de modernizar e de experimentar novos materiais, processos e tipologias mas, caminhando para a formação de uma linguagem arquitetónica particular, a arquitetura do Estado Novo, ou, como se irá apelidar, *Português Suave*.

Ainda que o regime seja considerado o principal obstáculo ao ideário da arquitetura do Movimento Moderno, será também a partir dele, ou melhor, através da relação com o governo, que muitos arquitetos terão trabalho, alcançando estatuto e prestígio, apesar de nem sempre partilharem as mesmas opções ideológicas e políticas⁶¹. De facto, o governo funciona, através de uma relação de simbiose, como promotor destes arquitetos, e vice-versa, através da sua arquitetura. Desta geração de arquitetos destacam-se Luís Cristino da Silva (1896-1976), Carlos Ramos (1897-1969), Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957), José Cotinelli Telmo (1897-1948), Cassiano Branco (1897-1970), Jorge Segurado (1898-1990) e Rogério de Azevedo (1898-1983), formados até ao final da década de 1920, na Escola de Belas Artes de Lisboa (os seis primeiros) e na Escola de Belas Artes do Porto (Rogério de Azevedo). A sua formação é eclética, com alguma influência dos mestres José Luís Monteiro (1848-1942), em Lisboa, e José Marques da Silva (1869-1947), no Porto, e pelas experiências no *atelier* de Miguel Ventura Terra (1866-1919), no caso de Pardal Monteiro e Carlos Ramos, e no *atelier* de Raul Lino (1879-1974), também no caso de Carlos Ramos.⁶² Embora a geração anterior a esta⁶³ tenha já ensaiado novos materiais, como o betão armado, não teriam sido capazes

⁶⁰ “O ciclo do modernismo arquitectónico tardio coincidirá já, em Portugal, com a divulgação sistemática do betão armado e das formas cubistas (...). Tal facto, como muitas outras coisas neste país lusitano, deu ao referido período, entre nós, uma especificidade até, se quisermos, uma originalidade, por comparação com as experiências similares europeias.”

José Manuel Fernandes, *A Arquitectura Modernista em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1993. P. 7

⁶¹ João Vieira Caldas, “Cinco entremeios sobre o ambíguo modernismo” in Ana Tostões, Annete Becker, Wilfried Wang, op. cit. P. 106. Ver nota de Pedro Vieira de Almeida e José Manuel Fernandes

⁶² *Ibidem*

⁶³ Norte Júnior (1878-1962), Ernesto Korrodi (1870-1944), Silva Júnior (1868-1937), Raul Lino, Ventura Terra, Marques da Silva

ainda de integrar o seu potencial, limitados talvez pela sua formação *Beaux-Arts*. A aplicação tímida do betão armado resumia-se a pequenas associações a outros elementos estruturais tradicionais. No entanto, é com a nova geração, a partir de meados dos anos 20, que irão realizar-se as primeiras experiências que se apoiam mais decisivamente nas possibilidades estruturais e plásticas do betão. Os novos programas urbanos seriam a forma de estes arquitetos explorarem as novas linguagens, contribuindo para um maior cosmopolitismo das cidades de Lisboa e do Porto:

*A arquitectura começava a tornar visível esse movimento de renovação, dos hábitos, dos gostos, da cidade, propondo novas imagens, aceitando as formas que por todo o mundo iam sendo praticadas e divulgadas.*⁶⁴

Na década de 1930, correspondente à consolidação do regime, a arquitetura do Estado Novo irá afirmar-se através da propaganda e da política de obras públicas impulsionada pelo engenheiro Duarte Pacheco⁶⁵. Os concursos públicos nacionais de arquitetura são o principal meio de revelação da primeira geração moderna e da afirmação da arquitetura do regime. Mas vão ser as sucessivas exposições internacionais⁶⁶, no decorrer da década, a maior forma de exibição pública, culminando na Exposição do Mundo Português, realizada em Belém, em 1940:

*A exposição [do Mundo Português] fornece os tópicos: numa organização espacial facilmente legível, evidenciam-se os valores de monumentalidade, os atributos de carácter histórico nos elementos arquitectónicos usados e a exaltação da ruralidade como exemplo da reconstituição das aldeias portuguesas. Está lançado um certo conceito de linguagem para servir um certo conceito de nacionalismo.*⁶⁷

Encerra-se assim uma primeira fase da arquitetura do Movimento Moderno em Portugal.

⁶⁴ Ana Tostões, *A idade maior (...)* op. cit. P. 164

⁶⁵ Duarte Pacheco (1900-1943), engenheiro eletrotécnico, professor do Instituto Superior Técnico (do qual também foi diretor) e ministro da Instrução, vai ser o maior impulsionador das grandes obras lisboenses e nacionais. Foi Ministro das Obras Públicas no Governo de Oliveira Salazar de 1932 a 1936 e de 1938 até à sua morte, em 1943, e presidente da Câmara Municipal de Lisboa também a partir de 1938, em muito contribuindo para o desenvolvimento da estrutura urbana da cidade. Foi no segundo período no cargo de Ministro das Obras Públicas que concretizou muitos dos planos inicialmente pensados, “imprimindo-lhes um estilo definidor da mentalidade ideológica epocal, dentro dum totalitarismo que era da política nacional e também muito do temperamento do ministro e do seu gosto – que tantos arquitectos haviam de satisfazer, com pressurosa sinceridade”. José Augusto França, *A Arte em Portugal do Século XX*. Lisboa: Livros Horizonte, 1991 P. 238

⁶⁶ 1929 – Exposição Ibero Americana em Sevilha; 1930 – Exposição Internacional de Paris; 1931 – Exposição do Rio de Janeiro; 1930 – Exposição Colonial de Antuérpia; 1936/37 – Exposição Internacional de Paris; 1939 – Exposição de Nova Iorque e São Francisco. Ver José Manuel Fernandes, op. cit. P. 93

⁶⁷ Sérgio Fernandez, *Percurso da Arquitectura Portuguesa 1930-1974*. Porto: FAUP, 1988. Pps. 29-30

O início da década de 1940, por sua vez, caracteriza-se pela recusa da linguagem moderna e pela afirmação de valores classizantes, tradicionalistas, historicistas e monumentais nas obras projetadas, muito próximos dos modelos alemão e italiano (pela afinidade dos regimes)⁶⁸, que podemos reconhecer especialmente em edifícios de média dimensão como palácios da justiça e liceus. A monumentalidade dos edifícios pretendia “expressar o poder do Estado e inculcar nos cidadãos os valores da autoridade e da ordem”⁶⁹ tendo em conta que “o invocado carácter nacional era um pretexto para a manipulação ideológica das populações e fazia parte de um tentacular sistema repressivo de que os regimes totalitários necessitavam para subsistir”.⁷⁰

Enquanto se dá o declínio do *primeiro modernismo* forma-se uma geração nova e mais atenta que, “por isso mesmo, permitem um melhor entendimento da nova transformação de valores da época”⁷¹. São exemplo dessa geração Francisco Keil do Amaral⁷² (1910-1975), Arménio Losa⁷³ (1908-1988), Januário Godinho⁷⁴ (1910-1990) e Alfredo Viana de Lima⁷⁵ (1913-1990). Estes arquitetos irão afirmar-se em coletivos como o ICAT (Iniciativas Culturais Arte e Técnica) e o ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos), importantes plataformas para a discussão e divulgação dos valores da arquitetura do Movimento Moderno, bem como para a consciencialização dos problemas da arquitetura em Portugal e para o desenvolvimento de um corpo crítico até então quase inexistente. O contexto europeu, na década de 1940, é marcado pelo aparecimento e propagação da *Cidade Radiosa*, em paralelo à *Carta de Atenas*, e pelas experiências em torno dos CIAM. Em Portugal inicia-se o debate em torno da habitação e da forma urbana:

*Este é o momento na cultura arquitectónica portuguesa em que se inicia o debate público sobre o habitat, a forma urbana e a habitação colectiva assente em premissas distintas das anteriores, consubstanciado em encontros, publicações e cuja discussão culminará na organização do primeiro congresso de arquitectos em Portugal em 1948.*⁷⁶

⁶⁸ Sandra Vaz Costa, “A Palavra Tornada Pedra” in *Arquitectura Moderna Portuguesa, 1920-1970*. Lisboa: IPPAR, 2003. P. 40

⁶⁹ Nuno Teotónio Pereira, “A Arquitectura do Regime, 1938-1948” in Ana Tostões, Annete Becker, Wilfried Wang, op. cit. P. 37

⁷⁰ Ibidem, p. 39

⁷¹ José Manuel Fernandes, op. cit.

⁷² Curso: 1929-36. Diploma de arquitecto: 1936

⁷³ Curso: 1926-32. CODA (Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquitecto): 1941

⁷⁴ Curso: 1925-30. CODA: 1941

⁷⁵ Curso: 1934-39. CODA: 1941

⁷⁶ Ricardo Carvalho, op. cit. P. 200

O papel dos coletivos de arquitetos desta nova geração vai ter um papel fundamental nesse sentido. O ICAT, formado em Lisboa em 1946 por Keil do Amaral, terá uma postura de intervenção política mais acentuada que o ODAM, como explica Ana Tostões:

*Desenvolvem uma acção mais abrangente [em comparação com o colectivo ODAM, formado no ano seguinte no Porto], não se confinando à defesa de uma arquitectura moderna, colocando-se claramente em oposição ao regime com uma postura mais cívica e politizada, utilizando como veículo as EGAP (Exposições Gerais de Artes Pláticas, 1946-1956) e a revista *Arquitectura*.*⁷⁷

A revista *Arquitectura*, que passa a ser propriedade do ICAT, oferecendo mais informação internacional, em novos moldes gráficos, funciona como um grande veículo para os coletivos manifestarem as suas ideias e divulgarem os seus projetos. A *Carta de Atenas* é publicada integralmente na revista a partir de Fevereiro de 1948. É através da revista que Keil do Amaral apela pela primeira vez ao *Inquérito à Arquitectura Popular* e que sucessivamente em artigos seus – *Maleitas da Arquitectura Nacional* - denuncia a arquitetura do regime. Critica “a escola, a falta de idealismo, as ingerências dos clientes particulares e oficiais, a irregularidade dos materiais de construção, a mão-de-obra não qualificada e a mania das pressas”.⁷⁸

O coletivo ODAM surge no Porto em 1947, formado por uma geração de arquitetos portuenses⁷⁹ que sente a necessidade de reformular a prática e o ensino da arquitetura no país, mais concretamente na EBAP (Escola de Belas Artes do Porto), onde ainda prevalecem os valores das *Beaux-Arts* do século XIX. Além do objetivo de renovar esses valores, defendia-se outro desempenho social e disciplinar da arquitetura, uma democratização da cultura arquitetónica no país, que até então era apenas acessível à classe ou a elites privilegiadas⁸⁰. Pretendia-se “divulgar os princípios da arquitectura moderna,

⁷⁷ Ana Tostões, «Modernização e Regionalismo, 1948-1961» in Ana Tostões, Annete Becker, Wilfried Wang, op. cit. Pp. 42-44

⁷⁸ José Augusto França, op. cit. P. 254.

⁷⁹ O grupo ODAM constitui-se (...) como um grupo de três gerações escolares sucessivas, num conjunto total de 37 arquitectos e estudantes de arquitectura. Sinteticamente, pode dizer-se que a 1.ª geração é formada entre 1935 a 1940, a 2.ª geração entre 1940 a 1945 e a 3.ª geração entre 1945 a 1950 (...). Ver Edite Rosa, op. cit. P. 48

⁸⁰ “Contra os arquétipos de carácter imagético e iconográfico de estilos passados ou regionalistas, imbuise a arquitectura de uma atitude de abertura democrática, sem preconceitos, que se pretende útil e disponível a todos. A ideia de que a arquitectura é para todos e não apenas para uma classe ou elite privilegiada, é explícita de uma nova consciência social e obriga, na opinião do ODAM, a que o arquitecto desempenhe um papel muito mais alargado e complexo na compreensão da estrutura civilizacional, justificando por esta via, a aposta na rapidez e economia das novas possibilidades técnicas e materiais”. Edite Rosa, *ODAM: Valores Modernos e a Confrontação com a Realidade Produtiva*. Barcelona: Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona, 2005. P. 93

formar uma consciência profissional, criar entendimento entre arquitectos e artistas plásticos, obstar ao amadorismo praticado, valorizar, enfim, o indivíduo e a sociedade portuguesa”.⁸¹

Constata-se cada vez mais os problemas de pobreza e de falta de habitação. “O recente aumento demográfico da população” aliado ao “crescente êxodo para as cidades reflecte-se nos graves problemas de habitabilidade no sobrelotamento das estruturas urbanas do século XIX. Acusam o regime por contribuir e fomentar um ideal de pobreza, confundindo-o com uma falsa noção de tradição”.⁸² Para combater o modelo de bairro económico do regime defendem a aplicação dos princípios da *Carta de Atenas*, como a habitação coletiva e a construção em altura e apelam à adesão aos novos processos de industrialização e standardização para combater este problema, em detrimento dos processos construtivos existentes no país que se revelavam caros e lentos.

Embora a formação do ODAM seja muito assente nos princípios de Le Corbusier e dos CIAM, há a preocupação do ajustamento desse vocabulário à realidade do país, uma “importação seletiva”⁸³. Para tal, apelam ao estudo e investigação do território nacional no sentido de perceber quais as suas verdadeiras necessidades:

*Impõe-se a adopção de uma doutrina, ou de um grupo de doutrina, baseadas no estudo das correntes modernas e alicerçadas no estudo profundo, na análise e na investigação totais, no território nacional, das nossas actuais necessidades. Criemos, simultaneamente, o máximo de condições possível, tornando o meio favorável às realizações.*⁸⁴

O debate entre tradição e modernidade ganha especial importância para o coletivo. Clarificam o conceito de tradição, defendendo que este não é sinónimo de imitação do passado, mas sim um legado a respeitar:

*Se a incógnita é TRADIÇÃO, eis a solução: LEGADO DO PASSADO AO PRESENTE e não SOBREVIVÊNCIA do passado, nunca IMITAÇÃO dos estilos do Passado. LEGADO=Legado de amor, de luta, de drama, de vida, de dignidade, de originalidade, sobretudo, legado de poder realizador.*⁸⁵

Defende-se o conhecimento das técnicas de construção tradicionais e que estas podem coexistir com a nova técnica, constituindo uma mais-valia para fazer arquitetura

⁸¹ José Augusto França, op. cit. P. 433

⁸² Edite Rosa, op. cit. P. 146

⁸³ Edite Rosa, op. cit. P. 118

⁸⁴ Luís José de Oliveira Martins, “De alguns factores que intervêm na limitação do desenvolvimento progressivo da arquitectura e do urbanismo” in Cassiano Barbosa, *ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos. 1947-1952*. Porto: ASA, 1972. P.79

⁸⁵ Mário Bonito, «Regionalismo e Tradição» in Cassiano Barbosa, op. cit. P. 99

moderna. Este é um tema que desenvolvem mais nos últimos anos do coletivo e que é aprofundado, sobretudo, pelo grupo CIAM-Porto, com o projeto que apresentam no CIAM X, em 1956.

A partir de 1952 inicia-se uma gradual dissolução do coletivo, tendo como limite o *Inquérito à Arquitectura Popular*, para o qual as suas ideias de modernidade e tradição terão contribuído fortemente. As suas manifestações mais importantes correspondem sobretudo às teses de alguns dos seus associados no *I Congresso Nacional dos Arquitectos* em 1948 (aqui apenas em forma de documentos escritos), mas também, à exposição de 1951, no Ateneu Comercial do Porto⁸⁶. Todos os documentos apelam aos fundamentos da *Carta de Atenas* e que, efetivamente podemos comprovar na maioria dos projetos dos elementos do grupo. Na verdade, a *Carta de Atenas* terá no grupo influência determinante e até se torna obsessivo o seguimento da mesma, dificultando a reflexão sobre outras teorias para a cidade.⁸⁷

Em Maio e Junho de 1948, realiza-se o *I Congresso Nacional de Arquitectura*, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos com o patrocínio do Governo. É o primeiro momento de confrontação da classe de arquitetos e de discussão dos problemas da arquitetura em Portugal. Como principais preocupações destacam-se “o ordenamento do território aliado ao crónico problema de alojamento”⁸⁸. O problema da habitação adquire relevância central no congresso. É discutida a importância da sua distribuição e acesso para toda a população, em condições salubres. Clarifica-se o significado de habitação económica, de maneira que esta não seja sinónimo de redução de espaço ou de menor qualidade: “Devem eliminar-se os preconceitos que levam a buscar a economia através de uma redução excessiva das áreas e da utilização de materiais de inferior qualidade”.⁸⁹ Será prioritário fornecer as “maiores condições de habitabilidade

⁸⁶ Exposição de arquitetura promovida pelo ODAM e realizada no Ateneu Comercial do Porto em Junho de 1951. Consistiu na reunião de vários trabalhos de alguns dos seus membros, alguns já construídos, outros em fase de projeto. Pertenciam à comissão executiva: Viana de Lima, Arménio Losa, Fernando Lanhas e Cassiano Barbosa.

“Esta exposição, organizada por um grupo actuante de Arquitectos – O.D.A.M. (Organização em Defesa de uma Arquitectura Moderna) ainda em formação – é um dos meios ao seu alcance, não só para esclarecer e actualizar os espíritos, mas também para afirmar que existe entre nós uma Arquitectura Moderna, com tal sentido de triunfo que coisa alguma poderá destruí-la ou desvirtuá-la”. Ver Catálogo da Exposição de Arquitectura do ODAM no Ateneu Comercial do Porto em 1951 in Cassiano Barbosa, op. cit. P. 137

⁸⁷ “As conclusões redigidas e reduzidas a itens simplificados continham um tom dogmático e generalista que lhe conferiu uma imagem de uso universal, em princípios aplicados a maior parte das vezes de maneira normativamente redutora e que comprometem os primeiros CIAM a uma ideia de cidade assente num zonamento funcional rígido com cinturões verdes entre diversas áreas, segundo as 5 categorias principais definidas: Moradia, Lazer, Trabalho, Transporte e Edifícios Históricos. Numa consequência de aplicação perversa, esta leitura dogmática da carta de Atenas reduziu significativamente, nos anos imediatamente seguintes, muita da pesquisa tipológica habitacional urbana do início do século, ao bloco colectivo em altura, distanciados igualmente entre si, tendo como consequência muitas vezes o abrandamento na época da investigação sobre outras formas de fazer cidade”. Edite Rosa, op. cit. p. 114

⁸⁸ SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS, *1º Congresso Nacional de Arquitectura [edição fac-similada]*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008. Pp. 40, 41

⁸⁹ *Ibidem*, p. LXIV

com o menor dispêndio”⁹⁰. Para a distribuição de alojamento para grandes massas de população terá que se abolir a construção da moradia unifamiliar e optar pelas modalidades multifamiliares e a construção em altura, utilizando os meios disponibilizados pela industrialização e standardização. São indispensáveis boas condições de insolação e arejamento e a existência de espaços verdes adjacentes e deverá proceder-se à eliminação das zonas de habitação insalubres. A habitação e o urbanismo devem estar integrados em planos locais e regionais e estes num plano nacional. Todos estes são princípios da *Carta de Atenas*, amplamente divulgada por estes arquitetos.

O congresso é também uma manifestação de oposição ao regime vigente e às formas de arquitetura por ele proclamado. Rejeitou-se “a imposição, ou sequer a sugestão, de qualquer subordinação a estilos arquitectónicos”, proclamando-se que “o portuguesismo da obra de arquitectura não pode continuar a impor-se através da imitação de elementos do Passado”. Para tal era importante “corrigir os conceitos de tradição e regionalismo, fomentando a aplicação de novas técnicas e acarinhando novos ideais estéticos”.⁹¹ Apela-se, também, a uma maior divulgação da arquitetura, para que a informação possa chegar a um maior número de população, à reorganização do ensino para que este se adapte às necessidades contemporâneas, à criação de novos organismos e legislação para a construção e defesa da profissão.

Os coletivos como o ICAT e o ODAM tiveram um papel determinante no congresso, contribuindo com teses de muitos dos seus elementos.⁹² As atividades destes coletivos e o congresso contribuíram para o início da introdução da investigação profissional e da criação de um corpo crítico até então quase inexistente na profissão.

Apesar de patrocinado pelo Governo, as teses do congresso não foram visadas pela Censura, sendo uma “oportunidade de a nova geração manifestar publicamente as suas convicções políticas e culturais” e de toda a classe dos arquitetos participar na discussão para a resolução “do problema da habitação sem constrangimentos nem obrigatoriedades de estilo”.⁹³

⁹⁰ Ibidem.

⁹¹ SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS, op. cit. P. LXIII

⁹² Do grupo ODAM, foram apresentadas teses de Alfredo Viana de Lima (*O Problema Português da Habitação*), António Lobão Vital (*A Casa, o Homem e a Arquitectura*), António Matos Veloso (*Habitação Rural e Urbanismo e Os regulamentos da construção urbana a as suas repercussões nas soluções modernas*), Arménio Losa (*Arquitectura e Urbanismo; Arquitectura e as Novas Fábricas e Indústria e Construção*), Luís Oliveira Martins (*De alguns factores que intervêm na limitação do desenvolvimento do progresso da arquitectura e do urbanismo e A arquitectura de hoje e as suas relações com o urbanismo*) e Mário Bonito (*Regionalismo e Tradição e Tarefas do Arquitecto*)

⁹³ Ana Tostões, «Modernização e Regionalismo, 1948-1961» in Ana Tostões, Annete Becker, Wilfried Wang, op. cit., p. 42

A partir deste momento poderá definir-se um novo período da arquitetura do Movimento Moderno em Portugal, *após a breve fase dos pioneiros da primeira geração*.⁹⁴ A *Carta de Atenas* e os princípios dos CIAM irão marcar influência determinante a partir daí (ainda que no contexto europeu a década de 1950 corresponda já às críticas de Bruno Zevi e à contestação aos CIAM, motivado sobretudo pelo Team X). Em paralelo, em meados da década as questões relacionadas com a identidade cultural e a tradição despertam a importância do conhecimento do território nacional e das arquiteturas regionais e tradicionais. É neste sentido que se inicia o *Inquérito à Arquitectura Popular*, em 1955, e cujos resultados são publicados sob o título de *Arquitectura Popular em Portugal*, em 1961. É importante destacar o papel de Keil do Amaral, como o primeiro defensor deste inquérito, mas também as contribuições de Fernando Távora (1923-2005) para esta discussão. O inquérito tinha como objetivo legitimar a arquitetura moderna através do conhecimento da arquitetura vernacular.⁹⁵

O URBANISMO DO MOVIMENTO MODERNO EM PORTUGAL

Os problemas da habitação e a questão da salubridade (transversais a toda a Europa e a todas as classes sociais) vão marcar o início do século XX na definição da forma urbana. Em Portugal, a criação de bairros para a população com salários baixos (Bairros de Casas Económicas), vai ser a primeira resposta do Estado no domínio da habitação coletiva, cuja propaganda vai assentar na criação de conjuntos habitacionais de raiz, muitas vezes sem ligação de continuidade com os tecidos urbanos existentes. São bairros de baixa densidade com moradias unifamiliares isoladas ou agrupadas. Este é um modelo que irá ser reproduzido e repetido, independentemente da situação geográfica, adaptado localmente a situações topográficas e programáticas.⁹⁶

Em 1934 são criados os Planos Gerais de Urbanização por Duarte Pacheco tendo “em mente a transformação do país pela efectiva criação de uma imagem urbana com

⁹⁴ “Redundou numa entusiástica manifestação cultural e profissional da maior importância, a partir da qual se pode considerar definido um segundo período da arquitectura moderna em Portugal, após a breve fase dos pioneiros da primeira geração”. José Augusto França, op. cit. p. 439

⁹⁵ Como constata Sérgio Fernandez: “Ao nível da profissão reconheciam-se as potencialidades da arquitectura emanante de um enquadramento geográfico e socioeconómico real, sem falsos formalismos e sempre em perfeita identidade com a cultura dos seus autores-utentes. Constatava-se, de modo diferente, porque visto numa perspectiva de modernidade, o valor da arquitectura vernacular. A sua racionalidade, a adequação dos meios que utiliza e a variabilidade de soluções encontradas nas distintas zonas do país são argumentos de defesa das posições progressistas que se opunham à adopção de modelos estereotipados, estilizados e quantas vezes inventados pelo regime para fixação de um “estilo nacional” que servisse o estreito nacionalismo vigente. Abria-se caminho a opções mais humanizadas”. Cf. Sergio Fernandez, “Arquitectura Portuguesa, 1961-1974” in Ana Tostões, Annete Becker, Wilfried Wang, op. cit. P. 56

⁹⁶ Ricardo Carvalho, *Habitat, Habitação Colectiva e Forma Urbana. Construir o Bairro em Portugal, da Cidade-Campo à Cidade Periférica, 1930-1970*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior Técnico, 2013. Pp. 157-176

que o regime se identificasse”.⁹⁷ Embora tenha começado aqui a intenção do planeamento como grande intervenção à escala nacional, a sua concretização foi demorada, sobretudo porque não havia informação base de diversos municípios, como plantas aerofotogramétricas, cuja produção teve que se aguardar para dar início à elaboração de alguns planos.⁹⁸ Duarte Pacheco promove e tenta acelerar esse processo, ordenando o levantamento de plantas topográficas inexistentes.⁹⁹

A morte do engenheiro em 1943 e a criação da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização em 1944 marcam o fim de uma primeira fase do planeamento urbano que se caracteriza pelo reconhecimento do urbanismo como uma disciplina independente, com preocupações políticas, sociais e económicas crescentes e por um novo entendimento pluridisciplinar do planeamento. Até então o urbanismo tinha sido uma disciplina da arquitectura. Não havendo uma formação direccionada para tal, as obras de urbanismo eram encomendadas a arquitetos, resultando “em parte o fracasso, no plano da concretização, da grande maioria das propostas, que sacrificavam por regra às leis académicas de simetria forçada (o que resultava num edifício, mas não numa cidade), ou de desejada monumentalidade, as inultrapassáveis leis da propriedade e da especulação fundiária”.¹⁰⁰

O urbanismo português dessa primeira fase corresponde a uma síntese de influências diversas. Primeiro pelos contactos com a França, quer pela influência da cultura francesa quer pela permanência de urbanistas franceses em Portugal¹⁰¹, como Jean Claude Forestier (1861-1930), Alfred Donat Agache (1875-1959) e Etienne De Groer (1882-?) ou pela formação de alguns arquitetos portugueses em escolas de urbanismo francesas, como João Faria da Costa¹⁰² e mais tarde João Aguiar¹⁰³. Encontra, também, na Alemanha e em Itália uma forte influência, pela aproximação dos regimes. Já os técnicos da Administração Central que examinam os planos produzidos procuram ensinamentos nos autores ingleses, como Patrick Geddes (1854-1932) e Patrick Abercrombie (1879-1957).¹⁰⁴ Este período caracteriza-se pela grande escala dos planos, com intervenções excessivas, mais do que as necessitadas para os municípios, refletindo-se na elevada monumentalidade, de acordo com os ideais do regime.

⁹⁷ Margarida Souza Lôbo, *Planos de Urbanização. A época de Duarte Pacheco*. Porto: FAUP, 1995. P. 35

⁹⁸ *Ibidem*, Pp. 35-43

⁹⁹ José Augusto França, *op. cit.* P. 239

¹⁰⁰ José Manuel Fernandes, *Arquitectura Modernista em Portugal*. Lisboa: Gradiva, 1993. P. 99

¹⁰¹ José M. Ressano Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. P. 236

¹⁰² João Faria da Costa (1906-1971), arquiteto regressado a Portugal após se haver diplomado em 1935 no *Institut d'Urbanisme de Paris*

¹⁰³ João António Aguiar (1906-) era um dos urbanistas mais solicitados entre a década de quarenta e a década de sessenta, ocupando-se dos planos de oito capitais de distrito e de inúmeras outras localidades.

¹⁰⁴ Margarida Souza Lôbo, *op. cit.* P.145

A partir da década de 1940 há um grande aumento das intervenções urbanas decorrentes da construção de habitação coletiva:

*Enquanto que na década de 1930 se havia ensaiado uma escala de bairro em várias localizações periféricas, testada noutra escala ainda mais pequena fora dos grandes centros urbanos, na década de 1940 a escala e a diversidade das intervenções é exponenciada, e a sua conexão à cidade mais evidente.*¹⁰⁵

Margarida Souza Lôbo situa o apogeu do planeamento urbano em Portugal entre 1944 e 1954, período em que são finalizados cerca de três centenas de estudos de anteplos de urbanização¹⁰⁶, dos quais cerca de metade são aprovados até 1954. Divide ainda este intervalo em dois períodos diferentes, o primeiro de 1944 a 1948, e o segundo a partir de 1948:

*[No primeiro] um ecletismo inical dá lugar a uma síntese própria quer no domínio do urbanismo quer no da arquitectura. O urbanismo deste período, em que se reflecte o regime então vigente, associa um urbanismo formal, em que o desenho do espaço público acusa a influência dos modelos alemão e italiano, com uma versão tardia da cidade-jardim, numa ambiguidade entre a ruralidade prevalente e a inovação tipológica da moradia isolada ou gemindada.*¹⁰⁷

O segundo período é iniciado com o Congresso de 1948, marcado pelo aparecimento do paradigma da *Cidade Radiosa* que vai influenciar os planos seguintes:

*A partir da data do histórico congresso, os novos planos adoptam extensivamente o novo conceito. Numa primeira fase, os planos visam a demolição de vastas áreas de tecido existente, a fim de garantir a substituição das habitações vetustas por fogos salubres e confortáveis. Dadas as dificuldades sociais e as limitações económicas a tão extensa renovação, minimizam-se as demolições, circunscrevendo-as às necessidades da circulação automóvel através do centro antigo. Os novos modelos de cidade ensaiam-se nas áreas de expansão. As habitações em banda procuram a melhor insolação, organizando-se em barras paralelas, em conjuntos de pequena escala, que permitem a integração no sítio e a articulação com o aglomerado existente.*¹⁰⁸

¹⁰⁵ Ricardo Carvalho, op. cit. P. 225

¹⁰⁶ O conceito de anteplos surge em 1946: "É assim que alguns urbanistas contratados pelos municípios, após dispensa ministerial da realização de concurso, entregam, num primeiro tempo e à semelhança do previsto para planos elaborados pelos serviços técnicos camarários, anteprojetos dos planos, que a Administração Central passa a designar por anteplos, e que são, uma primeira fase, aprovados com observações, para servirem de base ao plano definitivo." Margarida Souza Lôbo, op.cit. P. 47

¹⁰⁷ Margarida Souza Lôbo, op. cit. P. 145

¹⁰⁸ Margarida Souza Lôbo, «Cultura Urbana e Território» in Ana Tostões, Annete Becker, Wilfried Wang, op. cit.



Fig. 16. João Faria da Costa, *Plano de Urbanização da Zona a Sul da Av. Alferes Malheiro* (Bairro de Alvalade), 1944

O Bairro de Alvalade¹⁰⁹ [Fig.16], desenhado por Faria da Costa em 1944, irá marcar a transformação de Lisboa a partir do final da década de 1940. O bairro era formado a partir de oito células ou unidades de habitação que se estruturavam a partir de um elemento central: a escola primária. Pela primeira vez propunha-se em Lisboa, edifícios de habitação social em altura apoiados numa série de equipamentos como escolas, mercados, centros cívicos, parques desportivos, pequenas indústrias, etc., quebrando a imagem ruralista do bairro social do regime assente em planos de moradias unifamiliares com logradouro.¹¹⁰

A primeira fase, com projeto de Miguel Jacobetty Rosa (1901-1970), correspondente às células 1 e 2, consistiu na construção de um grande conjunto de habitações de renda económica e baseava-se já numa grande diversidade de tipologias, rompendo com os preceitos formais.

Mas é no conjunto da Av. de D. Rodrigo da Cunha (1948) que a solução apresentada por Joaquim Ferreira (1911-1966) demonstra as primeiras aplicações do ideário moderno da habitação coletiva em altura¹¹¹, propondo blocos isolados e perpendiculares à via principal, criando espaços verdes e de convívio entre eles.

O Bairro das Estacas (1951-1954), correspondente à célula 8, é projetado por Ruy Jervis d'Atougua (1917-2006) e Sebastião Formosinho Sanchez (1922-2004). Propuseram a transformação radical do plano inicial definido por Faria da Costa, no sentido de substituir os quarteirões inicialmente previstos por blocos paralelos entre si, apoiados em *pilotis* e implantados segundo a melhor orientação solar (nascente-poente), permitindo a separação das vias de trânsito automóvel dos percursos de peões e criar zonas verdes amplas. Este projeto revela-se pioneiro na aplicação radical dos princípios da *Carta de Atenas*, que é adotada como doutrina a seguir na elaboração dos restantes conjuntos habitacionais do Bairro de Alvalade, como o conjunto da Av. Estados Unidos da América (1955-1957), projetado por Pedro Cid (1925-1983), Manuel Laginha (1919-1985) e João Vasconcelos Esteves (1924), e o conjunto da Av. do Brasil (1954-1963), com projeto de Jorge Segurado (1898-1981).

Embora num contexto diferente na cidade, o conjunto da Av. Infante Santo (1954-1956), projetado por Alberto José Pessoa (1919-1985), Hernâni Gandra (1914-1988) e João Abel Manta (1925), também revela claramente estar subjacente aos princípios da *Carta de Atenas*. A situação da topografia é muito mais complicada, o que vai justificar

¹⁰⁹ Designado inicialmente por *Plano de Urbanização da Zona Sul da Av. Alferes Malheiro*

¹¹⁰ Ana Tostões, *A Idade Maior. Cultura e Tecnologia na Arquitectura Moderna Portuguesa*. Op. cit. P. 350

¹¹¹ "A partir deste momento, o Bairro de Alvalade constitui a oportunidade de ensaio para a nova geração lisboeta propor as experimentações tendencialmente racionalistas que começavam a aplicar claramente os princípios da Carta de Atenas."

Ana Tostões, op. cit. P. 350

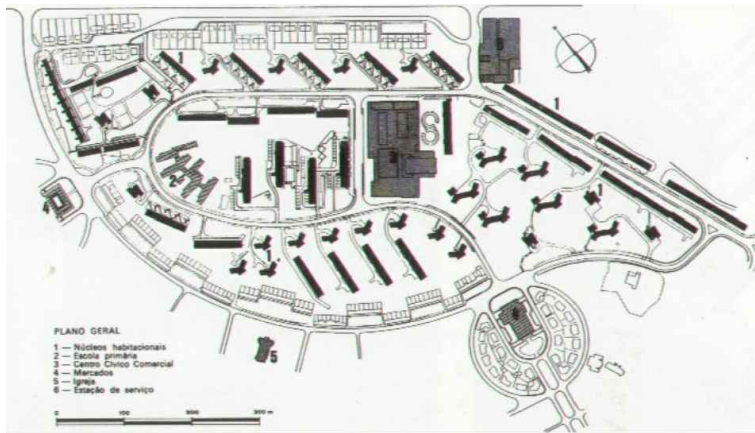


Fig. 17. José Sommer Ribeiro, Pedro Falcão e Cunha, Plano de Olivais Norte, 1955-58

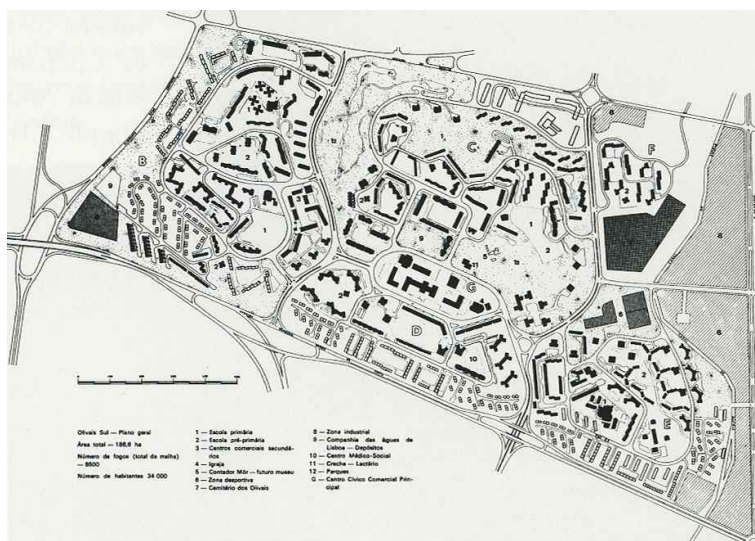


Fig. 18. Carlos Duarte, José Rafael Botelho, Plano de Olivais Sul, 1960-61

a criação de um grande embasamento, onde os blocos habitacionais, paralelos entre si e perpendiculares à avenida, assentam apoiados em *pilotis*. Estes estão dispostos de acordo com a melhor orientação e o embasamento responde à rejeição da rua-corredor.

A década de 1950 encerra-se com o processo de urbanização dos Olivais, que na sequência do Bairro de Alvalade, prolonga o desenvolvimento da cidade de Lisboa para nordeste. Divide-se em duas áreas, Olivais Norte (1955-1958) cujo projeto é da autoria de José Sommer Ribeiro (1924-2006) e Pedro Falcão e Cunha (1922), e Olivais Sul (1960-1961) projetado por Carlos Duarte e José Rafael Botelho (1923). O plano dos Olivais Norte [Fig.17] é claramente reflexo do ideário da *Carta de Atenas*. Segundo Ana Tostões, “foi o primeiro plano de um conjunto habitacional de alguma dimensão onde foram seguidos os princípios do urbanismo moderno mais radical fixado na *Carta de Atenas*.¹¹² É criado em total rutura com a cidade tradicional e a sua continuidade. O terreno é terraplanado e aqui assenta uma rede viária que separa o trânsito automóvel da circulação de peões. Os blocos habitacionais agrupam-se com formas diversificadas e implantam-se isoladamente de uma forma livre, apenas tendo em conta a orientação solar, num sistema onde a maior parte do terreno é espaço livre e ajardinado. Já os Olivais Sul [Fig.18], cujo terreno não foi terraplanado, estrutura-se a partir do *Vale do Silêncio*. Embora seja muito decorrente ainda desse ideário da *Carta de Atenas*, parece fazer um cruzamento de várias influências.

¹¹² Ana Tostões, op. cit., p. 494

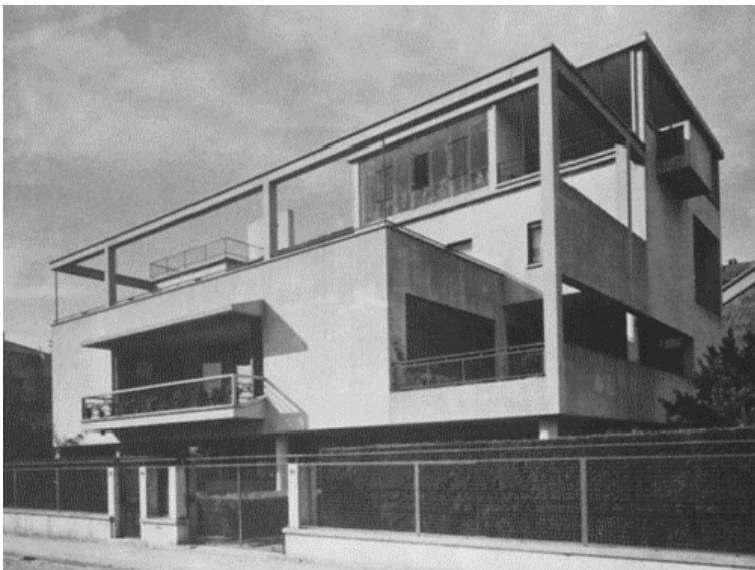


Fig. 19. Viana de Lima, Casa Cortez, 1939-41

PARTE II

2.1.VIANA DE LIMA

Viana de Lima estuda arquitetura na Escola Superior de Belas Artes do Porto de 1929 a 1938. Ainda antes de concluir o curso, em 1936, começa a trabalhar na Secção de Monumentos Nacionais da DGEMN (Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais), até obter o diploma de arquiteto em 1941. Ao longo deste período, realizou diversas viagens pelo território nacional, cooperando no processo de classificação e restauro de inúmeros edifícios¹¹³. Quando termina o curso, em 1938, e ainda para a DGEMN, inicia estágio no gabinete de Rogério de Azevedo. No mesmo ano, realiza uma viagem de estudo à França, Bélgica, Holanda e Inglaterra, com o objetivo de preparar a sua tese de fim de curso através da “observação da forma como os problemas de Arquitectura e de Urbanismo estavam a ser encarados nos vários países”.¹¹⁴ Em 1941, apresenta o seu CODA e obtém o diploma de arquiteto.

CASA CORTEZ

A Casa Cortez [Figs. 19-20], projetada e construída de 1939 a 1941 na Rua Honório de Lima no Porto¹¹⁵, ainda antes de apresentar o seu CODA, demonstra o conhecimento que Viana de Lima tem do mestre suíço e a facilidade que tem em manusear a sua linguagem. Os *Cinco Ponto da Nova Arquitectura* já haviam sido ensaiados em Portugal, no entanto é na Casa Cortez que se verificam, pela primeira vez, na íntegra. Há também outros elementos na composição da casa que remetem claramente para obras de Le Corbusier, sobretudo o desenho das curvas, como o envidraçado do piso térreo, a reentrância da sala de estar no primeiro piso ou o *solarium* semicilíndrico na cobertura, muito semelhantes às da *Maison Cook* (1926)¹¹⁶ ou da *Villa Savoye* (1929). [Fig. 20]

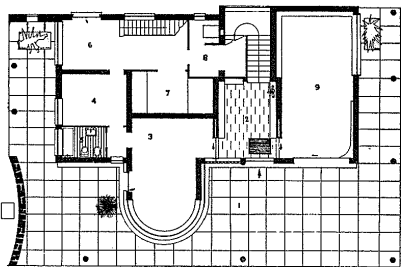
¹¹³ Para Trás-os-Montes, elabora o orçamento das obras do Castelo de Bragança, Igreja do Santo Cristo do Outeiro, Mosteiro de Castro de Avelãs e da Igreja Matriz de Moncorvo.

¹¹⁴ Viana de Lima. Ver Pedro Vieira de Almeida, “Viana de Lima”, in *Viana de Lima: arquitecto 1913-1991*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Árvore, 1996. P. 52, nota 2.

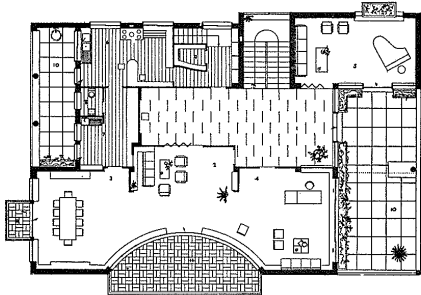
¹¹⁵ Demolida em 1971.

¹¹⁶ “Na Rua Honório de Lima, a curva da sala de jogos no r/c lembra a curva do vestíbulo na casa Cook, enquanto a curva reentrante do envidraçado a sala de pé direito duplo desta obra de Le Corbusier terá influenciado o vidro curvo das salas em Viana de Lima.”

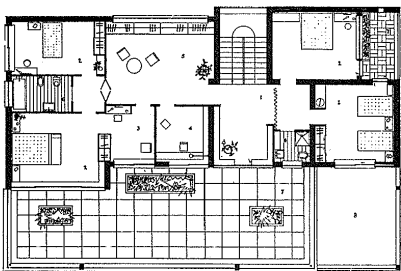
Michel Toussaint, «Viana de Lima: um percurso moderno em Portugal» in *Jornal dos Arquitectos* nº 166-167, p. 33



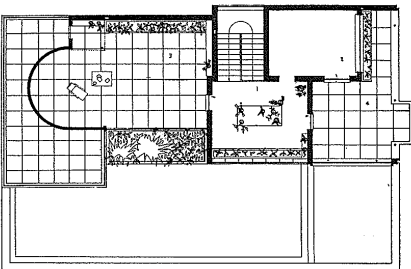
R/C



1º piso



2º piso



3º piso

Fig. 20. Viana de Lima, Casa Cortez (planta), 1939-41

Para Nuno Portas, são também os tratamentos das floreiras e os pavimentos exteriores que sugerem a *Villa Savoye* ou os lintéis que se assemelham aos dos terraços das casas de Estugarda (*Maisons de la Weissenhof-Siedlung*, 1927):

Se percorrermos a casa em diferentes níveis, não se deixará de notar um envidraçado curvo no piso térreo que sugere, por exemplo, o de Poissy, como o tratamento das floreiras e dos pavimentos exteriores ou dos lintéis que contornam também os terraços em Stuttgart, para não falar do solarium semicilíndrico ou do envidraçado alto da estufa superior.¹¹⁷

O tratamento formal dos vários pisos e dos terraços também demonstra ser claramente decorrente da *Villa Savoye*, embora os jogos verticais de Le Corbusier se restrinjam ao exterior, como descreve Pedro Vieira de Almeida:

*(...) pode-se notar também como estes pisos se definem intercalares entre lajes, organizando-se horizontalmente com uma liberdade, entre nós inovadora, mas deixando que os jogos verticais de espaço, de obediência estritamente Corbusiana se restringissem ao exterior. A leitura atenta da *Villa Savoye* é claramente subjacente no tratamento formal quer dos vários pisos quer dos terraços. Numa reveladora transferência de conceitos, a “promenade architecturale”, que na obra de Le Corbusier se propõe quase autónoma, corporizada no lançamento da rampa dos últimos pisos, pode em Viana ser entendida directamente no vivo percurso das zonas diurnas.¹¹⁸*

Ainda que a presença da linguagem de Le Corbusier seja preponderante nesta casa, Viana de Lima tem a liberdade para fazer uma síntese pessoal, como por exemplo no tratamento do vãos e pela utilização do granito nas paredes do piso térreo, refletindo que não está de todo desligado do contexto regional em que a casa se encontra.

CONCURSO PARA OBTENÇÃO DO DIPLOMA DE ARQUITECTO

O projeto CODA de Viana de Lima, apresentado em 1941, consistia na construção de uma biblioteca e outros equipamentos no centro da cidade do Porto junto ao edifício da Universidade. O conjunto, dominado pela biblioteca (assente sobre *pilotis*), implantava-se num arranjo urbanístico de grande escala, que implicava a demolição de uma série de edifícios existentes e a alteração radical da malha urbana existente. O seu eixo

¹¹⁷ Nuno Portas, “Arquitecto Alfredo Viana de Lima: 1941 – Casa unifamiliar, no Porto, na R. Honório de Lima” in *Arquitectura*. Lisboa, 3ª série, nº 74 (Março 1962). P. 35

¹¹⁸ Pedro Vieira de Almeida, “Viana de Lima”, in *Viana de Lima: arquitecto 1913-1991*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Árvore, 1996. P. 72

estruturante compreenderia uma larga artéria que partiria da biblioteca e que atravessaria toda a cidade de norte a sul e a conectaria com uma cidade universitária. Propunha assim a demolição de uma parte do centro histórico da cidade, numa atitude de rutura com a cidade antiga, onde o novo conjunto ganhava autonomia e monumentalidade em relação à envolvente. Viana de Lima apoiava-se na *nova técnica* e defendia a aplicação de novos materiais de construção, como o betão armado.

É claramente visível a influência de Le Corbusier e da *Cidade Radiosa* neste projeto: o edifício monumental, levantado do solo através de *pilotis* e assente numa estratégia urbana que arrasa com o centro histórico. Na verdade, a biblioteca é uma clara referência à biblioteca do projeto de *Mundaneum, Musée mondial* (Genebra, 1929). Na decorrer da memória descritiva percebemos também que o texto é dominado por uma forte linguagem *corbusiana*:

*Estes edifícios devem apresentar todas as características das técnicas modernas, onde transpareça um temperamento de alta espiritualidade e de lirismo, onde o povo sinta a alegria de viver e em que a vida lhe pareça menos pesada, com os meios que o Estado lhe fornece para o bom emprego das horas livres.*¹¹⁹

Acaba mesmo por citar o mestre suíço: “Le Corbusier diz que a Arquitectura é o jogo sábio dos volumes batidos pela luz e que Miguel Ângelo tinha inteligência e paixão, pois não existe arte sem emoção, nem emoção sem paixão”.¹²⁰

O PROBLEMA PORTUGUÊS DA HABITAÇÃO

Na apresentação da sua tese intitulada *O Problema Português da Habitação* para o *I Congresso Nacional de Arquitectura*, em 1948, demonstra, uma vez mais, conhecimento aprofundado dos ideais dos CIAM e de Le Corbusier e apela que sejam seguidos os princípios da *Carta de Atenas* e a rejeição da *Cidade-Jardim*. Os tópicos apresentados na sua tese seguem os quatro princípios da *Cidade Funcional* dos CIAM: habitação, trabalho, lazer e transporte. Defende o direito de todos os cidadãos possuírem casa em condições adaptadas aos *meios modernos da época*. Para tal seria essencial a adoção do princípio de construção em altura, como forma de libertar o solo e criar as condições

¹¹⁹ Viana de Lima, CODA in Edite Rosa, *ODAM: Valores Modernos e a Confrontação com a Realidade Produtiva*. Barcelona: Escuela Tecnica Superior de Arquitectura de Barcelona, 2005. P. 56

¹²⁰ Ibidem

indispensáveis para a vida, (*ar, sol, espaço e verdura*). Apela ao “espírito coletivista e cooperativista” que só a habitação coletiva permite:

*O princípio da construção individual (...) pode socialmente conduzir a um egocentrismo egoísta, ao contrário daquilo que se auferiria no sistema de habitação colectiva, onde o espírito de solidariedade pode livremente desenvolver-se e constantemente progredir.*¹²¹

O solo deixado livre, deveria ser transformado em extensos parques, destinados ao lazer e aos equipamentos escolares e desportivos. As vias de circulação deveriam ser organizadas segundo o seu grau de importância (ruas de habitação, ruas de passeio, ruas de trânsito, vias mestras) e os acessos deverão ser diferenciados para peões e automóveis. As distâncias entre a habitação e o trabalho deveriam ser reduzidas de maneira que o homem possa usufruir de mais tempo de lazer¹²², “tempo que se poderia aproveitar na recreação do corpo e do espírito”¹²³.

Chama a atenção para as vantagens da nova técnica, do progresso industrial e da produção em série¹²⁴ como forma de obter melhores resultados na qualidade e rapidez na execução:

*A série encontra verdadeira justificação na produção de elementos standardizados, tais como pavimentos, tectos, portas, janelas, equipamentos interiores, etc., pois o facto de serem produzidos em fábricas especializadas, dar-lhes-á altas qualidades de perfeição, rigor, segurança e até beleza.*¹²⁵

Renuncia, também, a pretensões folclóricas e à imitação de elementos de séculos passados na construção, já antes manifesto do ODAM e que acaba por ser uma das maiores contestações do Congresso.

¹²¹ Viana de Lima, «O Problema Português da Habitação» in SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS, op. cit. P. 221

¹²² *As distâncias no seu interior [da cidade] são, portanto, menores, o que significa, mais descanso e mais energia para o trabalho, todos os dias.* Le Corbusier, op. cit. P. 94

¹²³ Viana de Lima, op. cit. P. 222

¹²⁴ Esta questão foi levada por Le Corbusier ao CIAM I, em 1928. A utilização de elementos standardizados como janelas e portas, obrigaria os arquitetos a abandonar as técnicas de construção tradicionais e a aceitar a industrialização da construção, constituindo a base de um novo sistema arquitetural e de uma nova estética. Eric Mumford, op. cit. P. 282

¹²⁵ *Ibidem*, P. 219

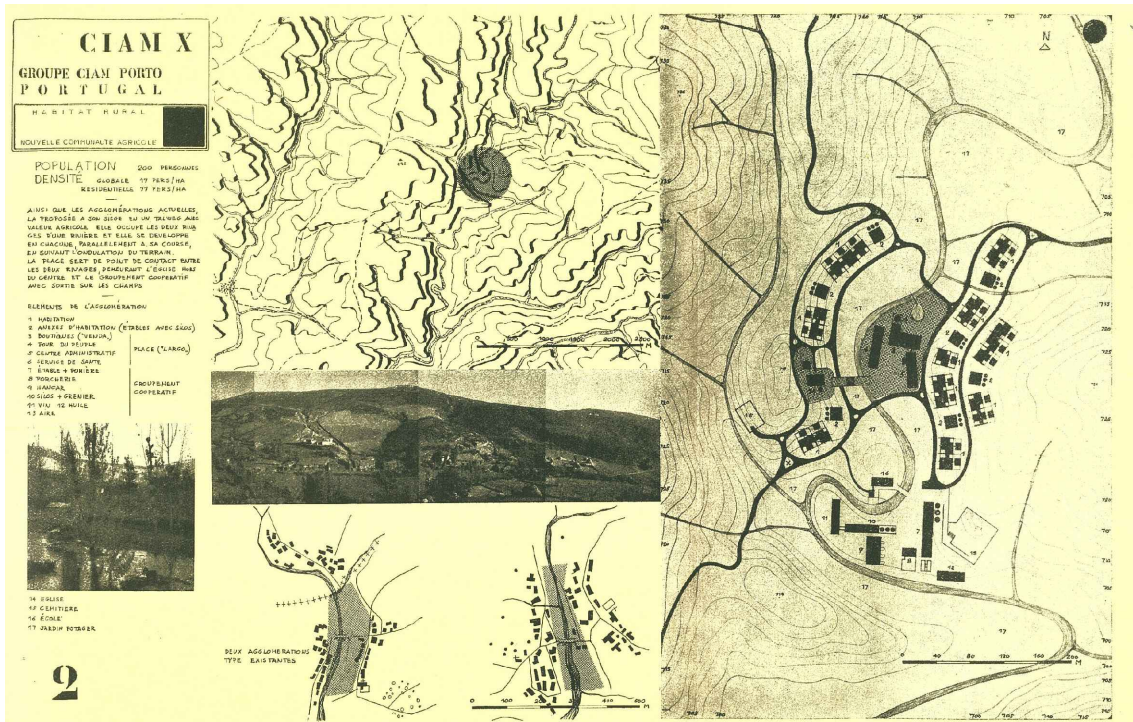


Fig. 21. CIAM-Porto, *Habitat Rural*, Paineil 2 apresentado no CIAM X, 1956

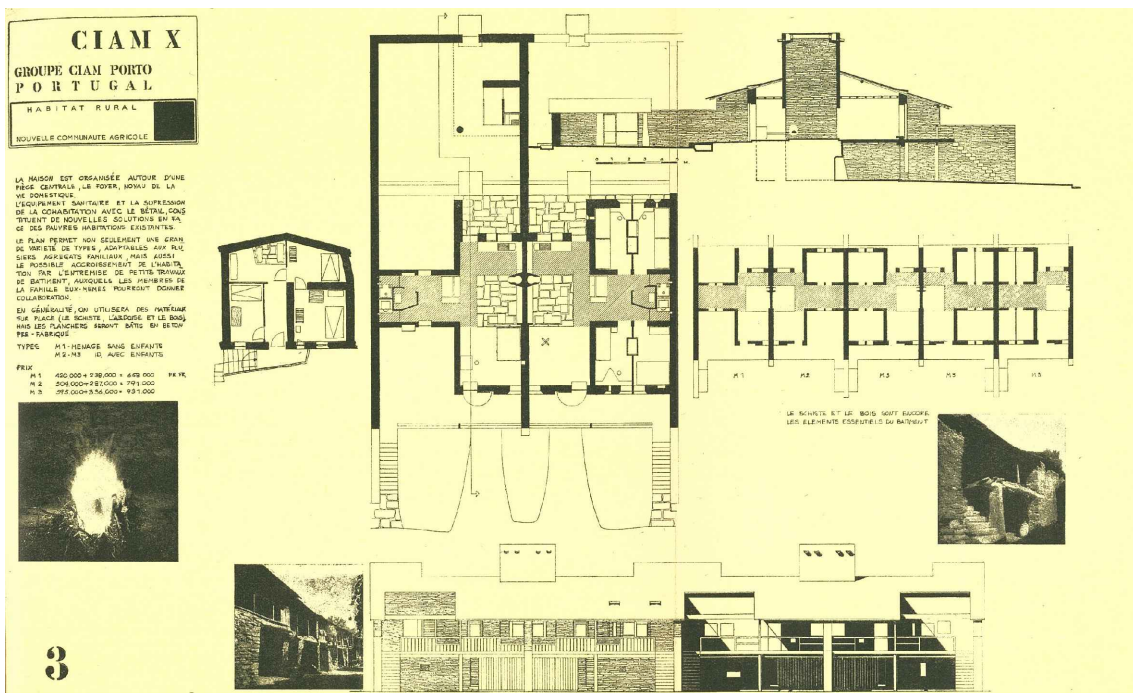


Fig. 22. CIAM-Porto, *Habitat Rural*, Paineil 3 apresentado no CIAM X, 1956

Percebemos que Viana de Lima, na sua comunicação do *Congresso*, além de conhecer bem os ideais de Le Corbusier, também está a par dos debates dos CIAM. O seu interesse pelos congressos levam-no a assistir e a participar pela primeira vez em 1951, no CIAM VIII, em Hoddesdon (Inglaterra). Neste congresso é convidado por Josep Lluís Sert e Siegfried Giedion a formar um grupo de representação portuguesa para participar nos congressos seguintes. Assim surge, em 1952, o grupo CIAM-Porto. Participa nos congressos CIAM IX (Aix-en-Provence, 1953), CIAM X (Dubrovnik, 1956) e CIAM XI (Otterlo, 1959) e em vários encontros preparatórios: em Sigtuna (Suécia) em 1952, reunião preparatória do CIAM IX¹²⁶; em Paris (UNESCO), em 1954 e La Sarraz (Suíça) em 1955, reuniões preparatórias do CIAM X.

A sua contribuição mais relevante para os congressos terá sido o projeto apresentado com o grupo português no CIAM X. O tema deste congresso era o *Habitat*. As participações dos grupos de cada país e as conclusões deveriam contribuir para a formulação da *Carta do Habitat* (que seria uma publicação semelhante à da *Carta de Atenas*). Pretendia-se discutir as relações entre a habitação e as suas extensões; as relações entre a célula-familiar, as construções e as áreas de interesse comum e as relações entre os velhos tipos de habitações e a sua expressão arquitetónica.¹²⁷ A equipa portuguesa presente neste congresso é liderada por Viana de Lima, juntamente com Fernando Távora e com a colaboração de Octávio Lixa Filgueiras (1922-1996), os estagiários Arnaldo Araújo (1925-1982) e Carlos Carvalho Dias (1929), o estudante Alberto Neves e o engenheiro civil Napoleão Amorim. Apresentam um projeto estruturado em quatro painéis, denominado *Habitat Rural*¹²⁸. [Figs. 21-22] Neste projeto, selecionam uma área a nordeste de Bragança (perto de Rio de Onor) onde propõem o desenho de raiz de uma nova comunidade agrícola, constituindo-se como ponto central e de apoio a outras pequenas comunidades já existentes à sua volta. Estruturam a distribuição da habitação e de uma série de pequenos equipamentos comunitários, divididos entre o *largo* (praça) e o *agrupamento cooperativo*. Desenham várias tipologias de habitação, consoante o

¹²⁶ Neste encontro Viana de Lima relata que três dos membros do grupo português são professores na Escola de Belas Artes e que a arquitetura moderna em Portugal está constrangida pela influência do governo. Eric Mumford, *The CIAM Discourse on Urbanism, 1928-1960*. P. 223

¹²⁷ Revista *Arquitectura*. Lisboa, 3ª série, nº 64 (Janeiro-Fevereiro 1959). Pp. 21-28.

¹²⁸ “O tema e escolha do local, assim como a orientação geral, foram definidos por Viana de Lima, tendo-se ele ocupado especialmente do terceiro painel. Carvalho Dias e Alberto Neves estiveram mais centrados na produção do segundo e do quarto painéis, ao passo que do primeiro se encarregou principalmente Arnaldo Araújo e Lixa Filgueiras. Fernando Távora constituiu com Viana de Lima a delegação portuense a Dubrovnik (sendo acompanhados pela filha deste, Sílvia, Bento Lousan e Sérgio Fernandez, os três colegas na Escola de Arquitectura)”. João Campos, *Viana de Lima e a Introdução da Arquitectura Moderna em Portugal. Ensaio sobre a Casa Cortez/Porto [1940]*. Porto: Ubatelier – Arquitectura e Construção, 2011. P. 18

número de elementos do agregado familiar, com as devidas instalações sanitárias e propondo a extinção da coabitação dos habitantes com o gado. Os materiais utilizados seriam, na generalidade, locais, como o xisto, a ardósia e a madeira, à exceção dos pisos, que seriam construídos em betão pré-fabricado. O estudo desenvolve-se à volta de dois elementos principais: o *foyer* da habitação, que funciona como elemento central de cada casa. É o espaço de estar privado do núcleo familiar, coroado pela chaminé e onde se encontra também a cozinha e um pequeno forno a lenha¹²⁹. O segundo elemento é a praça ou *largo* da comunidade, centro de reunião da vida em sociedade, onde se encontra o forno comunitário e pequenos organismos administrativos locais.

Contestando que Portugal é um país maioritariamente agrícola, este projeto demonstra uma reflexão sobre a ruralidade, em contraponto à preocupação maioritária que recai sobre os centros urbanos nas reflexões do Movimento Moderno. O grupo procurou explorar a relação entre os elementos regionais e contemporâneos, a utilização das técnicas tradicionais e materiais locais, a concretização de antigos hábitos através das atuais possibilidades da construção, bem como as respostas arquitetónicas às condicionantes climáticas. O estudo tenta, assim, responder a novas problemáticas colocadas nesta fase dos CIAM, mostrando a importância da sobrevivência de hábitos e costumes antigos, e a importância da vida familiar e social em equilíbrio com o seu meio. Coincide já, em Portugal, com as investigações do *Inquérito à Arquitectura Popular*, iniciado em 1955 e concluído em 1961. Consta até que, Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo e Carvalho Dias tinham já terminado o inquérito à Zona II (Trás-os-Montes), o que muito terá contribuído para o desenvolvimento do trabalho apresentado em Dubrovnik¹³⁰.

Segundo Pedro Vieira de Almeida, o grupo CIAM-Porto terá tido uma vida efémera, talvez por desentendimentos entre os seus elementos, não recebendo a repercussão no meio profissional que se esperava ter:

A acta da primeira reunião do grupo é datada de 5 de Novembro de 1952. Contando com menos de dez elementos, logo os desacordos preliminares intermináveis em que se envolveram os componentes do grupo, desacordos que as actas registam, origina que cerca de um ano mais tarde já as mesmas actas denunciem um impasse, um “ponto morto” nas prolongadas discussões, impasse que Viana pretende então superar, com a proposta concreta de que na reunião seguinte todos os participantes trazerem por escrito a proposta de um esquema de funcionamento que merecesse a sua adesão.

¹²⁹ Ver Painel 4 da apresentação do grupo CIAM-Porto in *Arquitectura*. Lisboa, 3ª série, nº 64 (Janeiro-Fevereiro 1959). Pp. 21-28.

¹³⁰ Michel Toussaint, op. cit. p. 34, conforme testemunho da revista *Arquitectura*. Lisboa, 3ª série, nº 64 (Janeiro-Fevereiro 1959). Pp. 21-28.

A única acta escrita pela mão de Viana, em 54 regista com alguma irritação que “Após uma hora de espera nenhum dos membros do Grupo se dignou a aparecer”, e acrescenta “Isto é mais uma prova não só do desinteresse pelas questões referentes ao CIAM, mas também um desprezo total pelas responsabilidades que cada um assumiu como membro do CIAM.”

*O movimento, parece, terminaria aí a sua vida sem ter tido no meio profissional a repercussão que se poderia esperar.*¹³¹

A Casa Cortez, o CODA, a tese *O problema português da habitação*, as manifestações do colectivo ODAM e as realizações do grupo CIAM-Porto, parecem-me ser os momentos do percurso de Viana de Lima que melhor demonstram e justificam a influência de Le Corbusier no seu trabalho. Comprova-se assim, o domínio que Viana têm da linguagem *corbusiana*.

¹³¹ Pedro Vieira de Almeida, “Viana de Lima”, in *Viana de Lima: arquitecto 1913-1991*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Árvore, 1996. P. 63



Fig. 23. Bragança (escala 1/35000)

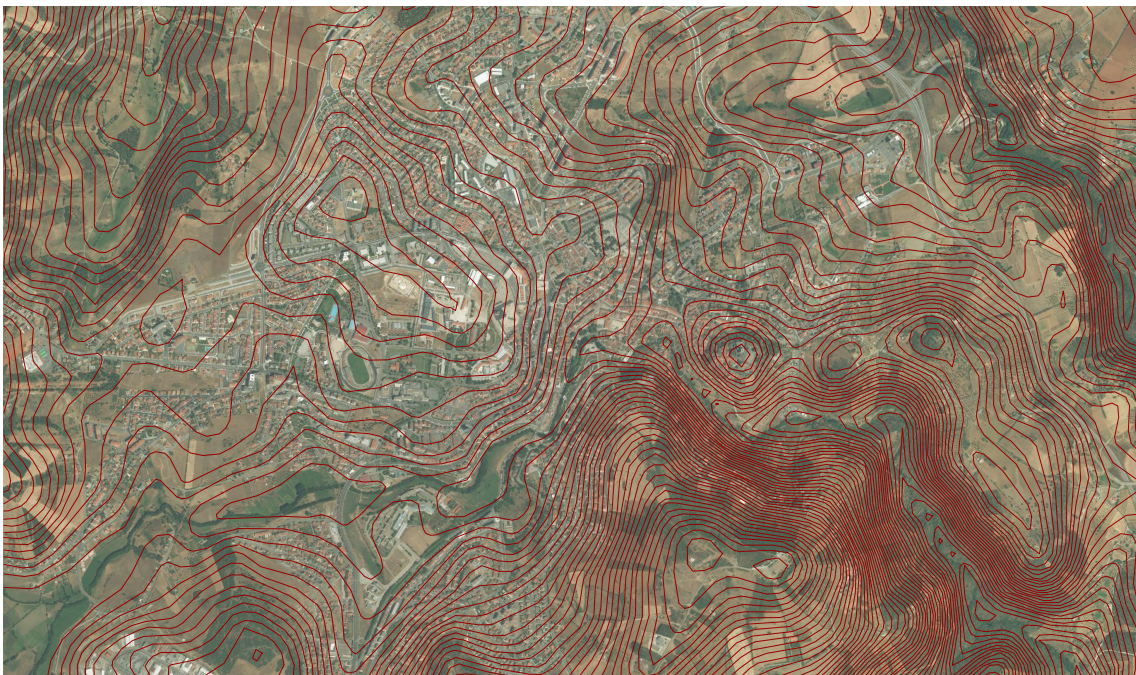


Fig. 24. Bragança, situação topográfica (escala 1/35000)



2.2. BRAGANÇA

A cidade de Bragança situa-se no nordeste transmontano, região geograficamente caracterizada pelo seu relevo montanhoso. Encontra-se protegida a sul pela Serra de Nogueira (1320 m) e a norte pelo conjunto da Serra da Coroa (1273 m) e Serra de Montesinho (1486 m), que se estende para Espanha onde atinge a altitude máxima na Serra Segundera (2044 m). A altitude e a proximidade destas montanhas (que se encontram cobertas de neve grande parte do ano, sobretudo as serras espanholas a norte) explicam o clima da região, onde as altas amplitudes térmicas anuais se manifestam em invernos longos e rigorosos e em verões curtos e muito quentes.

O aglomerado urbano desenvolveu-se nas encostas de três elevações principais. Desde a colina da Vila ou da Cidadela, onde se encontra o núcleo primitivo (a 695 m de altitude), até à encosta do Forte de São João de Deus (a 717 m), sendo que a altitude média na Sé, entre as duas colinas é de 650 m. A sul destas duas encontra-se o cabeço de São Bartolomeu a uma altitude de 833 m. Entre estas elevações corre de uma forma muito contida o Rio Fervença, afluente do Sabor. Este último limita a cidade a nordeste, a cerca de 2 km do centro. [Figs. 23-24]

A cidade usufrui assim de uma proteção natural que a situação orográfica lhe concede, o que explica também a fixação do povoamento primitivo (Quinta da Benquerença) e do seu desenvolvimento militar, dada a posição defensiva estratégica:

*As suas condições topográficas e militares foram as que levaram, por certo, o rei povoador a escolher e a engrandecer esta Quinta, para servir de Cabeça de um grande termo povoado e de atalaia ou forte baluarte na fronteira nordeste do nascente reino. Assim, a sua posição a cavalleiro de uma espaçosa, alegre e ondulada planície, limitada em parte pelas encostas dos montes e em parte pelos dois rios, permittia-lhe o desenvolvimento da povoação e assegurava-lhe umas boas garantias de defeza pela protecção natural que lhe advinha da configuração e disposição do terreno em que estava situada.*¹³²

No período de ocupação romana Bragança inscreve-se num quadro territorial estratégico, como um ponto médio entre as cidades de Braga (*Bracara Augusta*), Chaves (*Aquae Flaviae*) e Astorga (*Asturica Augusta*).

A sua importância militar cresceu com a fundação da monarquia, constituindo parte da linha defensiva da fronteira ao norte da província de Trás-os-Montes. Terá sido D.

¹³² Albino Pereira Lopo, *Bragança e Benquerença*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983. Edição fac-similada pela de 1900. Pp. 9-10

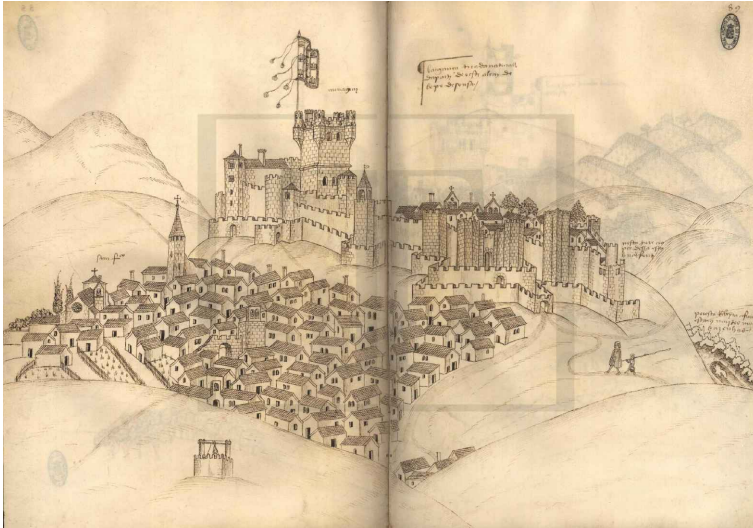


Fig. 25. Vista do Castelo de Bragança. Gravura de Duarte de Armas, 1509

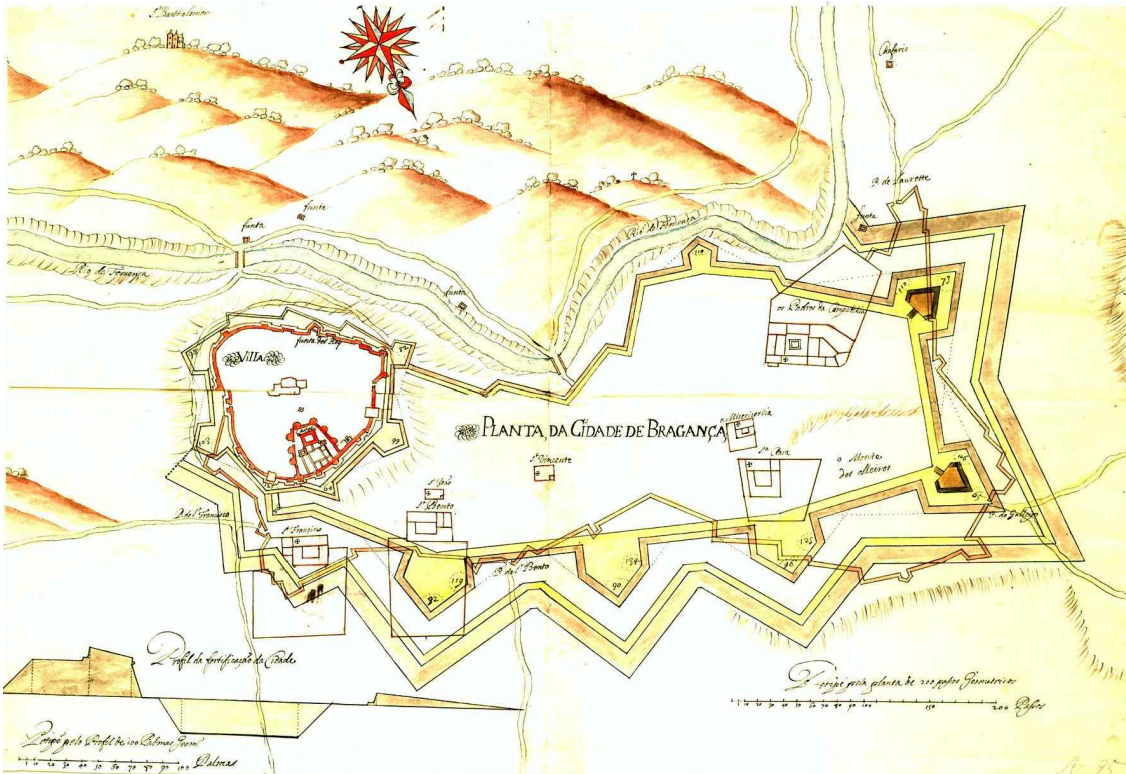


Fig. 26. Planta da Cidade de Bragança. Desenho aguarelado, autor desconhecido, 1640.

Sancho I (1154-1211) a fundar este local, atribuindo-lhe Carta de Foral em 1187 e a mandar construir a primeira muralha. A colina da Vila (Cidadela) foi aquela que conferiu o melhor ponto estratégico de abrigo à povoação pela configuração do seu terreno, pois dificultava o acesso, com as encostas íngremes, principalmente do lado sul, que desce abruptamente até ao rio Fervença, funcionando naturalmente como o fosso da fortaleza.

Será no reinado de D. Fernando (1345-1383) que a fortificação verificará maior desenvolvimento. A partir deste momento a povoação começou a desenvolver-se para lá dos limites da cerca a poente, visto ser esta a encosta que naturalmente oferecia mais facilidade em ser construída, até à formação da Praça de São Vicente (que recebe o nome a partir da igreja que ali se implanta no século XV).

O arrabalde continua a crescer para poente até ao Colégio da Companhia de Jesus construído no século XVI. Aqui forma-se outra importante praça, que irá afirmar-se como centro religioso, sobretudo quando o bispado se transfere de Miranda do Douro para Bragança, no século XVIII, e a Sé se instala no antigo Colégio.

A praça da Sé e a praça de S. Vicente passam assim a constituir os principais espaços urbanos da cidade extramuros, sendo que a última reforçou o seu carácter de centro cívico, quando ali se construíram edifícios como a Casa da Alfândega, a Casa da Mitra ou Paço Episcopal (atualmente Museu Abade de Baçal), o Corpo da Guarda Principal e a Cadeia Civil. Nas suas imediações surge a ponte das Tinarias ou dos Açougues, que permite o posterior desenvolvimento da cidade na outra margem do Fervença, junto ao qual irão fixar-se indústrias têxteis e moinhos. A rua Direita (atual Rua dos Combatentes da Grande Guerra), que liga as duas praças torna-se o principal eixo viário da cidade. A zona alta da cidade, correspondente à Cidadela, apenas mantém o seu poder militar, defensivo e régio. A maior parte da população está agora no arrabalde, afirmando-se a sua importância relativamente ao primeiro núcleo amuralhado. [Fig.25]

Com o aumento da importância religiosa e militar, no século XVII, surge a necessidade de se reforçar o sistema defensivo da cidade e da fronteira transmontana. [Fig.26] Constrói-se uma nova muralha¹³³ e o Forte de São João de Deus. Este terá sido construído depois da aclamação de D. João IV (1604-1656), com o objetivo de proteger a cidade durante a Guerra da Restauração (1640-1668)¹³⁴. Possuía um traçado abaluartado e vigiava uma vasta área do território ocidental da cidade. É destruído em 1762, pelos espanhóis naquela que se denomina como Guerra Fantástica ou Guerra do Pacto

¹³³ Já teriam existido outras linhas fortificadas (estacadas ou trincheiras) anteriores, embora não haja desenhos que o comprovem. Relativamente a esta nova linha de defesa, pensa-se que não tenha sido acabada, e dela restam escassos vestígios.

Ver Anouk Costa, Cláudia Morgado, Rita Vale, *Núcleo Urbano da Cidade de Bragança*. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27973 [26-09-17]

Ver Albino Pereira Lopo, op. cit. P. 92

¹³⁴ Albino Pereira Lopo, op. cit. Pp. 92-93



Fig. 27. Planta da cidade de Bragança e suas dependências, 1801

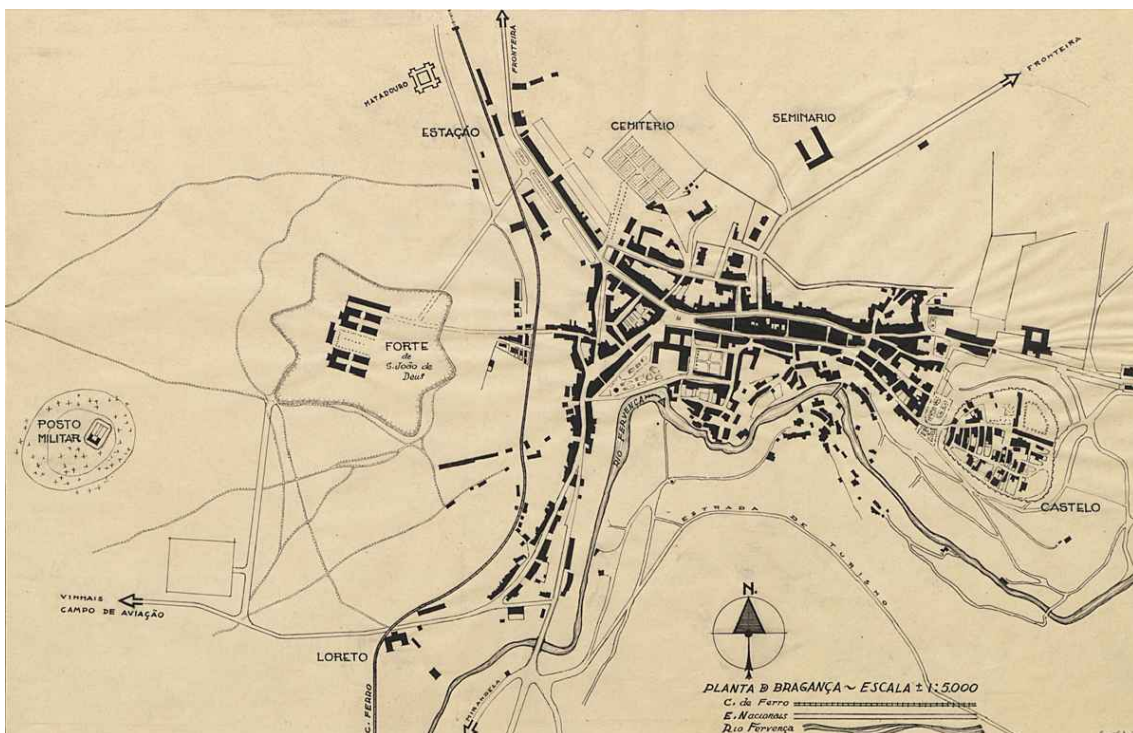


Fig. 28. Planta da cidade de Bragança, 1945

de Família. Junto ao rio desenvolvem-se as atividades industriais, sobretudo relacionadas com a produção de sedas o que leva ao aparecimento de novos bairros nesta zona.

No século XIX verifica-se um declínio da atividade industrial (extinção da indústria da seda), que está na origem do surto de emigração, pela falta de trabalho. A cidade começa a desenvolver-se ao longo dos seus principais acessos (Vinhais e Mirandela). [Fig.27] Nos finais do século XIX e inícios do século XX as principais preocupações urbanas prendiam-se com necessidades de ordem higienista, como a construção de redes de abastecimento de água e redes de esgotos, e a construção de equipamentos como cemitérios, matadouros e mercado municipal.

O caminho-de-ferro, concluído em 1906, não trouxe o progresso industrial e económico que se esperava, mas motivou a expansão da cidade até às imediações da sua estação (atual Av. João da Cruz). A mais importante intervenção urbana até à década de 1940 terá sido a construção do Bairro Operário da Estação (1933-1936), constituído por vinte e quatro casas de renda económica.

PLANO DE URBANIZAÇÃO DE JANUÁRIO GODINHO

Antes de avançar para o estudo do ante-plano de urbanização de Viana de Lima, revelou-se fundamental a análise do plano de urbanização que Januário Godinho realizou em 1946 e que me parece ter sido a primeira grande reflexão à escala urbana nesta cidade.

Para a elaboração do plano, Januário Godinho irá apoiar-se num inquérito, que remete à Câmara Municipal de Bragança em 1945. Estruturava-se a partir de tópicos como história, economia, demografia, habitação, transportes, indústria, comércio, clima e, por fim, exigia a elaboração de uma lista de edifícios públicos existentes ou que deveriam ser construídos, para serem representados no plano. Este inquérito irá fornecer informações e dados estatísticos fundamentais para o conhecimento da cidade.

Inicialmente Januário Godinho divide a cidade em quatro áreas principais [Fig. 29] correspondentes a:

- *Origem* (1 - cidadela);
- *Fases de crescimento* (2 - cidade antiga, que inclui a Sé; 3 – desenvolvimento para sudoeste, até ao Loreto; 4 - desenvolvimento para noroeste, ao longo da Avenida João da Cruz, na direção da povoação de França);
- *Extensão* (5 - tendência natural de expansão para poente, na encosta do Forte de São João de Deus);
- *Zona de proteção* (que envolve a cidade a norte).



Fig. 29. Januário Godinho, Plano de Urbanização de Bragança, 1946. *Comunicações - Expansão - Zonamento. Origem e crescimento da cidade, tendência natural de expansão, comunicações principais - EsNs - Desvios Propostos.*



Fig. 30. Januário Godinho, *Planta de Trabalho*, Plano de Urbanização de Bragança, 1946.

Propõe a supressão dos principais traçados existentes que partem da praça da Sé (a pontilhado), à exceção da rua Direita. Identifica uma nova praça (Praça Professor Cavaleiro de Ferreira, assinalada a vermelho), que constituirá o novo centro cívico da cidade. Esta é talvez o elemento mais importante no sistema de circulação, a partir da qual irá desenhar uma série de novas vias (a tracejado): para nordeste, em direção a Quintanilha; para sul, ligando-se à rua do Loreto (direção Izeda) e, a mais importante, que possivelmente corresponderia ao traçado do antigo caminho-de-ferro, contorna a encosta do Forte de S. João de Deus, percorre a zona de expansão e finalmente liga-se com a estrada de Vinhais a poente.

A partir desta premissa esquemática vai desenvolver o sistema de circulação, classificando as vias em quatro tipos: as estradas nacionais, as ruas de circulação, as ruas de distribuição e as estradas de turismo. [Fig. 31; Anexo 3] As principais vias e estradas nacionais confluem na nova praça reforçando o seu carácter central no sistema. Aos traçados principais conecta-se um sistema de vias secundárias que irão definir e estruturar o zonamento [Figs. 30-31]. O caminho-de-ferro, que penetrava na cidade, constituía uma barreira à sua expansão para poente, facto também constatado no inquérito como um problema a solucionar. Januário desloca a estação¹³⁵ para uma das entradas da cidade a sudoeste, junto ao Loreto, de maneira que, assim, a ferrovia não tenha que atravessar a cidade. Localiza também nas imediações da estação proposta uma zona fabril/industrial¹³⁶.

O zonamento torna-se mais complexo quando desenha grandes zonas para atividades específicas e as subdivide em pequenas áreas numeradas (começando no nº1 – cidadela – e terminando no nº 40 – a zona de desportos). [Fig. 31; Anexo 3] Neste sistema identifica edifícios a demolir (a maior parte para permitir o desenho das vias novas), edifícios de interesse público e representa já alguns equipamentos projetados. O novo mercado, junto ao rio Fervença, é um dos novos projetos. Propõe a demolição do anterior, na Praça Camões (ou popularmente conhecida como Largo das Eiras), devolvendo àquele espaço da cidade o carácter de praça que outrora já tivera.

A nova praça (Cavaleiro de Ferreira) aparece já aqui desenhada como o novo centro cívico, ladeada por uma série de edifícios administrativos e coroada a nordeste pelo que se supõe ser a nova Sé.

As maiores áreas do zonamento dedicadas a equipamentos específicos correspondem à zona hospitalar e de assistência social¹³⁷ e ao centro militar/novo quartel¹³⁸ no topo da encosta do Forte de S. João de Deus.

¹³⁵ Conferir na legenda do Plano de Urbanização [Fig. 31; Anexo 3] o nº 29 (Estação)

¹³⁶ Idem, nº35 (Zona industrial/fabril)

¹³⁷ Idem, nº 22 (Zona hospitalar e de assistência social)

¹³⁸ Idem, nº 19 (Centro militar/novo quartel)



Fig. 31. Januário Godinho, Plano de Urbanização de Bragança, 1946 (ver anexo 3).

No âmbito recreativo, desenha um parque na margem direita do rio Fervença¹³⁹, conectando-o com a margem esquerda e com o novo mercado, a partir de uma nova ponte. Junto ao campo de aviação, a ponte, na direção da estrada nacional de Vinhais, indica uma zona de desportos.¹⁴⁰ Representa zonas verdes de proteção com manchas arborizadas, sobretudo a noroeste, correspondente à zona de proteção florestal¹⁴¹, mas também junto à zona de desportos e parque do Fervença, e na envolvente do cemitério.¹⁴²

As zonas de habitação são colocadas sobretudo na encosta sul do Forte de S. João de Deus e na encosta de São Bartolomeu voltadas para norte. Subdivide-as nas categorias de *habitação isolada rica*, *habitação isolada rica de reserva*, *habitação económica* e *habitação económica de reserva*. Propõe *construção contínua comercial e residencial* para complementar quarteirões onde se terão realizado demolições para abertura das novas vias, e em pontos de consolidação da cidade antiga com a nova expansão.

Pontualmente, ao longo do sistema, define a implantação de cinco centros escolares.

Embora o desenho deste plano seja decorrente de um princípio de zonamento funcional e se encontre apoiado no sistema viário, não posso concluir que seja já decorrente dos CIAM. Parece-me que podemos encontrar a articulação de diversas influências com a situação existente. De notar, por exemplo, a grande área verde de proteção em toda a zona norte, limitando a expansão da cidade. Será esse um reflexo da *Cidade Jardim*? Em planos seus anteriores ou da mesma época, como por exemplo o Plano de Urbanização de Felgueiras (1945), toma como modelo de referência a *Cidade Jardim*.

Há também algumas questões que se prendem com o urbanismo associado ao regime, como a definição do centro cívico onde se implantam edifícios mais ou menos monumentais como os tribunais, e que reforçam o poder e o carácter autoritário daquele espaço. As áreas habitacionais são localizadas sobretudo a Sul, usufruindo de melhores orientações e protegidas dos ventos de norte, no entanto, o tipo de habitação que aqui propõe também vai ao encontro do ideal do regime de casa isolada. Note-se que a zona industrial se encontra justamente abaixo da zona habitacional, e para a qual se voltam as habitações económicas (a laranja). [Fig. 31; Anexo 3] Estas coloca-as também nas franjas exteriores desta área confrontando-as diretamente com as vias principais, ao contrário da habitação rica (a amarelo) que é voltada para o interior do zonamento, em comunicação com as vias secundárias e com a pequena praça central onde estaria incluída uma escola. Mais uma vez podemos fazer alusão ao urbanismo do regime: o

¹³⁹ Idem, nº 5 (Parque)

¹⁴⁰ Idem, nº 40 (Zona de desportos)

¹⁴¹ Idem, nº 17 (Zona de proteção florestal)

¹⁴² Idem, nº 12 (Cemitério)

bairro habitacional de baixa densidade com o pequeno equipamento público no seu centro. Repete esta situação no plano de Felgueiras, que Margarida Souza Lôbo explica:

Aceita a coexistência da habitação e da indústria na área urbana mais recente, classificando-a no plano como “zona de habitação económica”, seja por admitir a sua desvalorização face à proximidade da indústria, ou por considerar a zona como a mais adequada para a fixação de operários. A esta zona de habitação económica contrapõe uma zona exclusivamente residencial de habitação unifamiliar que, na falta de melhor termo, designa por “zona palaciana”.¹⁴³

Por fim, parece-me que este plano se concentra sobretudo na expansão da cidade, dedicando muito pouca importância ao centro histórico da cidade.

¹⁴³ Margarida Souza Lôbo, *Planos de Urbanização. A época de Duarte Pacheco*. Porto: FAUP, 1995

PARTE III

ANTEPLANO DE URBANIZAÇÃO DE BRAGANÇA

É possível afirmar que uma boa parte dos aglomerados portugueses possuem uma individualidade, que sem ser extraordinária, é bela na sua simplicidade; Bragança é um destes casos: cabeça duma região cheia de pequenos núcleos que se agarram à terra com a força dos líquenes, ela própria é, em substância e expressão, como um deles, só muito maior.¹⁴⁴

Viana de Lima é contratado pela Câmara Municipal de Bragança, em 1960, para elaborar o plano regulador da cidade e para ser seu arquiteto consultor. Competia-lhe emitir parecer de qualquer projeto de edificação, desde projetos de alteração ou reparação de edifícios dos quais resultassem modificações ao seu carácter arquitetónico, à elaboração dos estudos necessários para estabelecer a fixação de cêrceas, entre outras condicionantes de ordem arquitetónica ou regulamentar, indispensáveis para poder ser autorizada a construção¹⁴⁵. Este é um papel que irá ter ao longo de toda a década de 1960, deslocando-se à cidade com frequência, para verificar se as obras sobre as quais emitira parecer estariam a ser executadas conforme o previsto.

No âmbito do urbanismo, até à data, Viana de Lima teria realizado sobretudo pequenos estudos e arranjos urbanísticos. Os únicos planos de urbanização que realiza são o Ante-Plano de Urbanização de Vila Verde (1955) e o Ante-Plano de Urbanização de Valença (1960). Este último é o que se aproxima mais do Ante-Plano de Bragança, pelos zonamentos e o sistema viário, bem como, pelo tratamento gráfico do desenho. Utiliza as mesmas cores e os tipos e desenhos da habitação são muito semelhantes.

É possível que a sua relação com Bragança tenha começado após o início do *Inquérito à Arquitectura Popular* (1955). Embora não tenha participado, estaria muito próximo das suas realizações, através dos seus colegas Octávio Lixa Filgueiras, Arnaldo Araújo e Carlos Carvalho Dias, como já vimos, responsáveis pela região de Trás-os-Montes e

¹⁴⁴ Viana de Lima, Memória Descritiva do Antepiano de Urbanização de Bragança, 25 de Outubro de 1963. Processo "Plano Geral Urbanização-Lot. de Vale de Álvaro, Bragança-Arq. Viana de Lima", Arquivo Municipal de Bragança [Anexo 5]

¹⁴⁵ Câmara Municipal do Concelho de Bragança, *Contrato de Prestação de Serviços com o Arquitecto Alfredo Evangelista Viana de Lima*, 19 de Julho de 1960. Código de Referência: VL/ARQ/059-01. Número do documento: (p.e.) 5a e 5b. Fundo Viana de Lima. Centro de Documentação da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

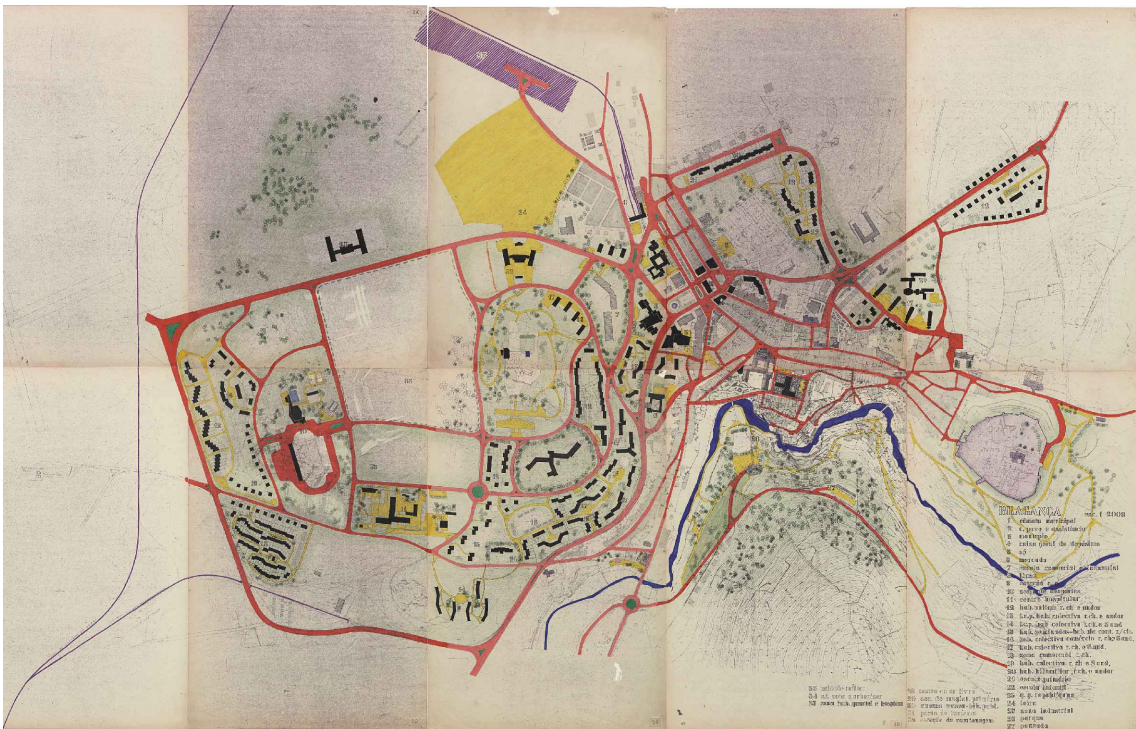


Fig. 32. Viana de Lima, Ante-Plano de Urbanização de Bragança, 1963 (ver anexo 4)

com os quais apresenta em 1956, no CIAM X, o projeto *Habitat Rural* sobre uma comunidade agrícola a norte de Bragança. Poderá ter sido a partir desta aproximação à região que lhe surgiu a oportunidade do projeto do Hospital Regional, que começou a desenhar em 1957. Dada a envergadura e complexidade deste equipamento naquela época, o desenvolvimento do projeto terá exigido o contacto frequente e sucessivas visitas à cidade, permitindo estabelecer uma relação íntima com a Câmara Municipal.

Enquanto arquiteto consultor, todos os projetos de arquitetura e construção da cidade terão passado pelas suas mãos, para serem retificados. São-lhe encomendados muitos dos projetos, dos quais se concretizaram as Escolas Primárias do Toural e das Beatas (1960), as habitações no Bairro do Toural (1960-63), o edifício multiusos do Montepio (1963) e o Lar e Escola de Enfermeiras (1975). Possivelmente, alguns dos projetos encaminha para outros arquitetos ou colaboradores, como por exemplo, as Habitações Económicas da Fundação Caixas de Previdência (segunda fase), cuja primeira proposta é de um equipa constituída por Alcino Soutinho (1930-2013), Augusto Amaral e Sérgio Fernandez (1937).¹⁴⁶

O plano regulador que o contrato pressupunha ser elaborado não apareceu na sua íntegra, enquanto estudo do conjunto urbano no seu todo, mas apenas sob a forma de planos parcelares que figuravam pequenos estudos e arranjos em zonas específicas da cidade. Só em 1963 aparece o estudo urbano do conjunto da cidade e da sua expansão sob a forma do Ante-Plano de Urbanização, onde Viana inclui as conclusões dos planos parcelares estudados até então.

Numa primeira análise identifica-se que o ante-plano assenta, sobretudo, na criação de zonamentos onde as vias de circulação, desenhadas segundo o seu grau de importância, têm um papel fundamental [Fig.32; Anexo 4]. O sistema viário é estruturador deste sistema. Os zonamentos, desenhados mais ou menos de uma forma irregular, surgem da sua adaptação cuidadosa à situação topográfica da cidade. As áreas de expansão abrangem, sobretudo o quadrante sul-poente, no sentido do desenvolvimento natural da cidade, mas também a zona da Avenida do Sabor (saída a nordeste), já em desenvolvimento na época. Em primeiro lugar, porque são as zonas que oferecem melhores condições topográficas mas também melhor orientação solar. Como já era proposto no plano de Januário, o quadrante norte é reservado para zona de proteção.

Proponho-me fazer uma análise detalhada deste plano segundo as quatro funções-chave da *Cidade Funcional* dos CIAM, comparando, em paralelo, os princípios da *Carta de Atenas*, que identifico como subjacentes a determinadas decisões.

¹⁴⁶ Cf. Entrevista com o Arq.^o Sérgio Fernandez. Anexo 1

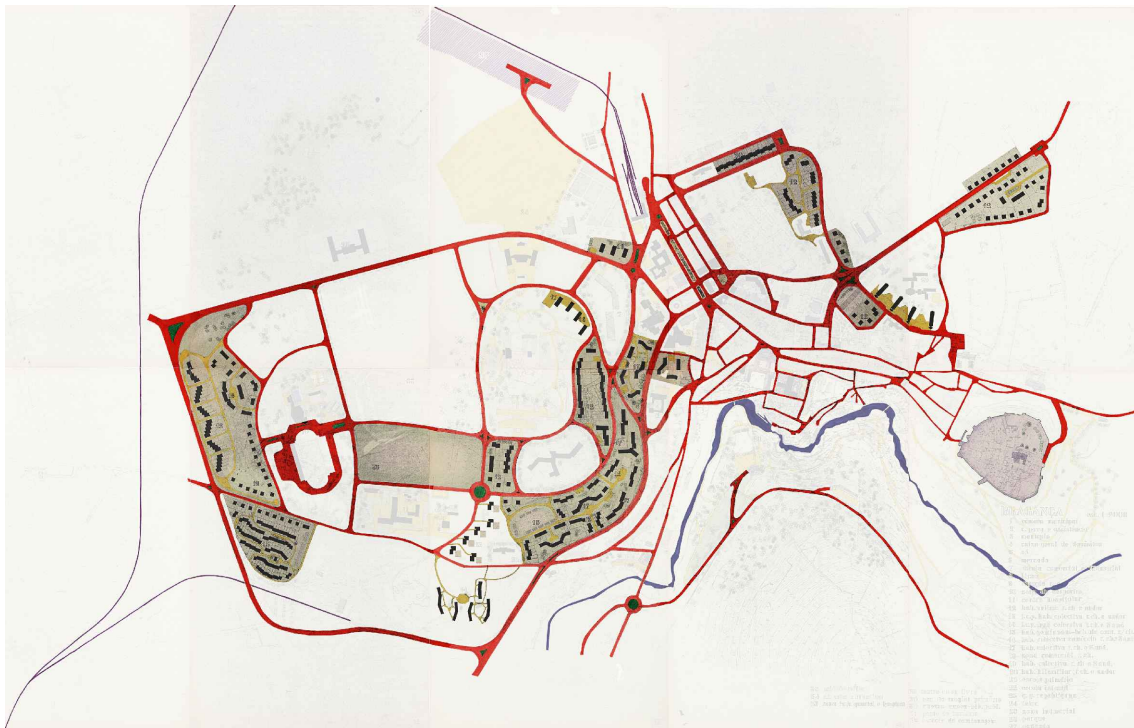


Fig. 33. Ante-Plano de Urbanização de Bragança: Habitação. Desenho interpretativo realizado pelo autor a partir do original.

HABITAÇÃO

É a habitação que é o centro das preocupações do urbanista, e o jogo das distâncias será regulado segundo a sua posição sobre o plano urbano em conformidade com a jornada solar de vinte e quatro horas que ritmica a actividade dos homens e dá a medida justa a todos os seus empreendimentos.¹⁴⁷

A distribuição da habitação tem um peso determinante no sistema [Fig. 33]. Os conjuntos habitacionais ocupam as áreas maiores. São colocados quase sempre em situações onde a topografia é mais conveniente, como as encostas voltadas a nascente, sul e poente, conferindo-lhes proteção dos ventos dominantes de norte, orientação solar mais favorável e melhores vistas. Ora, segundo a Carta de Atenas:

É preciso exigir que os bairros de habitação ocupem de ora-à-vante no espaço urbano, as melhores localizações, tirando partido da topografia levando em conta o clima, dispondo da exposição ao sol mais favorável e de superfícies verdes oportunas. (...)

É preciso procurar (...) as mais belas vistas, o ar mais salubre, tendo em conta os ventos e os nevoeiros, as vertentes melhor expostas, e, enfim, utilizar as superfícies verdes existentes, criá-las se elas não existem, ou reconstituí-las se tiverem sido destruídas.¹⁴⁸

Viana de Lima propõe diferentes tipos de habitação, principalmente unifamiliar, correspondendo maioritariamente a moradias geminadas e em banda mas, também, moradias isoladas e que se desenvolvem em rés-do-chão e andar.¹⁴⁹ Propõe também habitação bifamiliar (Bairro do Toural)¹⁵⁰ e habitação coletiva, em edifícios de rés-do-chão e três andares ou rés-do-chão e dois andares¹⁵¹, sendo que alguns deles com comércio no rés-do-chão.¹⁵² Não são propostos edifícios em grande altura (não atingem mais do que três andares), o que se explica pela escala e contexto da cidade, naquele momento.

Desenha a envolvente de bairros já existentes, como o Bairro de Habitações Económicas da Fundação Caixas de Previdência, cujo projeto da primeira fase (1955) é de João Andresen (1920-1967) e que corresponde a um conjunto de moradias de habitação coletiva em rés-do-chão e andar¹⁵³. Representa também o projeto da segunda fase

¹⁴⁷ “A Carta de Atenas” in *Arquitectura*, Lisboa, Ano XXII, 2ª série, nº 30 (Abril-Maio de 1949). P. 16 (ponto 79)

¹⁴⁸ “A Carta de Atenas” in *Arquitectura*, Lisboa, Ano XX, 2ª série, nº 23-24 (Maio-Junho de 1948). P. 40 (ponto 23)

¹⁴⁹ Conferir na legenda do ante-plano [Anexo 4] os nºs 12, 13 e 15

¹⁵⁰ Idem, nº 20

¹⁵¹ Idem, nºs 14, 17, 19

¹⁵² Idem, nºs 16 e 18

¹⁵³ Idem, nº 13

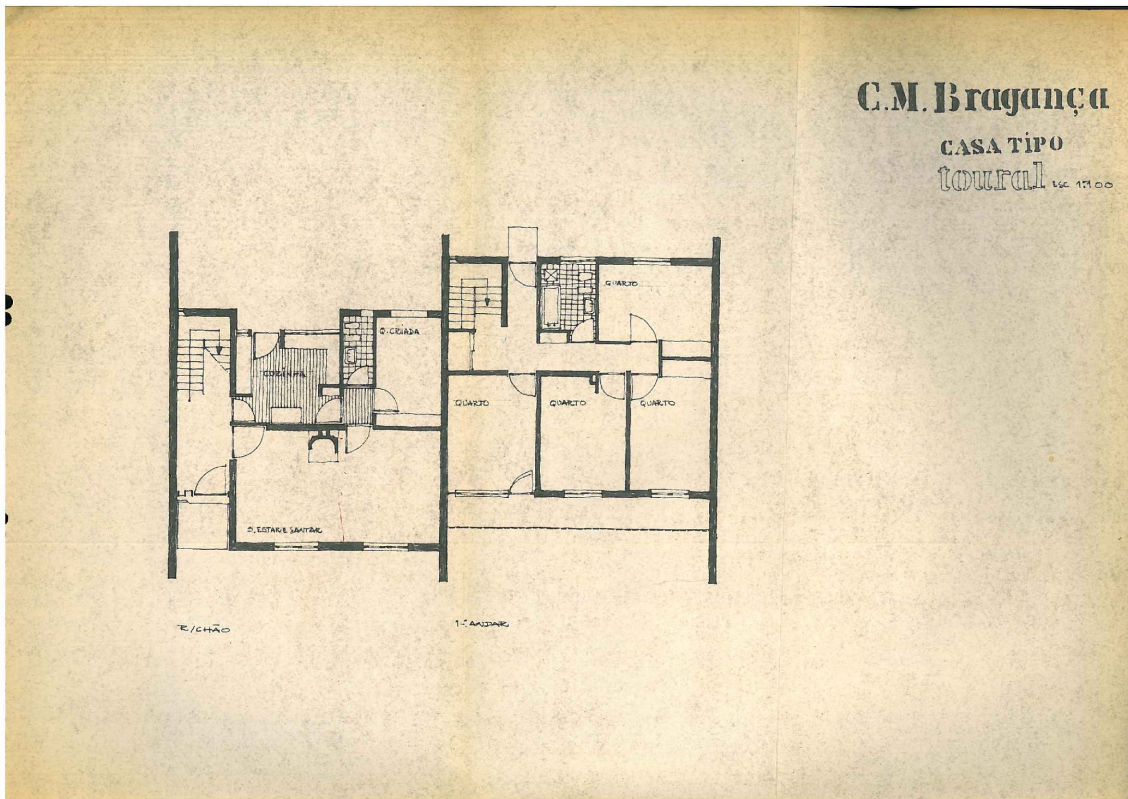


Fig. 34. Viana de Lima, planta da casa-tipo, Bairro do Toural, Bragança, 1963

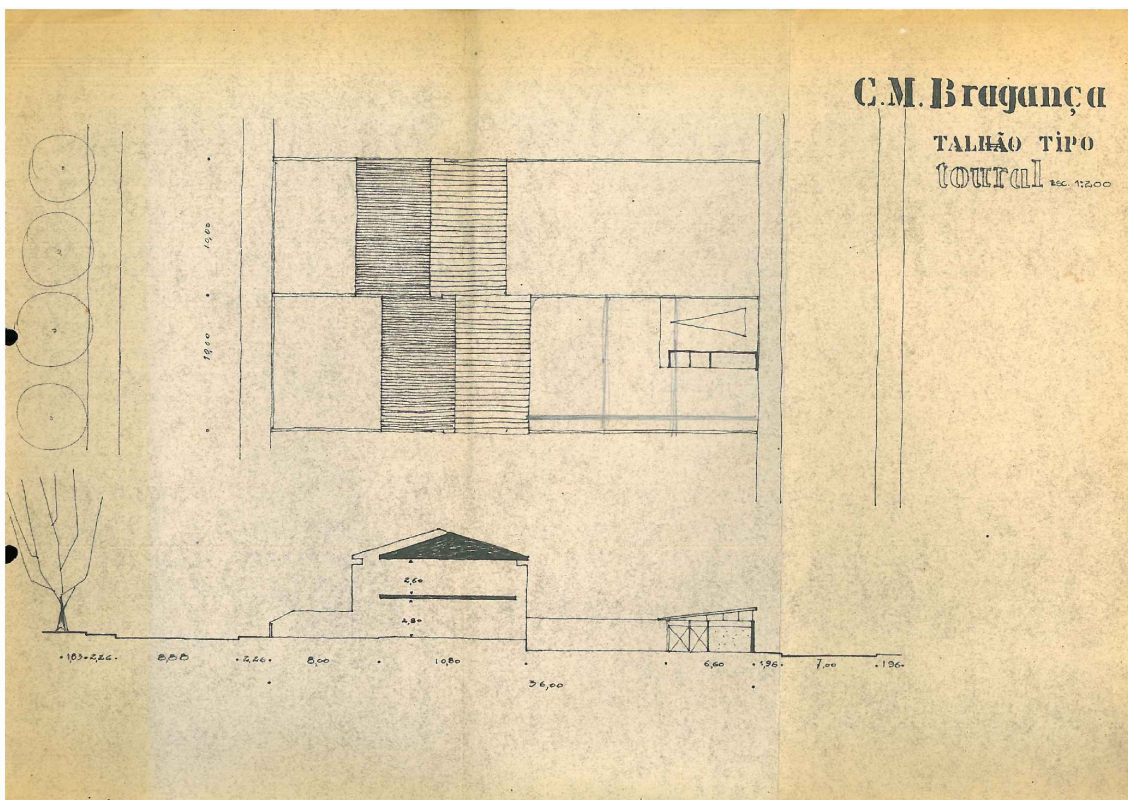


Fig. 35. Viana de Lima, desenho de cobertura e corte da casa-tipo, Bairro do Toural, Bragança, 1963

deste bairro, cujo programa consiste em habitação coletiva em rés-do-chão e três andares¹⁵⁴, da equipa de Alcino Soutinho, Augusto Amaral e Sérgio Fernandez¹⁵⁵. O único conjunto habitacional da autoria de Viana é o Bairro do Toural, junto à escola que também havia ali desenhado.

*É preciso exigir que seja proibido o alinhamento das habitações ao longo das vias de comunicação.*¹⁵⁶

Na sua maioria, estes conjuntos habitacionais não se desenvolvem ao longo das vias de comunicação principais. Encontram-se inseridos nos zonamentos que Viana desenha, onde o espaço livre e verde é abundante e às quais podemos aceder por meio de um sistema de vias secundárias. Estas vias que conduzem aos conjuntos habitacionais terminam muitas vezes em impasses ou pequenas “bolsas” que fazem a transição do sistema de circulação para o sistema habitacional. Esta situação corresponde à rejeição da rua corredor e do quarteirão tradicional, sobretudo nas áreas de expansão. Não se verifica tanto quando os conjuntos habitacionais se encontram em zona urbana já consolidada da cidade antiga, mas cria sempre soluções de transição entre a rua e o espaço privado da habitação por meio de logradouros. O logradouro é um elemento essencial na definição das moradias, que repete em todos os tipos de habitação unifamiliar.

Os agrupamentos de moradias parecem obedecer a uma lógica de repetição de um módulo ou célula habitacional, tema de Le Corbusier e dos CIAM, como podemos comprovar efetivamente pelas casas-tipo que desenha para o Toural e que são concretizadas. [Figs. 34-35]

*É preciso exigir que [as edificações altas] implantadas a grande distância umas das outras, libertem o solo em favor de amplas superfícies verdes. É preciso, ainda, que estejam situadas a bem grandes distâncias umas das outras, sem o que, a sua altura, longe de constituir um benefício, não será senão um agravamento do mal existente (...)*¹⁵⁷

A implantação dos edifícios de habitação coletiva em altura (embora tenham no máximo três pisos) é desenhada perpendicularmente à rua e mantem uma distância entre si.¹⁵⁸

¹⁵⁴ Idem, nº 14

¹⁵⁵ No entanto este projeto não é aprovado. Será concretizada uma outra proposta de Alcino Soutinho em 1965 (Alcino Soutinho torna-se arquiteto da Federação Caixas de Previdência em 1964)

¹⁵⁶ “A Carta de Atenas” in *Arquitectura*, Lisboa, Ano XX, 2ª série, nº 25 (Julho de 1948). P. 19 (ponto 27)

¹⁵⁷ Ibidem, p. 20 (ponto 29)

¹⁵⁸ Sobretudo os conjuntos na Estacada, a nordeste, e junto à Escola Comercial e Industrial. Conferir na legenda do ante-plano [Anexo 4] o nº 17

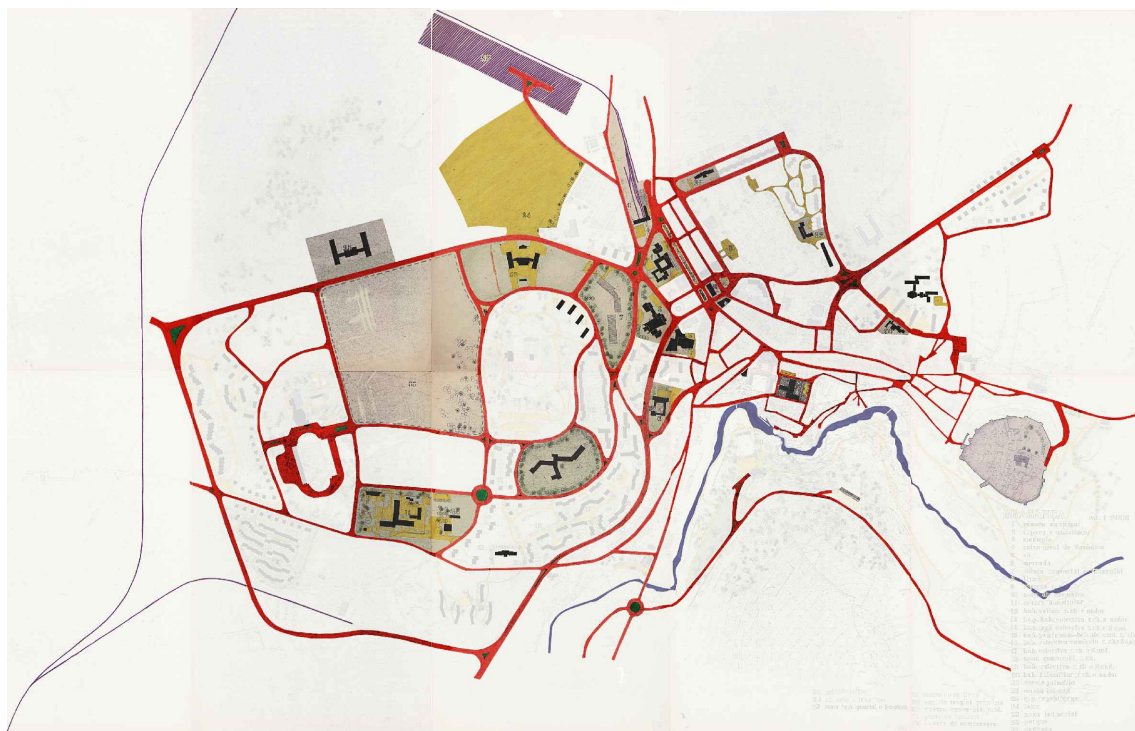


Fig. 36. Ante-Plano de Urbanização de Bragança: Equipamentos. Desenho interpretativo realizado pelo autor a partir do original.

*É preciso exigir que sejam impostas densidades razoáveis segundo as formas de habitação exigidas pela própria natureza do terreno.*¹⁵⁹

A densidade obtida resulta da “dispersão racional das habitações”¹⁶⁰ numa tentativa de adaptação à topografia, como explica na memória descritiva. [Anexo 5]

TRABALHO

A maioria dos equipamentos representados neste sistema [Fig.36] ainda não teriam sido construídos, mas já possuíam terrenos escolhidos e aprovados, com projetos elaborados ou em estudo, como o Liceu, o Estádio Municipal, o Hospital Regional, o Quartel da Guarda Nacional Republicana, o Quartel para Unidade Militar, o Edifício Multiusos do Montepio (agência, estalagem café-restaurante, cineteatro), a Caixa Geral de Depósitos e o Mercado Municipal. A Escola Comercial e Industrial, as Escolas Primárias do Toural e das Beatas e a Pousada já haviam sido construídas. A Câmara Municipal, a Casa do Povo e Assistência, a nova Sé e a Escola do Magistério Primário, aparecem já aqui representadas, embora a sua implantação ainda não tivesse sido decidida.

*O centro de negócios deve encontrar-se na confluência da circulação, servindo ao mesmo tempo as zonas habitacionais, as zonas industriais e o artesanato, as administrações públicas, certos hotéis e as diversas gares (gares ferroviárias, de estradas, marítimas e aéreas).*¹⁶¹

Grande parte dos equipamentos localizam-se junto à Praça Cavaleiro de Ferreira ou nas suas imediações, constituindo o Centro Cívico da cidade, que é reforçado ainda como centro religioso, ao representar aí a nova Sé¹⁶², e que é facilitado por ser a confluência das principais vias de comunicação, servindo facilmente todas as zonas da cidade (habitacionais, industriais e comerciais). Ao sistema de circulação do centro cívico acresce ainda a estação do caminho-de-ferro, localizada a norte deste eixo central.

¹⁵⁹ “A Carta de Atenas” in *Arquitectura*, Lisboa, Ano XX, 2ª série, nº 25 (Julho de 1948). P. 19 (ponto 25)

¹⁶⁰ Viana de Lima, op. cit.

¹⁶¹ “A Carta de Atenas” in *Arquitectura*, Lisboa, Ano XXI, 2ª série, nº 27 (Outubro-Dezembro de 1948). P. 18 (ponto 50)

¹⁶² Aparece representada no topo sudoeste da praça, ao contrário da disposição no plano de Januário Godinho. Ainda assim, esta não será a sua implantação definitiva.



Fig. 37. Ante-Plano de Urbanização de Bragança: Espaços Verdes, lazer e desporto. Desenho interpretativo realizado pelo autor a partir do original.

Já os equipamentos escolares encontram-se mais ou menos dispersos pelo sistema, mas quase sempre junto das zonas habitacionais (sobretudo as Escolas Primárias das Beatas e do Tournal e o Liceu) respondendo à contestação da *Carta de Atenas*:

Em redor da habitação e nas proximidades, a família reclama ainda a presença de instituições colectivas que sejam o seu verdadeiramente prolongamento: centros de abastecimento, serviços médicos, creches, escolas infantis, escolas, às quais há que juntar as organizações intelectuais e desportivas destinadas a proporcionar aos adolescentes a ocasião para trabalhos ou jogos destinados a satisfazer as aspirações particulares desta idade e, para completar os “organismos de saúde”, os terrenos próprios à cultura física e ao desporto quotidiano de cada qual. ¹⁶³

A zona industrial e de armazéns coloca-a a norte afastada do centro e junto da via-férrea de maneira que esta possa funcionar como meio de transporte de mercadorias.

LAZER

No desenho deste plano Viana de Lima respeita a conservação de grandes manchas verdes [Fig.37], deixando assim, ao longo do sistema amplos espaços livres, de acordo com a imagem do parque verde contínuo, para o peão usufruir, da *Cidade Radiosa*. Complementa o sistema propondo um parque na encosta de São Bartolomeu, junto ao rio Fervença, retomando a premissa de Januário Godinho, no entanto, desenha novos equipamentos recreativos, como um teatro ao ar livre, aproveitando o declive da encosta. O parque desenvolve-se ao longo da colina voltada para a cidade, com percursos ao longo da mesma, e onde os pontos de paragem funcionam como miradouros naturais. No topo da encosta do Forte de São João de Deus representa outro grande parque (que acaba por não se concretizar, uma vez que o terreno é adquirido pelo Ministério do Exército) e a poente, uma zona desportiva, onde está incluído o Estádio Municipal. Junto ao cemitério propõe também novas áreas verdes, que ao possibilitar novos espaços de recreio, transformaria o Largo do Tournal e a envolvente da Capela de Santo António. A centralidade e a proximidade destes parques e zonas arborizadas às zonas habitacionais e o facto de incluírem programas recreativos e desportivos permite que sejam mais facilmente usufruídos pelos habitante

¹⁶³ “A Carta de Atenas” in *Arquitectura*, Lisboa, Ano XX, 2ª série, nº 23-24 (Maio-Junho de 1948). P. 39 (ponto 18)

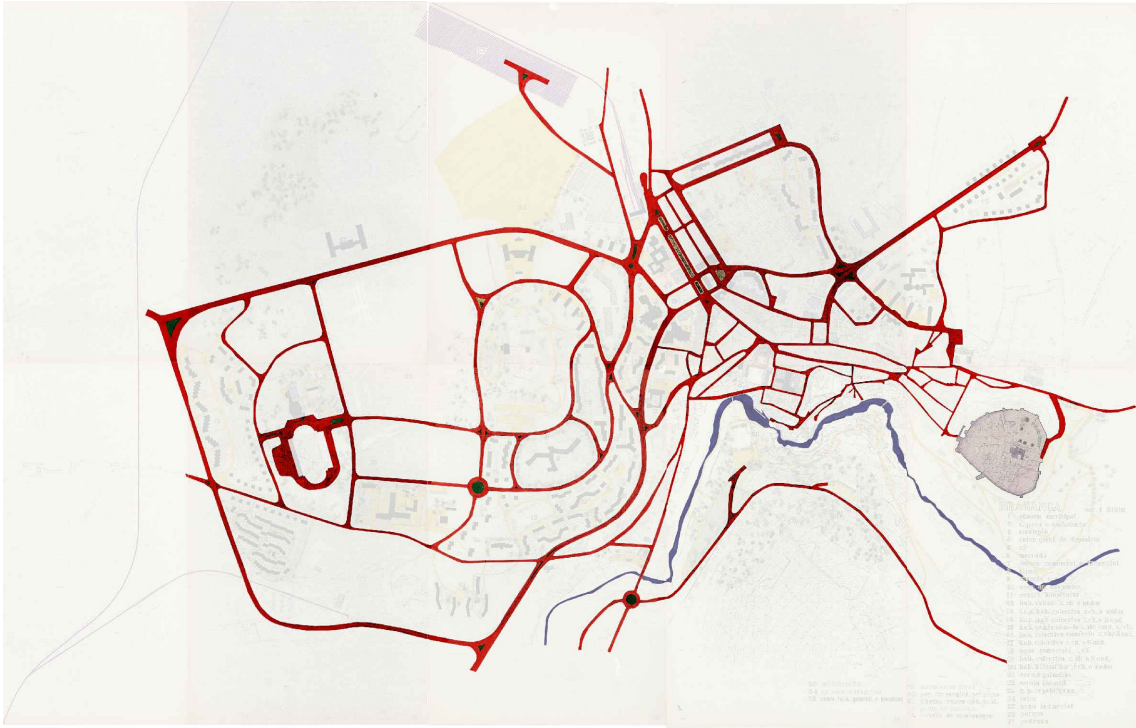


Fig. 38. Ante-Plano de Urbanização de Bragança: Vias de trânsito principais. Desenho interpretativo realizado pelo autor a partir do original.



Fig. 39. Ante-Plano de Urbanização de Bragança: Sistema viário (vias principais e vias secundárias). Desenho interpretativo realizado pelo autor a partir do original.

*Que todo o bairro de habitação comporte futuramente a superfície verde necessária para distribuição racional dos jogos e desportos das crianças, dos adolescentes e dos adultos.
(...)*

Que estas novas superfícies verdes sirvam fins nitidamente definidos: conter os jardins para crianças, as escolas, os centros da juventude ou todos aqueles edifícios de uso comunitário intimamente ligados à habitação.¹⁶⁴

Por último, refere a importância de uma zona de proteção aos ventos predominantes de noroeste, através da criação de uma área densamente arborizada, que seria levada a cabo pelos Serviços Florestais.

CIRCULAÇÃO

O zoning, considerando as funções-chave, habitar, trabalhar, recrear-se, porá em ordem o território urbano.

A circulação, essa quarta função não deve ter senão um fim: pôr as três outras em comunicação, duma forma útil.

São inevitáveis grandes transformações. A cidade e a sua região devem ser munidas de uma rede exactamente proporcional aos usos e aos fins que constituem a técnica moderna de circulação.

Será preciso classificar e diferenciar os meios de circulação e estabelecer para cada um deles um curso apropriado à própria natureza dos veículos utilizados.

A circulação assim regulamentada torna-se uma função regular que não imprimirá nenhum constrangimento à estrutura da habitação ou à dos locais de trabalho¹⁶⁵.

Este princípio da *Carta de Atenas* é claramente visível no plano. O zonamento e o sistema de circulação são os grandes estruturadores do sistema. As vias de trânsito automóvel principais já previstas no plano anterior de Januário Godinho são redefinidas, umas para melhor se adaptarem à topografia e outras tendo em conta as novas condicionantes face aos equipamentos e habitação a desenvolver.

As ruas de habitação e os terrenos destinados a uso colectivo reclamam uma atmosfera própria. Para permitir aos alojamentos e aos seus "prolongamentos" o gozo da calma e da

¹⁶⁴ "A Carta de Atenas" in *Arquitectura*, Lisboa, Ano XX, 2ª série, nº 26 (Agosto-Setembro de 1948). P. 19. (pontos 35 e 37)

¹⁶⁵ "A Carta de Atenas" in *Arquitectura*, Lisboa, Ano XXII, 2ª série, nº 30 (Abril-Maio de 1949). P. 16 (ponto 81)

paz que lhes são necessárias, os veículos mecânicos serão canalizados em circuitos especiais.

As avenidas de trânsito não terão os mais pequenos contactos com as ruas de circulação reduzida, salvo nos locais de concordância.

As grandes vias principais, que estão em relação com todo o conjunto da região, afirmarão naturalmente a sua prioridade.

Mas serão também consideradas ruas para passear onde, sendo estritamente imposta uma velocidade reduzida aos veículos de todas as espécies, a mistura destes com os peões não ofereça quaisquer inconvenientes.¹⁶⁶

As vias são diferenciadas e expressivamente identificadas segundo o seu grau de importância: a vermelho as vias de trânsito principal e a amarelo as vias secundárias, onde estão incluídas as ruas de acesso à habitação, ruas de passeio e parques de estacionamento. [Fig.38-39]

O traçado do caminho-de-ferro continuava a constituir um problema à expansão da cidade. Numa solução diferente da de Januário, propõe o seu desvio, de forma a entrar na cidade a norte, e conservar a estação existente. Pensa também na possibilidade de uma ligação mais fácil com as minas de ferro de Guadramil, que defendia ser de grande importância para o desenvolvimento económico da região e do país.

Em todo o sistema foram pensados parques de estacionamento tangenciais, “a fim de salvaguardar o sossego dos quarteirões, pertença de homens e não de máquinas”.¹⁶⁷ Esta conclusão da sua memória descritiva demonstra, uma vez mais, a influência de Le Corbusier no seu discurso.

CENTRO CÍVICO E PATRIMÓNIO HISTÓRICO

A criação de um centro cívico reflete a preocupação dos CIAM do segundo pós-guerra, quando este programa é adicionado à *Cidade Funcional*, como uma quinta função-chave. A sua definição em Bragança foi um problema que se arrastou durante muito tempo dependente da localização da nova Sé, cuja implantação, no ante-plano de Viana de Lima, se estabeleceu junto da Praça Cavaleiro de Ferreira, onde já se encontravam edifícios públicos como tribunais. Como já vimos, o carácter central da praça no sistema é reforçado pela confluência das principais vias de circulação e pelo posicionamento dos principais equipamentos nas suas imediações. O seu redesenho passou, também,

¹⁶⁶ “A Carta de Atenas” in *Arquitectura*, Lisboa, Ano XXII, 2ª série, nº 29 (Fevereiro-Março de 1949). P. 15 (ponto 63)

¹⁶⁷ Viana de Lima, op. cit.

pelo cuidado de dar uma escala ao conjunto que não perturbasse o existente e pela resolução do problema do atravessamento de uma via rápida, tendo em conta que este seria também um espaço para os peões usufruírem.¹⁶⁸

O centro cívico deveria funcionar como o elo de ligação entre a *cidade velha* e a *cidade nova*. Isto demonstra, também, a sua preocupação com o centro histórico, ao qual não deixa de se dedicar, identificando as suas principais vias e conectando-as com a nova expansão, estando assim ligado a todo o sistema.

*Os valores arquitecturais devem ser salvaguardados (edifícios isolados ou conjuntos urbanos) (...) São estes testemunhos preciosos do passado que serão respeitados, primeiramente por causa do seu valor histórico ou sentimental, depois porque alguns deles têm em si uma virtude plástica na qual se encarnou o mais alto grau de intensidade do génio humano.*¹⁶⁹

No centro histórico propõe intervenções em importantes espaços públicos como a Praça da Sé (antigo centro cívico) e o Mercado Municipal na Praça Camões (que deveria ser o prolongamento da zona de convívio da Sé), e também na envolvente da Cidadela, através da criação de percursos pedonais ao longo das suas encostas, que se conectariam com o parque do Fervença.

Assim, a *cidade velha* e a *cidade nova* são vistas como um todo, numa lógica de conjunto.

¹⁶⁸ Ibidem

¹⁶⁹ "A Carta de Atenas" in *Arquitectura*, op. cit. P. 15 (ponto 65)

CONCLUSÕES

Embora se comprove a aplicação de alguns cânones decorrentes de Le Corbusier e dos CIAM no Ante-Plano de Urbanização de Bragança, Viana de Lima demonstra uma grande sensibilidade aos valores culturais e regionais, bem como às técnicas e materiais de construção locais (utilização do xisto, por exemplo, nas escola primárias e no hospital), da qual é representativo o desenho das moradias sempre com o cuidado de lhes atribuir o logradouro. Esta reunião da modernidade com tradição pode ser um reflexo do acompanhamento do *Inquérito*, no entanto, Le Corbusier também já realizava este tipo de experiências, às quais certamente Viana de Lima estaria atento.

Para que o desenho deste plano corresponda à imagem do contínuo verde da *Cidade Radiosa*, só lhe faltaria que os edifícios estivessem assentes em *pilotis*, situação que não se aplicaria a uma cidade desta dimensão, por não ter necessidades habitacionais que os edifícios em altura e o aumento da densidade decorrente resolveriam. Parece-me que a influência destes princípios está aqui bem presente, no entanto Viana tem o cuidado de os adaptar ao contexto desta cidade. Consegue, de certa forma, a “justa proporção dos volumes construídos e dos espaços livres”¹⁷⁰ proclamada pela *Carta de Atenas*, onde a disposição das construções está em equilíbrio com os espaços livres da cidade, permitindo desfrutar das condições de *ar, sol, espaço e verdura*.

¹⁷⁰ “A Carta de Atenas” in *Arquitectura*, Lisboa, Ano XX, 2ª série, nº 25 (Julho de 1948). P. 21 (ponto 32)

ANEXOS

ANEXO 1. ENTREVISTA AO ARQUITETO SÉRGIO FERNANDEZ

Porto, 22 de Novembro de 2016

O arquiteto Sérgio Fernandez (1937) colaborou durante vários anos no *atelier* de Viana de Lima, coincidindo com o período em que este começou a realizar projetos para Bragança e se tornou arquiteto consultor da cidade. É também com Viana de Lima que assiste ao CIAM IX, em Otterlo (Holanda) em 1959.

Através desta entrevista foi fundamental perceber de que forma o arquiteto Sérgio Fernandez acompanhou a realização do Ante-Plano de Urbanização de Bragança. Procurei entender qual o método de trabalho de Viana de Lima, quais as suas referências, como se relacionava no *atelier* e sobretudo perceber de que forma estaria presente a influência de Le Corbusier no seu trabalho e mais concretamente na realização do Ante-Plano de Urbanização de Bragança.

Em que momento começou a colaborar com o Arq.º Viana de Lima?

Eu entrei para a escola [Escola Superior de Belas Artes do Porto] em 1955 e no terceiro ano comecei a trabalhar com o Viana de Lima. O meu pai tomava café num sítio muito conhecido no Porto na altura que era *A Brasileira*, onde o Viana ia frequentemente. Conheci-o bastante bem a partir daí. Depois quando entrei para a escola, entrou também, ao mesmo tempo, a filha do Viana de Lima, a Sílvia, de quem eu me tornei muito amigo até ela morrer. Tinha uma intimidade muito grande com ela. Éramos muito amigos. E começámos os dois, a trabalhar nessa altura no *atelier* do Viana de Lima. Era muito vulgar os alunos trabalharem em escritórios. Estive lá até fazer a tese e vir embora. Eu acabei o curso em 1965, de maneira que trabalhei com ele uns sete ou oito anos, ou mais. Quando fiz a tese, já não estava lá a trabalhar diariamente, mas ia de vez em quando e ajudava, quando ele me pedia.

Desta forma, estabeleci uma relação muito boa com o Viana e era ainda mais próxima porque eu era amigo e colega da filha.

Nessa altura quem eram os colaboradores do *atelier*?

Os colaboradores principais do *atelier* eram o meu cunhado (o arquiteto Bento Lousã), a Sílvia e eu. Acho que mais ninguém. Depois foram passando alguns, mas naquela altura eram pouco mais.

Onde era o escritório?

Nessa altura era na Avenida dos Aliados. Só depois é que passou para a Rua da Cancela Velha.

No *atelier*, como definiria o seu método de trabalho? Era solitário ou havia uma abordagem pedagógica com os colaboradores?

Ele era razoavelmente solitário, mas não posso negar que nos dava bastante liberdade, apesar de tudo. Não estava de todo ligado ao ensino, porque isso foi uma coisa que aconteceu muito mais tarde. Na verdade, ele não era uma pessoa brilhante a falar. Tinha dificuldade em dialogar. No entanto, eu achava o Viana uma pessoa com uma sensibilidade espantosa. Desenhava primorosamente e tinha uma memória visual como ninguém. Eu acho que foi um dos melhores, ou se não o melhor arquiteto aqui do norte daquela época. Era uma pessoa brilhante a esse nível.

Tinha acesso à sua biblioteca pessoal? Conhecia as suas referências pessoais? Que obras de destaque é que ele possuía?

Ele tinha uma biblioteca bastante boa, que aliás doou aqui à Faculdade [de Arquitetura da Universidade do Porto], e que a maior parte desapareceu na mudança, porque ficou retida na reitoria. Mas tinha uma biblioteca muito boa, de livros muito bem escolhidos. De revistas assinava tudo quanto era bom. Era uma pessoa que se informava muito. No entanto, a sensibilidade que ele tinha para a arquitetura e para as coisas relacionadas com a arquitetura supria trezentos livros. Não precisava de referências, mas ele tinha-as. Possuía tudo quanto era bom de livros e revistas. Revistas da década de 1930, por exemplo, quando se dizia que aqui não entravam, ele tinha bastantes. Além disso, também viajava. Ia bastante a França, até porque a mulher tinha origem francesa. E isso, especialmente naquela altura, abria muito a mente. Agora toda a gente vai e vem. Mas naquela altura não era bem assim. E ele era um homem muito interessado, apaixonadíssimo pela arquitetura. Não prescindia de nada no que toca às relações com as coisas de arquitetura, com os encontros, etc.

Eu diria, ainda assim, que lhe faltava um bocadinho mais de cultura teórica. Lembrome de uma situação com outro arquiteto desta altura, um bocadinho mas velho, o Arménio Losa, num congresso de arquitetos. Eu já estava na escola. Foi no princípio. Houve umas visitas a uns prédios e um deles foi o prédio Costa Cabral do Viana de Lima, onde ele vivia. Quando estavam no interior, a ver uma janela, que abria de determinada forma, o Losa (que era pessoa dura, com alguma insensibilidade à estética, mas com bastante inteligência e cultura) pergunta-lhe porque é que abria assim e não de

outra forma, e porque é que ele fez daquela maneira, ao qual o Viana lhe responde “Porque me apeteceu, pronto! Porque me apeteceu!”

Ele tinha essa vertente, que eu diria artística, no sentido positivo da palavra. Havia coisas que era “porque sim” e não precisavam de ter um testemunho e realmente com isso fez obras muitíssimo interessantes. Fez outras menos boas e eu acho que o período de Bragança não foi o melhor, de facto. Havia coisas mais interessantes antes. No entanto, teve uma ação em Bragança que me pareceu muito interessante na altura, embora fosse aquela coisa corriqueira de corrigir projetos. Ele fazia muitas coisas lá, muitas intervenções relativamente pequenas e nem todas eram super felizes. Mas foi uma personagem muito importante na arquitetura daquela cidade e depois foi um lutador. Era um devoto do Le Corbusier. Completamente. No escritório não havia metros nem centímetros. Havia as tabelas do Le Corbusier e nós fazíamos tudo de acordo com aquilo.

O *modulor* funcionava como mandamento ou bíblia a seguir no *atelier*?

Era tudo feito com o *modulor*. Já nem era bíblia, porque já nem se dava por isso, estava integrado naturalmente. Tudo aquilo já estava interiorizado.

Seguia-se rigorosamente? Não havia liberdade para uma síntese?

Não era uma questão de liberdade. Não tínhamos sequer a noção. Era completamente assumido.

Relativamente aos princípios da Carta de Atenas e aos postulados dos CIAM. Acha que funcionavam como cânone a seguir?

Era uma fonte mais do que inspiração. Eu diria que era mais uma regra. E não era só para o Viana, era para todos os arquitetos ditos modernos, coisa que na altura não era fácil de ser. Ser moderno naquela altura era muito complicado. E Viana nisso foi um lutador. A par disso tinha a sua posição política, que também era nitidamente contra, muito próxima do Partido Comunista. Nem sei se ele chegou a pertencer ao PC, mas de qualquer maneira apoiava. E o PC naquela altura era mais do que clandestino. Portanto tinha uma posição política completamente contrária à do regime. Aliás, como quase todos os arquitetos que lutavam pela arquitetura moderna. Com algumas pequenas exceções, entre as quais podia localizar o Arq.^o Januário Godinho (que era uma pessoa moderna e com qualidade). Isso ostracizou-o bastante e até o desmereceu bastante, quando ele merecia ser considerado. Mas era visto um bocadinho de lado. Depois entrou numa colaboração completa com os tribunais. Mas era uma pessoa qualificada e amigo deles todos, inicialmente, mas depois era visto de lado porque não era propriamente de esquerda.

Curiosamente, foi justamente o Arq.º Januário Godinho que realizou o primeiro plano de urbanização de Bragança em 1946.

Não faço a mínima a ideia. Nem sabia que tinha sido o Januário Godinho a fazer o plano. Mas quando Viana pegou no plano, eu suponho que o Januário Godinho já tivesse mais que fazer, como tribunais, entre outras coisas importantes e, muito provavelmente, desligou-se. Também não sei como é que surgiu essa afinidade do Viana com Bragança.

O ante-plano de Viana de Lima acontece depois de projetar o Hospital, em 1957.

Claro! Foi o Hospital que lhe abriu o caminho, evidentemente. Eu diria que foi a primeira obra moderna de raiz estatal. Tinha aquelas coisas que nós achávamos graça, aquelas colunas laterais feitas em xisto. O Viana nunca participou no Inquérito, mas era muito sensível àquelas coisas. Mas o Hospital é Le Corbusier. E a verdade é que o Le Corbusier fartou-se de fazer isso também, inclusões desse tipo. Era uma obra muito bem feita e foi, de facto, uma espécie de obra-emblema já no período de decadência absoluta do Estado. O Governo, fundamentalmente a partir de 1948 começou a perder terreno. Mas essa perda de terreno, em muitos casos, implicou endurecimento, por exemplo, em relação às questões políticas, às saídas do país, à entrada de livros, etc. Quanto mais terreno perdia mais duro ficava. E o Viana manteve-se sempre com muita coerência relativamente a isso.

O Hospital foi sem dúvida o que fez com que ele tivesse aquela relação com a cidade de Bragança. Até porque tinha que ir lá muitas vezes e contactar com muita gente. Mesmo eu fui lá algumas vezes com ele, já no fim do Hospital, porque eu acho que não assisti à construção. É natural, portanto, que ele tivesse uma relação muito íntima com aquela gente toda.

De onde acha que lhe vem essa preocupação regionalista? Apesar de não ter participado no Inquérito, acha que o influenciou?

O Inquérito foi fundamental. Eu fiz a escola toda sob o manto do Inquérito. Entrei para a escola quando se iniciava. De repente os arquitetos descobriram que a arquitetura moderna estava no Inquérito. Este foi feito para defender a arquitetura moderna, para procurar a modernidade e para combater aqueles estereótipos que o governo tinha do folclore. O Viana, como era uma pessoa extraordinariamente sensível, aquilo dizia-lhe respeito e ele percebia bem aquilo. Nem sei porque é que ele não participou, ou porque é que não foi convidado. Mas acompanhou e estava perfeitamente dentro do Inquérito.

Isto foi uma espécie de uma onda, na qual eu fui educado na escola, que era um mito. De repente o campo é que era maravilhoso e aquilo dava tudo certo. E evidentemente acabei o curso e fui para Rio de Onor viver um ano e meio, em circunstâncias surreais porque tinha que ser, porque era aquilo que apetecia a toda a gente. Apanhei a onda toda do Inquérito, que foi realmente uma viragem muito importante. Os arquitetos modernos na luta contra o regime desataram a fazer “modernices” que não tinham nada a ver connosco e aperceberam-se disso a certa altura. Foi fundamentalmente o Keil do Amaral e o Fernando Távora, mas também o Nuno Teotónio Pereira, que se aperceberam de que aquilo que estava a ser feito era completamente, não diria copiado, mas tão diretamente inspirado, que não tinha nada a ver connosco. Era necessário arranjar aliterações para justificar aquilo. Foi aí, que o Keil lançou a ideia do Inquérito. E realmente foi feito na procura de legitimar a arquitetura moderna. Teve imensa importância e não só em Portugal. Havia já uns antecedentes em Itália, onde também tinha sido feito um inquérito semelhante. E nós todos, naturalmente, fomos encanados e o Viana com certeza também, e sobretudo naquela altura que estava muito ligado a Bragança.

Que trabalhos realizou em Bragança com Viana de Lima?

O que eu fiz no *atelier* de Viana para Bragança foi uma escola, que é aquela perto do cemitério, lá em cima [Toural]. E eu nem sabia que depois tinham feito outra igual. [Beatas]

Não sei se se recorda, mas junto à Escola do Toural há também umas moradias que foi ele que desenhou.

Sim, lembro-me. Embora eu já não estivesse completamente ligado ao Viana e lembro-me até de ser bastante crítico em relação àquelas casas. Mas no outro dia fui lá e fui vê-las e não achei assim tão mal quanto isso. Lembro-me que enquanto colaborador achei aquilo uma chatice. Mas no outro dia fui lá à procura das escolas e vi as casas e achei que era bastante melhor do que aquilo que eu tinha pintado, só por fora claro. Tem um certo acerto de escala que acho que é interessante. Não é um projeto notável mas é interessante.

Mas se eu fiz alguma coisa para Bragança foi desenhar alguns arranjos.

No ante-plano identifico que alguns conjuntos habitacionais, que ele tem o cuidado de incluir nos seus zonamentos, são projetos de outros arquitetos ou equipas. Como por exemplo o conjunto de Habitações de Casas Económicas da Federação Caixas de Previdência, projeto da autoria do Arq.º Sérgio Fernandez, juntamente com os arquitetos Alcino Soutinho e Augusto Amaral.

Não me lembro. Mas eu acho que isto foi uma encomenda ao Viana e não ao contrário, e que ele nos terá dado. Enfim, já não me lembro muito bem como foi. Mas sim, de facto, agora estou a lembrar-me de ter feito alguma coisa aqui com o Soutinho. E o do João Andresen também era na mesma zona. [Habitação Colectiva r/c e andar, Bairro da Fundação Caixas de Previdência – primeira fase]

No entanto, o projeto aprovado para este conjunto [Bairro Fundação Caixas de Previdência – segunda fase] é apenas do Arq.º Alcino Soutinho.

Pois porque nessa altura o Alcino Soutinho foi trabalhar para a Fundação Caixas de Previdência e poderão ter-lhe encarregado este trabalho, ate porque já tinha antecedentes.

[Relativamente ao desenho do ante-plano de urbanização de Viana de Lima] Este sistema é muito dependente do zonamento. Com as vias a desempenhar um papel estruturante. E depois um “verde” contínuo. Podemos constatar que a habitação é isolada no interior dessas áreas verdes. Relativamente à habitação coletiva em altura, parece-me que não é muito proposta, o que terá a ver com a escala da cidade.

Lembro-me bem desse grafismo todo. Estes planos eram feitos muito à base de zonamentos e das vias. Relativamente à habitação em altura naquela época, ali, não fazia muito sentido.

É engraçado porque eu lembro-me que havia um prazer muito grande nestes desenhos. Era uma coisa que nós gostávamos muito de fazer. E era um prazer pelo desenho apenas. Por exemplo estes quintais que estão aqui representados, não sei que tradução é que teriam na prática. Tinham os “murinhos”? Não tinham os “murinhos”? O desenho do Viana é realmente muito artístico, mesmo na própria grafia. O Viana era um artista!

Colaboravam muito na elaboração destes desenhos?

Sim, muito diretamente. Ele desenhava muito bem e depois passava-nos esquemas que ele fazia e ia corrigindo. Isto tudo eram gestos mais artísticos do que relacionais, eu diria. Embora haja alguns princípios aqui dos zonamentos e da rede viária que tinham a sua lógica

[Relativamente ao desenho do plano de Urbanização de Januário Godinho]

O do Viana é muito mais artístico! Não tem nada a ver!

O de Januário é muito mais rígido. Não sei se não estará ainda muito ligado à lógica do regime em algumas situações, sendo que se realiza em 1946, ao passo que o de Viana é 1963.

Em 1946 estamos em plena afirmação do regime.

Mas a Carta de Atenas já tinha chegado.

A Carta de Atenas foi publicada a primeira vez aqui, creio eu em 1944, num folheto qualquer sem importância nenhuma e depois foi o Nuno Teotónio Pereira, acho eu que a publicou mais tarde. Mas foi em 1948, com o Congresso que ela aparece com consequências. É adotada por tudo quanto eram arquitetos modernos, nessa altura.

Relativamente aos CIAM. Como é que lhe surgiu essa oportunidade?

Ele era muito amigo do André Wogenscky e da mulher dele, que era escultora, a Marta Pan e mantinha um contacto bastante assíduo com eles, possivelmente por correspondência e ele já tinha estado em vários CIAM.

E o Arq.^o Sérgio Fernandez? Só chegou a ir ao último?

Sim, foi nesse que eu estive, em 1959. Quando nós fomos a esse CIAM, eu era estudante. Havia umas sessões em que se discutiam projetos e o Viana levou o projeto do Hospital. Não teve grande sucesso, porque ele também não teve muito sucesso a explicá-lo. Não era uma pessoa brilhante a discursar, como lhe disse. O Távora levou a casa de Ofir e o Mercado da Feira. O mercado teve imenso sucesso mas à casa de Ofir não ligaram nenhuma, ou pouco, porque não lhes dizia respeito. Depois lembro-me de que havia umas sessões paralelas, em que o Viana mostrou a casa das Marinhas, que teve algum sucesso (que é uma obra absolutamente fundamental da nossa arquitetura).

Acha que terá sido pela preocupação regionalista, que chamou mais à atenção?

A casa das Marinhas é uma peça Le Corbusier. Total. Desde as medidas, desde a espacialidade, os pés direitos duplos, os vãos que se abrem uns sobre os outros. É realmente muito bem conseguida. E lembro-me que naquela apresentação teve muito sucesso. Mais do que o hospital.

Essa altura já se caracteriza pelo aparecimento do *Team 10*. De que forma é que via a cisão que eles provocam no CIAM?

Eu não tive essa perceção. A única perceção que tive foi uma discussão enorme que eu acho que não está muito bem relatada. Foi a sensação que eu tive enquanto estudante (andava no terceiro ou quarto ano) daquilo que lá se passou. Houve um ataque

feroz dos arquitetos ligados ao *Team 10*, designadamente os holandeses, como o [Jaap] Bakema, aos italianos (aos quais eu pessoalmente e, de certo modo, o Viana também, aderíamos bastante). Estava o [Ernesto] Rogers, estava o [Ignazio] Gardella, etc...A Itália começava a fazer uma espécie de “recuperação” dos valores históricos que também a nós nos disse alguma coisa, só que os holandeses não tinham nada a ver com isso, pelo menos aparentemente e, lembro-me de que caíram em cima, não do Rogers porque lhe tinham respeito, mas de um outro italiano mais novo que agora não me lembro do nome. Caíram em cima dele a dizer que eles eram barrocos e historicistas e que não davam contributo nenhum, etc. Houve assim uma discussão bastante acesa. Mas não me lembro de propriamente uma cisão tao visível quanto isso. Provavelmente por desconhecimento.

Através do testemunho do arquiteto Sérgio Fernandez percebo que a influência de Le Corbusier está naturalmente integrada no método de trabalho de Viana de Lima. No entanto, não deixa de se mostrar sensível a valores regionalistas e tradicionalistas, no que toca à utilização de técnicas e materiais de construção, fruto do acompanhamento do *Inquérito*, mas também das realizações semelhantes de Le Corbusier neste período, às quais estaria certamente atento.

1910 Implantação da República Portuguesa

1910

1911

1912

1913 Nasce Alfredo Evangelista Viana de Lima

1913

1914

1914 Início da Primeira Guerra Mundial

Le Corbusier: Maison Dom-ino

1915

1916

1917

1918

1918 Publicação de A Nossa Casa de Raul Lino

1919

1915 Primeira Guerra Mundial

1919 Le Corbusier: Maisons Monol

1920

Le Corbusier: Maison Citrohan

1921

Le Corbusier: Maison Citrohan

1922

Le Corbusier: Maison-Atelier Amédée Ozenfant, Paris
 Salão de Outono de Paris: Le Corbusier apresenta *Une Ville Contemporaine de 3 Millions d'Habitants, Immeubles-Villas e Maison Citrohan*.

1923

Le Corbusier: Maison La Roche-Jeanneret, Paris
 Publicação de *Vers Une Architecture* de Le Corbusier

1924

Le Corbusier: Maison La Roche-Jeanneret, Paris
 Publicação de *Vers Une Architecture* de Le Corbusier

1925

Exposition des Arts Décoratifs, Paris. *Pavillon de l'Esprit Nouveau* e apresentação do *Plan Voisin* de Le Corbusier

Le Corbusier: projecto de Villa Meyer, Neuilly-sur-Seine, França (não construído)

Publicação de *Urbanisme* de Le Corbusier

1926

Início da Ditadura Militar

1927

Le Corbusier: Maison Cook, Boulogne-sur-Seine, França

1928

Le Corbusier: Villa Stein-de-Monzie, Garches (França)

Le Corbusier: projecto para Palais de la Société des Nations, Genebra, Suíça

1929

CIAM II, La Sarraz (Suíça)

Le Corbusier: projecto para Palais de la Société des Nations, Genebra, Suíça

CIAM II, Frankfurt (Alemanha). *Existenzminimum* (Habitação Mínima)

Le Corbusier: Villa Savoye, Poissy, França

Publicação de *A Casa Portuguesa* de Raul Lino
 Criação da DGE/MN (Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais)

Viana de Lima ingressa no **Curso Especial de Arquitectura da ESBAP com 16 anos**

1925

Exposition des Arts Décoratifs, Paris. *Pavillon de l'Esprit Nouveau* e apresentação do *Plan Voisin* de Le Corbusier

Le Corbusier: projecto de Villa Meyer, Neuilly-sur-Seine, França (não construído)

Publicação de *Urbanisme* de Le Corbusier

1927

Le Corbusier: Maison Cook, Boulogne-sur-Seine, França

1928

CIAM II, La Sarraz (Suíça)

Le Corbusier: projecto para Palais de la Société des Nations, Genebra, Suíça

1929

CIAM II, Frankfurt (Alemanha). *Existenzminimum* (Habitação Mínima)

Le Corbusier: Villa Savoye, Poissy, França

1930

CIAM III, Bruxelas (Bélgica)

Primeira apresentação da *Ville Radieuse* de Le Corbusier, no CIAM 3

Le Corbusier: Pavillon Suisse (1930-32), Cidade Universitária de Paris

1931

1932

António de Oliveira Salazar é nomeado chefe de governo

1933

CIAM IV, Marselha-Atenas: *A Cidade Funcional*Publicação da *Ville Radieuse* de Le Corbusier

1934

Publicação de *Casas Portuguesas* de Raul LinoInício do regime do chamado *Estado Novo*

Criação do programa habitacional das Casas Económicas

Viana de Lima ingressa no **Curso Superior de Arquitectura da ESBAP**

Planos Gerais de Urbanização criados por Duarte Pacheco

1935

1937

CIAM V, Paris (França): *Logis et Loisir* (Habitação e Lazer)

Le Corbusier: Pavillon des Temps Nouveaux, Exposição de Paris

1938

Publicação de *Des Canons, des munitions? Merci, des logis s.v.p.* de Le Corbusier

1939

Início da Segunda Guerra Mundial

1935

Realiza viagem de estudo à Bélgica, Holanda, França e Inglaterra

Conclui o curso e inicia estágio sob a orientação de Rogério de Azevedo e Marques da Silva (até 1941)

Casa Cortez (1939-1941), PortoTrabalha na secção dos Monumentos Nacionais da DGEMN do Ministério das Obras Públicas (até 1939)

1935

1937

CIAM V, Paris (França): *Logis et Loisir* (Habitação e Lazer)

Le Corbusier: Pavillon des Temps Nouveaux, Exposição de Paris

1938

Publicação de *Des Canons, des munitions? Merci, des logis s.v.p.* de Le Corbusier

1939

Início da Segunda Guerra Mundial

Plano de Urbanização da Zona Sul da Av. Aféres Malheiro (Bairro de Alvalade) desenhado por João Faria da Costa

Morre Duarte Pacheco

Obtém o diploma de arquitecto (CODA), apresentando como tese o trabalho *Uma biblioteca-arquivo para o ensino universitário*.

Exposição do Mundo Português (Belém)

[Casa Cortez \(1939-1941\), Porto](#)

Publicação de *A Moderna Architectura* Holandesa de F. Keil do Amaral

Projecto para o Bloco Habitacional Sá da Bandeira, Porto (não realizado).

Hotel Império, Praça da Batalha, Porto

Publicação de *A Architecture e a Vida* de F. Keil do Amaral

1940

1941

1942

1943

1944

Segunda Guerra Mundial

Publicação de *Space, Time and Architecture* de Sigfried Giedion

Publicação de *Can Our Cities Survive?* de Josep Lluís Sert

CARTA DE ATENAS - é publicada em França por Le Corbusier (dez anos depois do CIAM IV)

Publicação de *Brazil Built* pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque

1940

1941

1942

1943

1944

Segunda Guerra Mundial

Publicação de *Space, Time and Architecture* de Sigfried Giedion

Publicação de *Can Our Cities Survive?* de Josep Lluís Sert

CARTA DE ATENAS - é publicada em França por Le Corbusier (dez anos depois do CIAM IV)

Publicação de *Brazil Built* pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque

Publicação de *O Problema da Habitação* de F. Keil do Amaral

Plano de urbanização de Bragança de Janeiro Godinho

Formação do colectivo ICAT por Keil do Amaral

Formação do colectivo ODAM

1945

1946

1947

1948

1949

Fim da Segunda Guerra Mundial

Publicação de *Verso un'Architettura Organica* de Bruno Zevi

Publicação de *Les Trois Établissements Humains* de Le Corbusier

Le Corbusier. L'Unité d'Habitation de Grandeur Conforme (1945-52), Marselha

CIAM VI, Bridgewater (Inglaterra). Primeiro depois da Segunda Guerra Mundial

Publicação de *Saper Vedere l'Architettura. Saggio sull'interpretazione spaziale dell'architettura* de Bruno Zevi

Publicação do ensaio de Fernando Távora: *O problema da casa portuguesa. Falsa Architecture. Para uma arquitectura de hoje.*

Lisboa - I Congresso Nacional de Arquitectura, no qual apresentou uma tese intitulada *O problema português da habitação. Fez parte da Comissão de Redacção das conclusões e votos do mesmo congresso.*

Morada Francisco Borges, Porto

Morada Arisides Ribeiro, Porto

Começa a ser publicada integralmente a Carta de Atenas, na revista arquitectura (do nº 20, de Fevereiro de 1948 até ao nº 32, de Agosto de 1949)

Lisboa - I Congresso Nacional de Arquitectura, no qual apresentou uma tese intitulada *O problema português da habitação. Fez parte da Comissão de Redacção das conclusões e votos do mesmo congresso.*

Morada Francisco Borges, Porto

Morada Arisides Ribeiro, Porto

1945

1946

1947

1948

1949

Fim da Segunda Guerra Mundial

Publicação de *Verso un'Architettura Organica* de Bruno Zevi

Publicação de *Les Trois Établissements Humains* de Le Corbusier

Le Corbusier. L'Unité d'Habitation de Grandeur Conforme (1945-52), Marselha

CIAM VI, Bridgewater (Inglaterra). Primeiro depois da Segunda Guerra Mundial

Publicação de *Saper Vedere l'Architettura. Saggio sull'interpretazione spaziale dell'architettura* de Bruno Zevi

CIAM VII Bergamo (Itália)

Conjunto da Av. do Brasil (1954-63), com projecto de Jorge Segurado

Conjunto da Av. Infante Santo (1954-56), projectado por Alberto José Pessoa, Hermâni Gandra e João Abel Manta

Participa no encontro intermédio dos CIAM, na sede da UNESCO, em Paris

Extinção do colectivo ODAM

Casa das Marinhas (1954-1956), Esposende

Bloco Habitacional Costa Cabral (1953-1954), Porto

Moradia Armando Filibeiro (1953-1954), Seixas-Póvoa de Lanhoso

1954

CIAM IX, Aix-en-Provence (França): A Carta do Habitat. Alison and Peter Smithson apresentam *Urban Re-Identification Grid* rompendo com a Carta de Atenas e a Cidade Funcional

1953

Inauguração de *l'Unité d'Habitation de Grandeur Conflorme* de Le Corbusier em Marselha

Participa no encontro preparatório do CIAM IX, em Sigtuna (Suécia).

Organiza o grupo CIAM-Porto

Moradia Olívio França, Vila Verde

1952

CIAM VIII, Hoddesdon (Inglaterra): O Coração da Cidade

Assiste ao CIAM VIII, a convite dos professores Josep Lluís Sert e Sigfried Giedion, tendo sido nessa data nomeado seu delegado em Portugal.

Moradia Rocha Gonçalves, Porto

1951

Plano de Olivais Norte (1955-58), com projecto de José Sommer Ribeiro e Pedro Falcão e Cunha

Conjunto da Av. EUA (1955-57), projectado por Pedro Cid, Manuel Laginha e João Vasconcelos Esteves

Início do Inquérito à Arquitectura Popular

Participa no encontro intermédio dos CIAM, em La Sarraz (Suíça)

Ante-Plano de Urbanização, Vila Verde

Bloco de Gaveto (Rodrigues Sampaio, Canceleda Velha), Porto

Concurso "Monumento ao Infante", Sagres

Casa das Marinhas (1954-1956), Esposende

1955

Publicação de *Le Modulor II* de Le Corbusier

1956

CIAM X, Dubrovnik (Jugoslávia), *Habitat*

1957

Hospital Regional de Bragança (Projecto: 1957, Inauguração: 1973)

1958

É convidado pela Câmara Municipal de Esposende para remodelar o Hotel Suave Mar e para ser arquitecto consultor e urbanista da Câmara.

1959

CIAM XI, Oterlo (Holanda), Último encontro CIAM.

Conjunto da Av. do Brasil (1954-63), com projecto de Jorge Segurado

Conjunto da Av. Infante Santo (1954-56), projectado por Alberto José Pessoa, Hermâni Gandra e João Abel Manta

Participa no encontro intermédio dos CIAM, na sede da UNESCO, em Paris

Extinção do colectivo ODAM

Casa das Marinhas (1954-1956), Esposende

Bloco Habitacional Costa Cabral (1953-1954), Porto

Moradia Armando Filibeiro (1953-1954), Seixas-Póvoa de Lanhoso

1954

CIAM IX, Aix-en-Provence (França): A Carta do Habitat. Alison and Peter Smithson apresentam *Urban Re-Identification Grid* rompendo com a Carta de Atenas e a Cidade Funcional

1953

Inauguração de *l'Unité d'Habitation de Grandeur Conflorme* de Le Corbusier em Marselha

Participa no encontro preparatório do CIAM IX, em Sigtuna (Suécia).

Organiza o grupo CIAM-Porto

Moradia Olívio França, Vila Verde

1952

CIAM VIII, Hoddesdon (Inglaterra): O Coração da Cidade

Assiste ao CIAM VIII, a convite dos professores Josep Lluís Sert e Sigfried Giedion, tendo sido nessa data nomeado seu delegado em Portugal.

Moradia Rocha Gonçalves, Porto

1951

Plano de Olivais Norte (1955-58), com projecto de José Sommer Ribeiro e Pedro Falcão e Cunha

Conjunto da Av. EUA (1955-57), projectado por Pedro Cid, Manuel Laginha e João Vasconcelos Esteves

Início do Inquérito à Arquitectura Popular

Participa no encontro intermédio dos CIAM, em La Sarraz (Suíça)

Ante-Plano de Urbanização, Vila Verde

Bloco de Gaveto (Rodrigues Sampaio, Canceleda Velha), Porto

Concurso "Monumento ao Infante", Sagres

Casa das Marinhas (1954-1956), Esposende

1955

Publicação de *Le Modulor II* de Le Corbusier

1956

CIAM X, Dubrovnik (Jugoslávia), *Habitat*

1957

Hospital Regional de Bragança (Projecto: 1957, Inauguração: 1973)

1958

É convidado pela Câmara Municipal de Esposende para remodelar o Hotel Suave Mar e para ser arquitecto consultor e urbanista da Câmara.

1959

CIAM XI, Oterlo (Holanda), Último encontro CIAM.

Início do SAAL

Convidado pela UNESCO a fazer parte como docente do curso organizado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade de S. Paulo (Brasil) sobre Preservação e Revitalização de Núcleo Históricos.

Palácio da Justiça, Vila da Feira

Torres Campo Alegre, Porto

Palácio da Justiça de Caminha

Medalha de Honra da cidade de Ouro Preto

Demolição da Casa Cortez

Paços do Concelho, Vila da Feira (1972-1975)

Palácio da Justiça, Vila da Feira

Faculdade de Economia da Universidade do Porto (1961-1974)

Hospital Regional de Bragança (1957-1973)

1970

1971

1972

1973

1974

1975

1976

1977

1978

1979

1980

Representa o Governo Português na Reunião Internacional do Conselho da Europa realizado na cidade de Amesterdão, onde apresentou um trabalho em nome da referida Comissão Nacional.

Nomeado Presidente da Comissão Nacional do Ano do Património Arquitectónico Europeu.

Lar e escola de enfermeiras, Bragança

Apresenta um trabalho sobre o tema *O Centro Histórico na Evolução da Cidade Contemporânea*, na II Confrontação Europeia das Cidades Históricas, realizado em Estrasburgo pelo Conselho da Europa.

Volta a ser convidado pela UNESCO, para docente do 1º Protecção, Restauro de Imóveis Classificados e de Cidades Históricas, organizado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Federal do Recife (Brasil).

Foi Presidente da Comissão Organizadora do Instituto de Salvaguarda do Património Cultural e Natural, de 1977 a 1980.

Representa a Secretaria de Estado da Cultura na V Confrontação do Conselho da Europa, em Granada, sob o tema *A Arquitectura Rural no Planeamento do Território*, tendo apresentado um trabalho sobre acções de salvaguarda dos valores rurais, e nesse âmbito, um projecto para uma comunidade agrícola no nordeste português.

Nomeado Arquitecto Consultor do Comissariado para a Renovação Urbana da Área da Ribeira/Barredo, Porto.

Pásateira Norte, P.U., Porto (1977-1980)

Orientou o trabalho apresentado pela Secretaria de Estado da Cultura, sobre a Renovação do Centro Histórico da Zona da Ribeira/Barredo (Porto), apresentado na II Confrontação das Cidades Históricas, realizada pelo Conselho da Europa em Munique.

Representa a Secretaria de Estado da Cultura na VI Confrontação do Conselho da Europa, realizada na cidade de Ferrara (Italia) tendo como tema a *Vitalidade dos Conjuntos Históricos-Factor e Produto*. Apresentou um trabalho sobre a "Conservação do Património Arquitectónico, factor de reconquista da identidade cultural original-Praça Forte de Valença do Minho.

Moraçia Napoleão Amorim, Porto

Torre Campo Alegre, Porto

1975

1976

1977

1978

1979

Ocupa-se dos projectos e obras de recuperação e adaptação do Museu do Mosteiro da Santa Maria da Vitória, Batalha.

Desloca-se à Ilha de Moçambique, incumbido pela Fundação Calouste Gulbenkian para estudar e propor medidas tendentes à preservação e revitalização dos seus valores arquitectónicos e urbanísticos.

Ilha de Moçambique

1981

1982

1983

1984

Foi nomeado Conselheiro da Universidade Técnica de Lisboa.

Foi enviado pela Fundação Calouste Gulbenkian ao Estado de Rondônia, no Brasil, a solicitação do Governo Brasileiro, para estudar e propor medidas tendentes à recuperação e revitalização do Forte do Príncipe da Beira, localizado na margem do rio Guaporé, na fronteira com a república da Bolívia.

Ainda para a FCG desloca-se à Tailândia para início dos estudos de revitalização e protecção patrimonial do "Campo Português" de Ayutthaya - Igreja e Convento de S. Domingos.

Torre de menagem, Arzila

Jazigo Viana de Lima, Esposende

1986

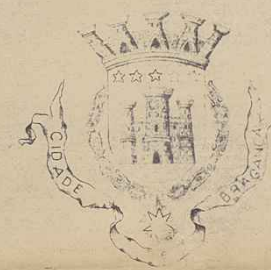
1987

1988

1989

Praça da República, Viana do Castelo

1985



PLANTA DA CIDADE DE BRAGANÇA

ESCALA 1:2000

1943



LEGENDA

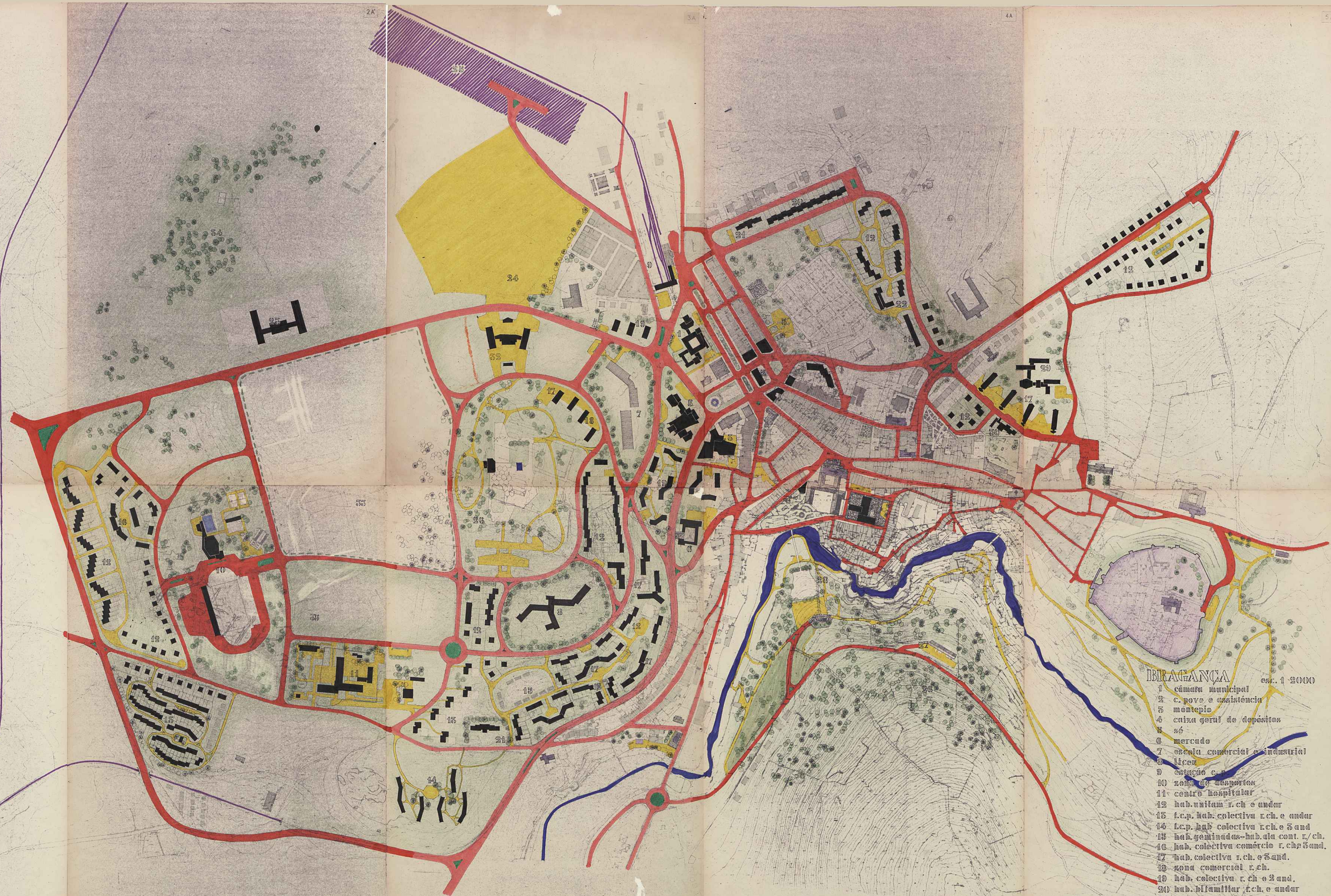
- EDIFÍCIOS DE INTERESSE PÚBLICO
- EDIFÍCIOS PRINCIPAIS PROJETADOS

- L E G E N D A
- CAMINHO DE FERRO
 - ESTRADAS NACIONAIS
 - RUA DE CIRCULAÇÃO
 - RUA DE DISTRIBUIÇÃO
 - ESTRADAS DE TURISMO
 - RIO PERANÇA
 - EDIFÍCIOS DE INTERESSE PÚBLICO
 - ZONA INDUSTRIAL
 - ZONAS VERDES DE PROTEÇÃO
 - ZONA HOSPITALAR E ASSIST. SOCIAL
 - ZONA DE PROTEÇÃO DO CEMITÉRIO
 - CENTROS ESCOLARES
 - ZONAS ARBORIZADAS
 - ZONAS "NON AEDIFICANDI"
 - NOVOS EDIFÍCIOS IMPORTANTES
 - NOVOS EDIFÍCIOS / CONSTRUÇÃO
 - CONTINUA COMERCIAL E RESIDENCIAL
 - HABITAÇÃO ISOLADA RUA
 - DISPERSA
 - ECONOMICA
 - RESERVA
 - NOVO QUARTEL
 - ZONA VERDE FLORESTAL
 - ZONA HISTÓRICA
 - DESPORTOS



CAMARA MUNICIPAL DE BRAGANÇA
PLANO DE URBANIZAÇÃO
PLANO DE URBANIZAÇÃO

[Handwritten signature]
1943



BURAÇANÇÃ Esc. 1:20000

- 1 câmara municipal
- 2 c. povo e assistência
- 3 montepio
- 4 caixa geral de depósitos
- 5 sô
- 6 mercado
- 7 escola comercial e industrial
- 8 liceu
- 9 estação c.p.
- 10 zona de desportos
- 11 centro hospitalar
- 12 hab. militar r.ch. e andar
- 13 f.c.p. hab. colectiva r.ch. e andar
- 14 l.c.p. hab. colectiva r.ch. e 3 and
- 15 hab. geminadas-hab. ala cont. r./ch.
- 16 hab. colectiva comércio r.ch. e 3 and.
- 17 hab. colectiva r.ch. e 3 and.
- 18 zona comercial r.ch.
- 19 hab. colectiva r.ch. e 2 and.
- 20 hab. familiar r.ch. e andar
- 21 escola primária
- 22 escola infantil
- 23 q. g. republicana
- 24 feira
- 25 zona industrial
- 26 parque
- 27 pensada

- 55 unidade militar
- 56 al. zona arborizar
- 57 zona hab. quartel e hospital

- 28 teatro ao ar livre
- 29 esc. de magist. primário
- 30 annexo museu-bib. públ.
- 31 posto de turismo
- 32 estação de camionagem

MEMÓRIA DESCRITIVA

É possível afirmar que uma boa parte dos aglomerados portugueses possuem uma individualidade, que sem ser extraordinária, é bela na sua simplicidade; Bragança é um destes casos: cabeça duma região cheia de pequenos núcleos, que se agarram à terra com a poderosa força dos líquens, ela própria é, em substância e expressão, como um daleo, só muito maior. Foi o borge dos Duques de Bragança, e o centro actual da cidade é o largo da Sé, no meio do qual se ergue um belo cruceiro seiscentista, constituído por uma coluna salomónica, ornada de cachos e de decorações geométricas. A cidade tem a altitude de 624 m. e o seu contorno abaixa-se e ergue-se na topografia do sitio rematado pela colina da cidade com o extremo encanto das coisas criadas sem pretensões. A parte fortificada foi provavelmente criada dentro dum plano; ainda assim, desenha o seu traçado com tal plasticidade e sentido orgânico, que dir-se-lhe gerada pelas naturais forças da natureza e não por uma vontade humana. Gostariamos de apelar para a boa vontade da D.G.S. N.N. para que lhe seja conservada toda a sua pureza e sobramdo o seu sentido humano; cremos que uma vez abandonada pelos serviços do aquartelamento militar, se torna necessário o seu aproveitamento para uma outra actividade: por que acreditamos firmemente que aquilo que o homem vem fazer para os seus fins, **deverá** continuar a servi-lo sob pena de se converter numa coisa morta, fria e ausente, que intriga mas não impressiona.

Foi muito esse ar reservado e sereno que encontramos em Bragança, que se tentou conservar neste estado de expansão. Há, como é evidente, muitos ajustamentos a fazer; mas julgamos fundamental afirmar essa preocupação que se manifesta na conservação de grandes manchas verdes, numa dispersão racional das habitações - que, aliás, se reflecte intencionalmente, na densidade obtida - numa intenção de aproveit-

tar no máximo o movimento do terreno, pela criação dum centro cívico que seja o elo entre a cidade velha e a nova expansão.

Dividimos esta explicação em 4 alíneas:

- a) Vias
- b) Parte velha
- c) Centro cívico
- d) Expansão

a) As plantas apresentadas, definindo um sistema viário, revelam o princípio que presidiu ao acerto de determinadas elementos constituintes do antigo ante-plano e à previsão de outros que sendo novos, necessariamente têm de se integrar no conjunto total e dar a satisfação às necessidades presentes e futuras.

Várias condicionantes foram atendidas:

- 1) Via do caminho de ferro
- 2) Vias de comunicação já desbuídas e iniciadas
- 3) Edifícios de interesse público construídos ou a construir
- 4) Topografia do terreno

Em relação ao problema do caminho de ferro tão frequente nos nossos aglomerados, que a continuar a existir no seu actual traçado condicionava a futura cidade em duas regiões - a nova e a velha - o seu desvio e penetração a norte aproveitando, com beneficiações, a actual estação, com seuvar-lhe-á a possibilidade fácil duma ligação às minas de ferro de Quadrante de primordial importância para o desenvolvimento económico da região e de enorme interesse para todo o país. Ao longo do seu novo percurso e numa extensão de cerca de 1,5 km. localizar-se-á a zona industrial e de armazéns.

2) No lugar das Canterias a E.N. nº 19 desviar-se-á de forma a ligar à futura E.N. nº 103 ou R.1 (via do caminho de ferro). Mantiveram-se as vias 19 ou E.8, 13-A, a E.N. nº 103, R.4 (ou futura E.N. nº 218) e ainda a via 10. A via R.1 ou futura E.N. nº 13 assenta sobre o leito da via férrea e liga a sul com as Estradas Nacionais nº 15 e nº 103 (estrada de Vinhais) e ainda com a via envolvente; esta via, 19, já também prevista no ante-plano primitivo, destina-se a desviar o trânsito dos feirantes do centro da cidade, dar fácil e directo acesso aos aquartelamentos da Guarda Nacional Republicana e Unidade Militar da Guarda

das Nacionais e Municipais, a servir os terrenos reservados para uma futura expansão e ainda, pelas suas características paisagísticas, vir no futuro a tornar-se numa via turística. A ligação desta via ao Campo de Aviação existente, deixou de ser considerada pelo facto da Direcção da Aeronáutica Civil, ter escolhido um terreno próximo do povoação de Sacois para onde pretende mudar o referido campo. Contudo, vindo a verificar-se ser aconselhável continuar também a manterem-se as pistas existentes, fácil se torna estabelecer a ligação da referida via com os serviços necessários à manutenção das pistas atrás indicadas. Todas estas vias, embora previstas no ante-plano primitivo, sofreram algumas alterações; umas devido à imperiosa necessidade de melhor se adaptarem à topografia do terreno, outras tendo em vista condicionantes existentes ou factores que embora não estejam concretizados estão contudo definidos e aceites.

3) Construções executadas:

Escola Comercial e Industrial (7)

Bairro da Federação das Caixas de Previdência (13)

Habitacões bifamiliares (20)

Escolas Primárias (21)

Construções a executar que já possuem terrenos escolhidos, aprovados, com projectos elaborados ou em estudo:

Liceu (8)

Estádio Municipal (10)

Hospital Regional (11)

Habitacões unifamiliares (12)

Bairro da Federação das Caixas de Previdência (14)

Quartel da Guarda Nacional Republicana (25)

Bairro para pobres

Edifício do Município (agência, estalagem, café-restaurant, cinema-teatro).

Mercado Municipal

Quartel destinado para uma Unidade Militar.

b) A parte velha procurou-se conservar, sendo restituir toda a sua nobreza e seriedade. Os projectos de edifícios a construir ou modificar nesta zona, são submetidos ao exame dos Serviços da Câmara, que nalguns casos já tem fornecido novo estudo - tentando a conservação duma unidade ainda existente.

Foi proposta a organização da praça maior da cidade (largo da Sé) que, ao que se crê, muito contribuiria para um contacto humano mais acentuado; cria uma zona de permanência, preservando a tranquilidade da Sé, possibilitando o enquadramento mais digno do palacete no conjunto circundante. Noutros tempos, constituiu este Largo o centro cívico da cidade. A restauração dessa sua antiga qualidade esteve presente no projecto do seu arranjo, no que conta de vida de relação a escala humana. / Muito próximo da Praça Professor Cavaleiro de Ferreira que será no futuro, o centro cívico, o largo constitui-lhe uma natural sequência de valores inter-ligados.

Está ainda pensada a edificação duma novo tipo de mercado, no sitio do actual, também com largas zonas de convívio, num prolongamento das zonas encontradas na solução do largo da Sé, criando espaços organizados e fluidos. Um aglomerado existe, muito principalmente, na vida de relação dos seus habitantes.

Ainda, no mesmo propósito, pensa-se numa zona verde envolvente do cemitério, que ao possibilitar novos espaços de recreio, transforma o actual Largo do Toural, feio e desabrigado, e dá novas possibilidades de enquadramento à capela de S. António.

Do outro lado do Farvenga situa-se a encosta de S. Bartolomeu, onde se encontra a Pousada do mesmo nome, distante, portanto, do núcleo urbano; para estabelecer uma ligação mais directa pensa-se num pontão sobre o rio; na encosta talhar-se-ia a concha dum teatro ao ar livre de que o perfil muito rico da cidade seria com aproveitamento de magníficos miradouros naturais, um admirável um

6

do, possuindo a leste a cidadela e a poente, com **contra-**
apente (nos antigos terrenos do 30) uma **fronça** - **zona ar-**
borizada; toda esta zona arborizada e **arborizada**, **poderia**
transformar-se num dos parques da cidade sem **esquecer que**
a estrada de acesso que é circular, ligava pontos como o
castelo do monte de S. Bartolomeu e o santuário de S. beça
Boa, além de admiráveis sotos de castanheiros.

- c) O problema do centro cívico arrastou-se muito tempo na dependência da questão da localização da Sé. Uma vez estabelecida esta, pode finalmente procurar-se um arranjo mais adequado para a Praça Professor Cavaleiro de Ferreira, beneficiando ainda da implantação de edifícios que a Câmara e entidades particulares solicitaram ao urbanista. A todo o conjunto procurou-se sempre e acima de tudo dar uma escala que não perturbe a existente - que nos parece a exata - e resolver o problema do atravessamento duma via de penetração rápida num espaço que há-de servir também para peões.

- d) Toda a zona de expansão abrange as terras do quadrante sul-poente, na sequência natural do desenvolvimento da cidade, beneficiando também duma melhor exposição; e ainda mais duas zonas: a da Avenida do Sabor, já em completo desenvolvimento e a situada a sul desta, onde se localiza a Escola do Magistério Primário e uma série de habitações em bloco.

As vias definem uma série de quarteirões irregulares com uma topografia difícil; dentro disto, procurou-se a distribuição de habitações de diversos tipos tendo a constante preocupação de lhes reservar logradouros e espaços livres abundantes. Nesta zona situam-se o novo hospital, o novo liceu, um mercado, terreno destinado ao aquartelamento militar, o quarteirão G.W.R., o parque desportivo, uma zona de reserva para futura expansão e uma estação de camionagem nas proximidades da feira. A proteger toda a zona dos ventos predominantes do noroeste, preconiza-se a criação duma zona densamente arborizada, a levar a efeito pelos Serviços Florestais.

Em todo o sistema tentou-se sempre a localização de parques de estacionamento tangenciais, a fim de se assegurar o sossego dos quarteirões, pertença de homens e não de máquinas.

(9)

VALORES ACTUAIS

População	10 000 hab.
Área (incluindo espaços livres e públicos, s/vias)	55 He
Densidade	181 Hab/He
Densidade (incluindo só construções e logradouros)	410 Hab/He

VALORES INDICADOS PARA A EXPANSÃO PROJECTADA

Nº de fogos	moradias	352	
	lucos	635	
			1037
População (a uma densidade de 2,5 de 4,5)			4 600 Hab
Área (incluindo espaços livres e públicos s/vias)			56 He
Densidade			84 Hab/He
Densidade (deduzindo: áreas de reserva parques edificios públicos e logradouros)			105 Hab/He

VALORES PREVISTOS PARA 1990:

População	16 412
População deduzindo 10 000	6 412
Área prevista para a expansão	70 He
Densidade	95 Hab/He

25 - 10 - 963

Viana do Alentejo

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Le Corbusier, *Maison Dom-Ino*, 1914

http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=5972&sysLanguage=en-en&itemPos=103&itemSort=en-en_sort_string1+&itemCount=215&sysParentName=&sysParentId=65

[02-10-17]

Figura 2 - Le Corbusier, *Maisons Monol*, 1919

http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6012&sysLanguage=en-en&itemPos=1&itemSort=en-en_sort_string1&itemCount=1&sysParentName=Home&sysParentId=11

[02-10-17]

Figura 3 - Le Corbusier, *Maison Citrohan*, 1922

http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=5950&sysLanguage=en-en&itemPos=4&itemSort=en-en_sort_string1&itemCount=6&sysParentName=Home&sysParentId=11

[28-11-16]

Figura 4 - Le Corbusier, *Une Ville Contemporaine de 3 Millions d'Habitants*, 1922

http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6426&sysLanguage=fr-fr&itemPos=8&itemSort=fr-fr_sort_string1&itemCount=8&sysParentName=Home&sysParentId=11

[02-10-17]

Figura 5 - Le Corbusier, *Une Ville Contemporaine de 3 Millions d'Habitants*, 1922

http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6426&sysLanguage=fr-fr&itemPos=8&itemSort=fr-fr_sort_string1&itemCount=8&sysParentName=Home&sysParentId=11

[28-11-16]

Figura 6 - Le Corbusier, *Immeubles-Villas*, 1922

http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6426&sysLanguage=fr-fr&itemPos=8&itemSort=fr-fr_sort_string1&itemCount=8&sysParentName=Home&sysParentId=11
[el-en.com/upload/LaboXX/REFERENTIES_Nieuw/1.%20Low-Rise,%20High-Density/C_Wolk/1922%20Immeuble-Villas%20Fruges%20LE%20CORBUSIER/72_Immeubles-villas_1922_01.jpg](http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6426&sysLanguage=fr-fr&itemPos=8&itemSort=fr-fr_sort_string1&itemCount=8&sysParentName=Home&sysParentId=11)

[28-11-16]

Figura 7 - Le Corbusier, *Pavillon de l'Esprit Nouveau*, 1925

<http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=5061&sysLanguage=en-en&itemPos=44&itemCount=78&sysParentId=64>

[28-11-16]

Figura 8 – Le Corbusier, *Plan Voisin*, 1925

http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6159&sysLanguage=en-en&itemPos=5&itemSort=en-en_sort_string1&itemCount=6&sysParentName=Home&sysParentId=11

[28-11-16]

Figura 9 - Le Corbusier, *Villa Meyer*, Neuilly-sur-Seine, 1926

http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6402&sysLanguage=en-en&itemPos=3&itemSort=en-en_sort_string1&itemCount=3&sysParentName=Home&sysParentId=11

[02-10-17]

Figura 10 – Le Corbusier, *Maison Cook*, Boulogne-sur-Seine, 1926

http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=4876&sysLanguage=en-en&itemPos=1&itemSort=en-en_sort_string1&itemCount=1&sysParentName=Home&sysParentId=11 [28-11-16]

Figura 11 – Le Corbusier, *Villa Stein-de-Monzie*, Garches, 1927

<https://divisare.com/projects/199431-le-corbusier-cemal-empden-villa-stein>

[28-11-16]

Figura 12 – Le Corbusier, *Villa Savoye*, Poissy, 1929

2.bp.blogspot.com/-_mTu4sb9gac/VBYU1BmEPNI/AAAAAAAAABCw/PPOrjiM-DJA/s1600/1.1.jpg

[28-11-16]

Figura 13 – Le Corbusier, *La Ville Radieuse: Une nouvelle ville remplace une ancienne ville*, 1931

www.cronologiadourbanismo.ufba.br/image.php/apresentacao-v1580-f927-original.jpg?width=800&height=800&image=/verbete_arquivo/imagens/apresentacao-v1580-f927-original.jpg

[28-11-16]

Figura 14 – Josep Lluís Sert, *Cidade dos Motores*, 1944

<https://www.flickr.com/photos/quadralectics/with/9077348079/>

[28-11-16]

Figura 15 – Le Corbusier, Plano de Saint-Dié, 1945-46

http://www.fondationlecorbusier.fr/corbuweb/morpheus.aspx?sysId=13&IrisObjectId=6332&sysLanguage=en-en&itemPos=186&itemSort=en-en_sort_string1%20&itemCount=216&sysParentName=&sysParentId=65

[28-11-16]

Figura 16 – João Faria da Costa, *Plano de Urbanização da Zona a Sul da Av. Alferes Malheiro* (Bairro de Alvalade), 1944

<http://infohabitar.blogspot.pt/2007/03/sobre-o-bairro-de-alvalade-de-faria-da.html>

[28-11-16]

Figura 17 – José Sommer Ribeiro, Pedro Falcão e Cunha, Plano de Olivais Norte, 1955-58

<http://bairrojardim.weebly.com/ceacutelula-a---olivais-norte.html>

[28-11-16]

Figura 18 – Carlos Duarte, José Rafael Botelho, Plano de Olivais Sul, 1960-61

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6b/Plano_Olivais_Sul_Jos%C3%A9_Rafael_Botelho_1961.jpg

[28-11-16]

Figura 19 – Viana de Lima, Casa Cortez, Porto, 1939-41

https://pt.wikipedia.org/wiki/Viana_de_Lima

[02-10-17]

Figura 20 – Viana de Lima, Planta da Casa Cortez, Porto, 1939-41

Retirada de **Arquitectura**. Lisboa, 3ª série, nº 74 (Março 1962). P. 33

Figura 21 - CIAM-Porto, *Habitat Rural*, Painel 2 da apresentação no CIAM X, 1956

Retirada de **Arquitectura**. Lisboa, 3ª série, nº 64 (Janeiro-Fevereiro 1959). Pp. 21-28

Figura 22 - CIAM-Porto, *Habitat Rural*, Painel 3 da apresentação no CIAM X, 1956

Retirada de **Arquitectura**. Lisboa, 3ª série, nº 64 (Janeiro-Fevereiro 1959). Pp. 21-28

Figura 23 – Ortofotomapa da cidade de Bragança, escala 1/35000

Figura 24 – Ortofotomapa da cidade de Bragança, com curvas de nível sobrepostas, escala 1/35000

Figura 25 - Vista do Castelo de Bragança, Portugal. Gravura, Duarte de Armas, "Livro das Fortalezas", c. 1509, prancha 89.

http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1157

[24-11-16]

Figura 26 - "Planta da Cidade de Bragança", Portugal. Desenho aguarelado, autor desconhecido, c. 1640, in "La memoria ausente. Cartografía de España y Portugal en el Archivo Militar de Estocolmo. Siglos XVII y XVIII".

http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1157

[24-11-16]

Figura 27 – “Planta da cidade de Bragança, e suas dependências: na qual os números denotam as alturas, estimadas em palmos, dos respectivos lugares sobre a praça P., que [sic] tem sobre o rio, em r 30 palmos, e em s 60, e que se pode tomar pello nivel medio da cidade / Luiz Gomes de Carvalho, capitão do Corpo Real dos Engenheiros, empregado no Exercito d'Entre Douro e Minho. - Escala [ca. 1:1700], 100 braças = [12,7 cm]. - 1801. - 1 planta: ms., color. ; 49 x 63 cm. 3829-1-4A-8 (DIE) data:1801”

http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1344

[24-11-16]

Figura 28 – Fundo Januário Godinho, cod. referência JG/170, doc. nº 03. Centro de Documentação da Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto [C DFAUP]

Figura 29 – Fundo Januário Godinho, cod. referência JG/477, doc. nº 01. C DFAUP

Figura 30 – Fundo Januário Godinho, cod. referência JG/477, doc. C. C DFAUP

Figura 31 - Fundo Januário Godinho, cod. referência JG/477, doc. D. C DFAUP

Figura 32 – Fundo Viana de Lima, cod. referência VL/ARQ/059-01, doc. nº03. C DFAUP

Figura 33 – Desenho interpretativo realizado pelo autor a partir do original [Figura 32]

Figuras 34-35 – Casa Tipo Toural, caixa *Plano Geral Urbanização-Lot. de Vale de Álvaro, Bragança-Arq. Viana de Lima*. Arquivo Municipal de Bragança

Figuras 36-39 – Desenho interpretativo realizado pelo autor a partir do original [Figura 32]

Anexo 3 - Fundo Januário Godinho, cod. referência JG/477, doc. D. C DFAUP

Anexo 4 - Fundo Viana de Lima, cod. referência VL/ARQ/059-01, doc. nº03. C DFAUP

Anexo 5 – *Memória Descritiva*. Arquivo Municipal de Bragança. Processo *Plano Geral Urbanização-Lot. de Vale de Álvaro, Bragança-Arq. Viana de Lima*

BIBLIOGRAFIA

PARTE I

1.1. Aproximação à Arquitectura e ao Urbanismo do Movimento Moderno

BOESIGER, Willy; BILL, Max; CORBUSIER, Le; STONOROV, Oscar

Le Corbusier. Oeuvre Complète. Basileia: Birkhauser – Éditions d'Architecture. 2006. 8 volumes.

CHOAY, Françoise

O Urbanismo. [*L'Urbanisme: Utopies et Réalités. Une Antologie*] São Paulo: Editora Perspectiva, 1992 [1965]

CORBUSIER, Le

Os Três Estabelecimentos Humanos. [*Les Trois Établissements Humains*] São Paulo: Editora Perspectiva, 1979 [1945]

Maneira de Pensar o Urbanismo. [*Manière de Penser l'Urbanisme*] Mem-Martins: Publicações Europa-América, Lda. [1946]

The Radiant City: Elements of a doctrine of urbanism to be used as the basis of our machine-age civilization. [*La Ville Radieuse: Elements d'une doctrine d'urbanisme pour l'équipement de la civilisation machiniste*] Nova Iorque: The Orion Press, 1967 [1933]

Vers Une Architecture. Paris: Flammarion, 1995 [1923]

CURTIS, William J. R.

Le Corbusier: Ideas and Forms. Oxford: Phaidon, 1986.

Modern Architecture Since 1900. Oxford: Phaidon, 1982

FRAMPTON, Kenneth

Le Corbusier. Londres: Thames and Hudson, 2001

Modern Architecture. A Critical History. Londres: Thames and Hudson, 1982 [1980]

MUMFORD, Eric

The CIAM discourse on urbanism. 1928-1960. EUA: MIT, 2000

ZEVI, Bruno

História da Arquitectura Moderna. [*Storia dell'architettura moderna*] Lisboa: Editora Arcádia, 1970 [1950]

1.2. Aproximação à Arquitectura e ao Urbanismo do Movimento Moderno em Portugal

AA.VV.

Equipamentos I. Lugares públicos y nuevos programas, 1925-1965. Fundación Caja de Arquitectos/
Fundación DOCOMOMO Ibérico, 2010

Inquérito à Arquitectura do Século XX em Portugal. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2006

ALMEIDA, Pedro Vieira de; FERNANDES, José Manuel

História da Arte em Portugal: A Arquitectura Moderna. Vol. 14. Lisboa: Publicações Alfa, 1986

BARBOSA, Cassiano

ODAM: Organização dos Arquitectos Modernos. Porto: ASA, 1972

BANDEIRINHA, José António

Quinas Vivas. Memória Descritiva de Alguns Episódios Significativos de Conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa dos anos 40. Porto: FAUP, 1996

CANNATA, Michele; FERNANDES, Fátima

Moderno Escondido: Bemposta. Arquitectura das centrais hidroeléctricas do Douro 1953-1964. Pí-cote. Miranda. Porto: FAUP, 1996

CARVALHO, Ricardo

A Cidade Social - Impasse. Desenvolvimento. Fragmento. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2016

CHICÓ, Mário Tavares; SILVA, J. H. Pais da; LIMA, Viana de

Aspectos da Arquitectura Portuguesa, 1550-1950. Lisboa: Comissão Nacional Portuguesa das Comemorações do 4º Centenário do Rio de Janeiro, 1965

FERNANDES, José Manuel

Arquitectura Modernista em Portugal. Lisboa: Gradiva, 1993

Arquitectos do Século XX: Da Tradição à Modernidade. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2006

FERNANDES, Manuel Correia

ESBAP: Arquitectura dos anos 60 -70. Porto: FAUP, 1988

FERNANDEZ, Sérgio

Percurso da Arquitectura Portuguesa 1930-1974. Porto: FAUP, 1988

FRANÇA, José Augusto

A Arte em Portugal no Século XX. Lisboa: Livraria Bertrand, 1974

GRANDE, Nuno

O verdadeiro mapa do universo. Uma leitura diacrónica da cidade portuguesa. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra, Departamento de Arquitectura, 2002

LACERDA, Manuel; SOROMENHO, Miguel; TOSTÕES, Ana
Arquitetura Moderna Portuguesa, 1920-1970. Lisboa: IPPAR, 2003

LAMAS, José M. Ressano Garcia
Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000

LÔBO, Margarida Souza
Planos de Urbanização. A época de Duarte Pacheco. Porto: FAUP, 1995

PORTAS, Nuno
"Prefácio" in Bruno Zevi, **História da Arquitetura Moderna.** Lisboa: Editora Arcádia, 1970. Pp. 7-23

PORTAS, Nuno; MENDES, Manuel
Arquitetura Portuguesa Contemporânea: anos sessenta, anos oitenta. Porto: Fundação de Serralves, 1991

RAMOS, Rui (coord.); SOUSA, Bernardo Vasconcelos e; MONTEIRO, Nuno Gonçalo
História de Portugal. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2012

ROSAS, Fernando; BRANDÃO DE BRITO, J. M.
Dicionário do Estado Novo. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.

SINDICATO NACIONAL DOS ARQUITECTOS
1º Congresso Nacional de Arquitectura [edição fac-similada]. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2008

TOSTÕES, Ana
A Idade Maior. Cultura e Tecnologia na Arquitetura Moderna Portuguesa. Porto: FAUP, 2015
Arquitetura portuguesa nos anos 50: "Os verdes anos" ou o movimento moderno em Portugal. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1994

TOSTÕES, Ana; BECKER, Annete; WANG, Wilfried
Arquitetura do Século XX: Portugal. Lisboa: Prestel, 1997

PARTE II

2.1. Viana de Lima

CAMPOS, João
Viana de Lima e a Introdução da Arquitetura Moderna em Portugal – Ensaio Sobre a Casa Cortez. Porto: Ubatelier – Arquitectura e Construção, 2011

CASTRO, Cármen Sofia

Viana de Lima. Coleção Arquitectos Portugueses. Vila do Conde: Quidnovi, 2011

LIMA, Viana de

Reviver Malaca. Malacca – A revival. Porto: Figueirinhas, 1988

SECCA, Amândio Fernandes (coordenador geral)

Viana de Lima: arquitecto 1913-1991. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Árvore, 1996

2.2. Bragança

FERNANDES, Fátima; CANNATÁ, Michele; CAMPELLO, Gonçalo Cabral

Mapa de Arquitectura de Bragança. ARGUMENTUM – Edições, estudos e realizações, 2004

FERNANDES, Mário Gonçalves

Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal (Viana do Castelo, Póvoa de Varzim, Vila Real, Chaves, Bragança) 1852/1926. Porto: FAUP, 2005

JACOB, João

Bragança. Lisboa: Editorial Presença, Col. Cidade e Vilas de Portugal, 1997.

LOPO, Albino Pereira

Bragança e Benquerença. Lisboa: Imprensa Nacional – FCG – Casa da Moeda, 1983. Edição fac-similada pela de 1900, extraída do “Boletim da Sociedade de Geografia”, n.º 3-4, de 1898-1899

DISSERTAÇÕES

CARVALHO, Ricardo

Habitat, Habitação Colectiva e Forma Urbana. Construir o Bairro em Portugal, da Cidade-Campo à Cidade Periférica, 1930-1970. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior Técnico, 2013.
Tese de Doutoramento

FERNANDES, Eduardo Jorge Cabral dos Santos

A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola. Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, 2010. Tese de Doutoramento.

GUERREIRO, Paulo Lima

Viana de Lima e a influência do Movimento Moderno na Arquitectura Portuguesa. A Coruña: E.T.S. de Arquitectura – Universidade da Coruña, 2014. Tese de Doutoramento.

MONIZ, Gonçalo Esteves de Oliveira do Canto

O ensino moderno da arquitectura. A reforma de 57 e as escolas de belas-artes em Portugal (1931-69). Coimbra: Departamento de Arquitectura FCTUC, 2011. Dissertação de Doutoramento.

REBELO, Daniela de Almeida

Bragança: Transformações Urbanas de uma Cidade. Coimbra: Departamento de Arquitectura FCTUC, 2008. Prova Final de Arquitectura.

ROSA, Edite Maria Figueiredo

ODAM: Valores Modernos e a Confrontação com a Realidade Produtiva. Barcelona: Escuela Tecnica Superior de Arquitectura de Barcelona, 2005. Tese de Doutoramento.

CATÁLOGOS:

A.A.V.V.

1º Exposição Nacional de Arquitectura, 1975-1985. Lisboa: AAP, 1986

Artistas Premiados nas I e II exposições de artes plásticas da Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986

FERNANDES, José Manuel (comissário)

Anos 60, anos de ruptura: arquitectura portuguesa nos anos 60. Lisboa: Livros Horizonte, 1994

MILHEIRO, Ana Vaz (coordenação)

Habitar em Colectivo. Arquitectura Portuguesa Antes do SAAL. Lisboa: ISCTE, 2009

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Arquitectura Nova em Trás-os-Montes. Porto: Árvore, 1985

ARTIGOS, REVISTAS E PERIÓDICOS:

Jornal dos Arquitectos:

ALVES COSTA, Alexandre

“Arquitectura Portuguesa”

Jornal dos Arquitectos. Lisboa, nº 185 (Agosto 1998). Pp. 36-43

TEOTÓNIO PEREIRA, Nuno

“Que fazer com estes 50 anos? O congresso de 1948”

Jornal dos Arquitectos. Lisboa, 186 (Setembro 1998). Pp. 35-37

TOSTÕES, Ana

“Portugal. Arquitectura do Século XX.”

Jornal dos Arquitectos. Lisboa, nº 185 (Agosto 1998). Pp. 12-21

TOUSSAINT, Michel

“Viana de Lima – um percurso moderno em Portugal”

Jornal dos Arquitectos. Lisboa, nº 166-167 (Dezembro/Janeiro 1997). P. 30

Revista **Arquitectura:**

A.A.V.V.

“I Congresso Nacional de Arquitectura”

Arquitectura. Lisboa, Ano XXII, 2ª série, nº 29 (Fevereiro-Março de 1949). Pp. 2-7.

“ A Carta de Atenas”

Arquitectura.

Lisboa, Ano XX, 2ª série, nº 20 (Fevereiro de 1948). Pp. 23-24.

Lisboa, Ano XX, 2ª série, nº 21 (Março de 1948). P. 23.

Lisboa, Ano XX, 2ª série, nº 22 (Abril de 1948). Pp. 23-24.

Lisboa, Ano XX, 2ª série, nº 23-24 (Maio-Junho de 1948). Pp. 39-40.

Lisboa, Ano XX, 2ª série, nº 25 (Julho de 1948). Pp. 19-21.

Lisboa, Ano XX, 2ª série, nº 26 (Agosto-Setembro de 1948). Pp. 19-20.

Lisboa, Ano XXI, 2ª série, nº 27 (Outubro-Dezembro de 1948). Pp. 17-19.

Lisboa, Ano XXII, 2ª série, nº 28 (Janeiro de 1949). Pp. 15-16.

Lisboa, Ano XXII, 2ª série, nº 29 (Fevereiro-Março de 1949). Pp. 15-16.

Lisboa, Ano XXII, 2ª série, nº 30 (Abril-Maio de 1949). Pp. 15-16.

Lisboa, Ano XXII, 2ª série, nº 31 (Junho-Julho de 1949). Pp. 17-18.

Lisboa, Ano XXII, 2ª série, nº 32 (Agosto-Setembro de 1949). Pp. 17-18.

“Hospital Regional de Bragança”

Arquitectura. Lisboa, 3ª série, nº 117-118 (Setembro-Dezembro 1970). Pp. 192-193

“José Carlos Loureiro. Pousada em Bragança.”

Arquitectura. Lisboa, 3ª série, nº 78 (Maio de 1963). Pp. 13-16.

“Tese ao X Congresso do CIAM. Arquitectos Viana de Lima, Fernando Távora e O. Filgueiras”

Arquitectura. Lisboa, 3ª série, nº 64 (Janeiro-Fevereiro 1959). Pp. 21-28

PORTAS, Nuno

“Arquitecto Alfredo Viana de Lima: 1941 – Casa unifamiliar, no Porto, na R. Honório de Lima”

“Arquitecto Alfredo Viana de Lima: Casa Unifamiliar, em Seides.”

Arquitectura. Lisboa, 3ª série, nº 74 (Março 1962). Pp. 30-38.

Revista ***A Arquitectura Portuguesa Cerâmica e Edificação:***

A.A.V.V.

“Arquitecto Viana de Lima” Pp. 49-54.

“Ecletismo no Porto. Moradia pelo Arquitecto Viana de Lima” Pp. 7-12

A Arquitectura Portuguesa Cerâmica e Edificação. Lisboa, Ano XLVI, 4ª série, nº 3-4 (Abril de 1953)

“Uma casa no Pôrto, pelo Arquitecto Viana de Lima”

A Arquitectura Portuguesa Cerâmica e Edificação. Lisboa, Ano XXXVII, 3ª série, nº 112 (Julho de 1944).

Pp. 7-9

Revista ***Atrium: Revista portuguesa de arquitectura e artes plásticas:***

A.A.V.V.

“Duas Moradias no Porto. Arq.º Alfredo Viana de Lima”

Atrium: Revista portuguesa de arquitectura e artes plásticas. Lisboa, nº 2 (Novembro/Dezembro 1959).

Pp. 36-41

Revista ***L’Architecture d’Aujourd’hui:***

FRANÇA, José Augusto

“1930/1948: Le fascisme pur et dur”

L’Architecture d’Aujourd’hui. Paris, nº 185 (Maio/Junho de 1976). Pp. 2-7

PACIÊNCIA, João; TEOTÓNIO PEREIRA, Nuno

“Le Retour à l’Urbain”

L’Architecture d’Aujourd’hui. Paris, nº 185 (Maio/Junho de 1976). Pp. 27-29.

Revista ***Técnica: Revista de engenharia dos alunos do I.S.T.:***

TEOTÓNIO PEREIRA, Nuno

“A Arquitectura e a Engenharia na Construção”

Técnica: Revista de engenharia dos alunos do I.S.T. Lisboa, nº 138 (Maio 943). Pp. 360-364

FONTES DOCUMENTAIS

1. Arquivo Municipal de Bragança

Processos Consultados:

- Plano Geral de Urbanização da cidade-Elab. do plano 1939-1958 Arq. Januário Godinho
- Plano Geral Urbanização-Lot. de Vale de Álvaro, Bragança-Arq. Viana de Lima

- *Plano Parcial da Zona compreendida entre as Beatas e o Governo Civil*
- Processo 0013: *Caixa Geral Depósitos Bragança-Construção do novo edifício para Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência 1961-1971*
- Processo 007G: *Câmara Municipal de Bragança - Permuta de terrenos com o Ministério Exército, 1967-1968*
- Processo 00018: *Casas económicas (2º grupo), Aquisição de terrenos-Plantas arranjo parcial terrenos envolventes bairro da F. C. Previdência 1960-1969*
- Processo 0017: *Construção da Casa do Povo em Bragança-Estudo terreno para construção 1969-1972*
- Processo 00046A: *Construção Estádio Municipal- Prog. de concurso 1963*
- Processo 00046M: *Construção Estádio Municipal*
- Processo 00046B: *Construção Estádio Municipal, 2ª fase, 1971-1973*
- Processo 00046F: *Construção Estádio Municipal, 1958-1968*
- *Construção Residência do Guarda da Estação Elevatória 1960-1961*
- Processo 00018c: *Construção Casas económicas, 1958-1967*
- Processo 0095A: *Escola do Magistério Primário, 1964-1978*
- Processo 0091: *Escola Industrial e Comercial, Bragança*
- Processo 0111: *G.N.R. Constr. Quartel-1958-1974*
- Processo 00124: *Rem. e Amp. da Praça do Mercado- Bragança, 1965-1980*

2. Centro de Documentação da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto:

- Fundo Januário Godinho
- Fundo Viana de Lima

SÍTIOS DIGITAIS

Câmara Municipal de Bragança

www.cm-bragança.pt

Sistema de Informação para o Património Arquitectónico

www.monumentos.pt